

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALISSON OLIVEIRA DA COSTA

A EXPRESSÃO PUNK EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1986 E 1997.

CAXIAS DO SUL

2021

ALISSON OLIVEIRA DA COSTA

A EXPRESSÃO PUNK EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1986 E 1997.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dr.^a. Katani Maria Monteiro Ruffato.

CAXIAS DO SUL

2021

ALISSON OLIVEIRA DA COSTA

A EXPRESSÃO PUNK EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1986 E 1997.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dr^a. Katani Maria Monteiro Ruffato.

Aprovado (a) em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Katani Maria Monteiro Ruffato.

Universidade de Caxias do Sul.

Prof. Dr. Ramon Victor Tissot.

Universidade de Caxias do Sul.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares por todo o apoio, incentivo, ajuda e suporte dados a mim durante a graduação, em especial, agradeço à minha mãe Gládis Rosa Oliveira da Costa e a minha irmã Tadjí Oliveira da Costa por terem me estimulado a entrar no curso de história e concluí-lo.

A minha orientadora, Katani Maria Monteiro Ruffato, por todo o aprendizado, estímulo e apoio, não só no processo de produção da pesquisa, mas sim em todo o meu período na universidade.

Aos amigos do projeto Oqimportacx, por todas as fontes e informações compartilhadas e a ajuda dada no momento da produção das entrevistas. Foram fundamentais para enriquecer este trabalho. Falando em entrevistas agradecer, também ao Roberto Marcon e aos demais entrevistados, pela valiosa ajuda e por seus relatos e fontes cedidas. Também possuem destacado papel nessa pesquisa, pois além de ajudarem a enriquecê-la, ainda possibilitaram que a trajetória de toda uma geração punk da cidade de Caxias do Sul fosse lembrada e valorizada.

E, por fim, agradecer imensamente a todos os meus amigos, sem exceção, pelo apoio, paciência, ajuda e, principalmente, compreensão nos momentos em que a vida acadêmica exigiu que eu tivesse que me ausentar. A todos vocês meu muito obrigado!

Punk Rock é vida- É autonomia.

O expressar sincero- É autonomia.

*Quero ser e me expressar
também...*

*Trecho da música Era. Banda
Cólera.*

RESUMO

O punk é um fenômeno contra cultural urbano que desde meados da década de 1970, utiliza a arte como principal ferramenta de crítica ao sistema e modo de vida tradicionais da sociedade capitalista, principalmente através da música e da estética. Com músicas compostas por em média três acordes, com sonoridade rápida e pesada, além da utilização de roupas totalmente fora de sintonia com os padrões da moda. O indivíduo punk tenta chamar a atenção da sociedade com a finalidade de construir um novo modo de vida, baseado na ausência de hierarquias, coerção, preconceitos e consumismo. O presente trabalho tem como objetivo estudar como funcionava a expressão punk em Caxias do Sul, sobretudo por meio de entrevistas de história oral, onde se busca perceber o que motivava o punk caxiense a se expressar, e quais eram as ferramentas de fala utilizadas pelos integrantes do movimento.

Utilizando os conceitos de campo, habitus e violência simbólica, trabalhados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, a pesquisa utiliza o método interdisciplinar para compreender como o indivíduo punk entendia a sociedade em que vivia, ou seja, qual sua visão sobre o comportamento social, a política, as relações sociais, os problemas urbanos, as disputas entre classes e o que era ser punk para ele. Assim a partir da visão dos próprios punks sobre a realidade social procuramos apontar suas formas de expressão e ativismo.

Palavras chave: Movimento Punk, Contracultura, Caxias do Sul.

RESUMEN

El punk es un fenómeno contra cultural urbano que desde mediados de la década de 1970, utiliza el arte como principal herramienta de crítica al sistema y modo de vida tradicionales de la sociedad capitalista, principalmente a través de la música y la estética. Con canciones compuestas por un promedio de tres acordes, con sonido rápido y pesado, además de la utilización de ropa totalmente fuera de sintonía con los estándares de la moda. El individuo punk intenta llamar la atención de la sociedad con el fin de construir un nuevo modo de vida, basado en la ausencia de jerarquías, coerción, prejuicios y consumismo. El presente trabajo tiene como objetivo estudiar cómo funcionaba la expresión punk en Caxias do Sul, sobre todo por medio de entrevistas de historia oral, donde se busca percibir lo que motivaba el punk caxiense a expresarse, y cuáles eran las herramientas de habla utilizadas por los integrantes del movimiento.

Utilizando los conceptos de campo, habitus y violencia simbólica, trabajados por el sociólogo francés Pierre Bourdieu, la investigación utiliza el método interdisciplinario para comprender cómo el individuo punk entendía la sociedad en que vivía, es decir, cuál era su visión sobre el comportamiento social, la política, las relaciones sociales, los problemas urbanos, las disputas entre clases y lo que era ser punk para él. Así a partir de la visión de los propios punks sobre la realidad social buscamos apuntar sus formas de expresión y activismo.

Palabras clave: Movimiento Punk, Contracultura, Caxias do Sul.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Cartaz do festival Subverte Caxias no ano de 2014.....	9
Figura 2- Cartaz do Festival do Dia do Rock da cidade de São Marcos no ano de 2014.....	10
Figura 3- Banda Detrito Urbano.....	26
Figura 4- A banda The Casualties.....	28
Figura 5- Richard Hell na capa do disco <i>Blank Generation</i>	30
Figura 6- Banda Sex Pistols.....	32
Figura 7- Página do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988.....	35
Figura 8- Fragmento de fanzine caxiense da segunda metade da década de 1990.....	36
Figura 9 Página do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988 e reeditado em 1991.....	39
Figura 10- Capa do fanzine A Última Batalha, 1997.....	40
Figura 11- Fanzine Povo Explorado, década de 1990.....	41
Figura 12- Panfleto anarcopunk, já do ano de 1998.....	45
Figura 13- Formação da banda Detrito Urbano em 1987.....	57
Figura 14- Detrito Urbano em apresentação em festival na escola Melvin Jones em 1989.....	58
Figura 15- Capa do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988 e reeditado em 1991.....	62
Figura 16- Reportagem sobre o protesto do movimento punk Ovo Podre contra a Lei das onze.....	65
Figura 17- Faixa no Festival Polenta Frita ocorrido no ginásio do bairro Panazollo em 1997.....	68
Figura 18- Cartaz do primeiro festival Polenta Frita, ocorrido no Skate Park.....	69
Figura 19- Fanzine Pense Ágil, segunda metade da década de 1990.....	72
Figura 20- Fanzine Povo Explorado, década de 1990.....	73
Figura 21- Interior de fragmento de fanzine caxiense da segunda metade da década de 1990.....	74

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	Introdução	3
CAPÍTULO II	Do subúrbio norte americano a Caxias do Sul: como o punk começou?	18
CAPÍTULO III	Ser Punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997.	27
	<i>A ESTÉTICA PUNK</i>	28
	<i>LEITURA DO CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL PELOS PUNKS CAXIENSES</i>	34
	<i>O QUE ERA SER PUNK EM CAXIAS DO SUL?</i>	42
CAPÍTULO IV	Punk como movimento social	46
	<i>PUNK ROCK E ATIVISMO SOCIAL E POLÍTICO.</i>	47
	<i>O ATIVISMO PUNK EM CAXIAS DO SUL</i>	54
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
	ANEXOS	84
	ANEXO A	84
	ANEXO B	92
	ANEXO C	94
	ANEXO D	96
	ANEXO E	98
	ANEXO F	100

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade da década de 1970 passou a ser comum ver no meio urbano das grandes e médias cidades, grupos compostos por indivíduos vestidos de preto, roupas rasgadas, coturnos, penteado no estilo moicano ou cabelo espetado e tingido em várias cores. Essas pessoas utilizam das artes para expressar seu descontentamento com os problemas sociais contemporâneos como miséria, fome, desigualdade, autoritarismo, machismo, homofobia, racismo entre outros. Como já dito o canal mais utilizado para denunciar esses problemas frente toda à sociedade é a arte, principalmente a música caracterizada por uma sonoridade rápida, simples (geralmente em três acordes) e letras contendo críticas sociais e expondo seus medos e angústias. As artes plásticas como os fanzines, pequenos jornais artesanais que servem de canal de divulgação de ideias, manifestações de rua e até mesmo o teatro também são ferramentas de expressão dos chamados punks. Mas afinal o que é o *Punk*?

De acordo com a obra de Antônio Bivar intitulada “*O que é Punk?*”, existem diversos significados para o termo na língua inglesa, a palavra pode significar “madeira podre utilizada para acender facilmente um fogo até vagabundo de pouca idade” (BIVAR, 2001, p. 40). Nesse mesmo trabalho o autor também transcreve a definição de punk feita por Lou Reed, integrante e fundador da banda *Velvet Underground* (uma das precursoras do punk, da qual falaremos mais adiante), onde o músico afirma que punk é a definição de tudo que não presta, ou seja, o que era mal visto na metade da década de 1960, como: drogados, assaltantes, prostitutas adolescentes entre outros.

Mantendo ainda a linha de reflexão de como os membros da contracultura em questão definiram o significado do termo, chegamos a um dos mais conhecidos escritores sobre o tema na atualidade, o norte americano Craig O’Hara, produtor de fanzines, ativista social, músico e produtor artístico. O’Hara apresentou em seu mais conhecido trabalho intitulado a *Filosofia do Punk: Mais que barulho* (2005), todos os subgêneros e ideias que circulam em meio à contracultura. Em sua definição de *Punk*, o autor apresenta três definições que julga ser relevantes e verdadeiras: “o punk é uma tendência da juventude, é rebeldia com força e fibra e uma formidável voz da oposição” (O’HARA, 2005, p. 44). A primeira definição o

escritor descreve como sendo um bando de adolescentes falando besteiras pseudopolíticas e berrando filosofias de esquerda que mal sabem. A segunda conclusão é descrita como sendo alguém decidido, independente, pobre e suscetível a criar problemas e a terceira conclusão é apresentada como um movimento que luta pela paz e liberdade, baseado no amor e esperança e cria seu próprio estilo de vida, sua própria cultura, sua própria comunidade e sua própria música. (O'HARA, 2005). Ainda segundo o autor a primeira conclusão é a mais apresentada na mídia e a imagem mais popular do punk, embora seja a menos precisa.

Podemos nos perguntar se punk é uma contracultura, um movimento ou ambos? Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2019, p. 14) “Há várias contraculturas: é tudo o que está à margem, fora do establishment, que é exterior a cultura oficial”, logo como já vimos, o punk é muito mal visto pela sociedade em geral, os indivíduos são tidos como marginais e delinquentes, embora preguem ideias de liberdade, paz, amor e criem uma própria cultura baseada no não autoritarismo e num conceito definido por O'Hara, como não conformismo. Segundo o autor “os punks não têm muito respeito por autoridade de qualquer espécie, pois a obediência injustificada à autoridade resultou na aceitação em massa de atos nocivos” (O'HARA, 2005), isso já nos faz perceber uma tênue linha de ligação com o anarquismo, embora o escritor não tenha se aprofundado mais sobre o início dessa aproximação com o anarquismo e em o quê os indivíduos punks entendem como anarquismo, se eles compreendem a teoria e se se organizam segundo os modelos propostos pela mesma. Em certo ponto ele chega descrever o anarquismo como *liberdade com responsabilidade* o que pode abrir margem para interpretações errôneas, mas esse tema é assunto para outro trabalho.

O não conformismo baseia-se na percepção autônoma que o punk tem de toda a dominação e violência simbólica exercida pela classe dominante sobre o restante da sociedade. Ao compreender toda a estrutura de dominação, exploração e coerção o sujeito passa a se opor a ela e a buscar modos de combatê-la, ao mesmo tempo inicia um ativismo próprio com o objetivo de despertar nos demais a mesma compreensão de realidade que ele atingiu. Logrando sucesso nesse processo se forma um grupo de pessoas com ideias parecidas que nas palavras de O'Hara (2005), irão encontrar um laço de solidariedade e compreensão que não conseguem encontrar no restante da sociedade e assim irão reproduzir esse ativismo, agora de modo coletivo. Os membros da comunidade punk entendem o conformismo como aceitação passiva de toda a estrutura vigente e o questionam na tentativa de romper com essa

estrutura, como mostra a pesquisa de O'Hara (2005, p.34). “Os punks questionam o conformismo não apenas por parecerem e soarem diferentes (o que tem importância discutível), mas para colocar em xeque os modos de pensamento predominantes”, obviamente acabam sendo marginalizados pelos setores da sociedade que enxergam o modo de organização social vigente como algo natural e imutável ou se beneficiam dele, assim o grupo passa a ser combatido, excluído e ganha também inimigos urbanos.

O não autoritarismo e o não conformismo são as duas armas básicas que os punks usam para questionar o *status quo* e combater a dominação simbólica. Dessas duas ideias ramificam-se todas as outras pautas de luta dos mesmos que já foram citados no primeiro parágrafo, pois os problemas sociais, preconceitos e atos violentos de dominação são fruto de uma estrutura social hierárquica baseada na dominação simbólica, logo esse é o papel da contracultura, fornecer as armas para resistir a essa dominação, como expressou Bourdieu:

De uma maneira mais geral, penso que uma verdadeira contracultura deveria dar armas contra as formas suaves de dominação, contra as formas avançadas de mobilização, contra a violência branda dos novos ideólogos profissionais, que muitas vezes se apoiam em uma espécie de racionalização quase científica da ideologia dominante, contra os usos políticos da ciência, da autoridade da ciência, seja da ciência física ou da ciência econômica, sem falar da biologia ou da sociobiologia dos racismos avançados, isto é, altamente eufemizados. Em suma, trata-se de assegurar a disseminação das armas em defesa contra a dominação simbólica. (2019, p. 16).

O dicionário online de português¹ tem em uma de suas definições da palavra movimento o seguinte significado: “Ação de um grupo de pessoas que se unem com o mesmo propósito”, os punks se unem com um propósito em comum: questionar o *status quo* e combater os modos de pensamento dominante, além de utilizar uma cultura não oficial que estrutura-se nos já citados não conformismo e não autoritarismo, onde utilizam a arte em forma de música, teatro, literatura e pintura para expressar seu repúdio a todo o poder e coerção da classe dominante. Logo, podemos concluir que o punk é um **movimento contra cultural**, pois mesmo não tendo uma estrutura organizada de forma hierárquica, estatutos e pautas definidas os diversos grupos punks mantém laços de solidariedade e um objetivo e meios de alcançar esse objetivo em comum. O punk é o indivíduo que compõe esse movimento contra cultural e o faz existir e funcionar através de ideias de contestação da ideologia dominante, expressando essa contestação de diversas formas, principalmente através da arte como música e teatro, mas também através de manifestações e outros atos de rua.

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Quando idealizamos um projeto de pesquisa imediatamente pensamos em um tema em que somos identificados e pelo qual nutrimos simpatia, admiração e por consequência curiosidade em descobrir mais sobre o assunto e satisfação por investigá-lo. Durante o ano de 2016, ainda na fase do pré-projeto, pensei em diferentes temáticas para minha pesquisa como futebol, cultura indígena e o movimento punk. Optei pelo último por estar diretamente ligado ao meu gênero musical preferido, desde a adolescência e por toda a influência que a contracultura teve em minha vida desde então, como ter reforçado meu posicionamento político à esquerda e ter formado uma banda de punk rock e fazer parte dela há doze anos, completados em 2021.

Todo esse envolvimento me motivou a investigar mais sobre o tema para compreender melhor o início da cena punk em Caxias do Sul e como funcionavam as maneiras de expressão dos primeiros punks da cidade entre os anos de 1986 e 1997. Uma das primeiras fontes que tive acesso foram fanzines produzidos, principalmente, por punks caxienses durante a década de 1990. No início deste capítulo já analisamos do que se trata um fanzine, porém cabe o aprofundamento sobre algumas características do documento. O nome significa revista do fã, ou seja, feito pelo e para o fã, porém como apresenta O'Hara (2005, p. 66), "Os fanzines não devem ser confundidos com revistas que tem capa lustrosa, páginas coloridas e altos orçamentos. A maioria deles é feita em copiadora, grampeada, sem páginas numeradas, sem direitos autorais e nenhuma chance de rentabilidade", de fato todos os periódicos do acervo pessoal possuem essas características, além de serem rústicos e conterem erros de ortografia.

Como vimos os primeiros exemplares surgiram na década de 1970, mas segundo O'Hara (2005), o costume de confeccionar e difundir os panfletos explodiu na Califórnia durante a década de 1980, com o objetivo de apresentar as bandas e seus seguidores, em uma época sem internet e com o histórico das mídias de não abrir espaço para a divulgação de bandas de punk rock. Os membros da cena criam seus próprios veículos de imprensa, uma atitude clara da ideia norteadora do movimento: *faça você mesmo*, que resumindo a definição feita pelo já citado autor, trata-se de o indivíduo não esperar por uma força maior, um líder ou produtor artístico para executar determinada ideia ou projeto, mas sim, organizar-se e produzir essa ideia por conta própria e sem esperar por sucesso ou dinheiro. O'Hara (2005) diz que as primeiras publicações de grande circulação nos Estados Unidos foram o *Flipside*, *Slash* e o *Maximumrocknroll*, sendo este último o pioneiro em divulgar ideias políticas e a

circular na América do Sul, Japão, Europa e até na União Soviética, ajudando a criar uma comunidade punk a nível mundial.

Os exemplares do meu acervo pessoal divulgam temas variados como: defesa do meio ambiente, textos contra o nazismo, racismo e machismo, oposição a testes nucleares, posicionamento contra o preconceito aos punks, contra a desigualdade social, contra a violência e repressão estatal, contra políticos e governos em geral, e denunciado o problema de acesso a terra no Brasil, através de textos em defesa do movimento dos sem terra. Como dito anteriormente, a crítica social é o tema principal dos folhetos. Todos esses documentos me foram doados pelo primeiro baterista da minha banda no ano de 2011, no momento em que deixou a banda. Ele me entregou toda a coleção de fanzines que havia conseguido com um colega de trabalho mais velho, que o presenteou com os mesmos, quando descobriu que o garoto fazia parte de uma banda de punk rock. No dia da entrega, meu amigo disse que a coleção ficaria melhor em minhas mãos, pois eu continuaria tocando e iria precisar deles para compreender o movimento.

Ao analisar a coleção nota-se primeiramente a falta de datas na grande maioria das publicações, alguns sequer têm título, talvez seja proposital ou então estejam incompletos por terem partes perdidas ao longo dos anos. É muito comum em seu conteúdo à divulgação de outros fanzines e endereços para troca de exemplares via correios. Os periódicos incompletos não possuem o nome do autor e nem local de origem, porém em um deles está escrito a caneta “*Caxias do Sul-RS-Brasil*”, logo abaixo de um endereço onde se identifica o apelido “*Cascão*”. Como a cor da caneta e a caligrafia parece coincidirem com a cor e caligrafia de um texto do documento supõe que essa seja sua origem e esse seja seu autor.

Os panfletos nomeados: *Zine Pense Ágil e Revolta Zine* possuem endereço de Caxias do Sul para troca de exemplares, porém nessa mesma informação está assinado apenas com o mesmo nome do título, enquanto os fanzines *Povo Explorado e Nada de Não* possuem o nome e endereço de seus autores, também da mesma cidade e com o objetivo de troca de material via correspondência, uma análise mais profunda dos documentos é feita no decorrer dos capítulos III e IV. A coleção é composta também por publicações de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciando que o intercâmbio entre grupos de outros locais era minimamente constante.

De acordo com Silva (2017) o hábito de troca de material artístico via correspondência surgiu na década de 1960 e ficou conhecido como movimento *Mail-art*, onde produtores culturais e artistas de diversos países usavam o correio para troca de suas produções a baixo custo, publicando inclusive lista de endereços e pseudônimos dos autores. Essa rede de trocas criadas pelo referido movimento inspirou os produtores de fanzines a utilizarem a mesma estratégia para publicar suas produções e divulgarem o máximo possível suas ideias.

Como movimento contra cultural o punk se espalhou para vários países do mundo e tornou-se a voz de muitos jovens das periferias de grandes e médias cidades e se faz presente até mesmo em cidades pequenas, a música, o modo de se vestir e as ideias defendidas criaram um verdadeiro *esperanto* cultural onde o punk asiático consegue identificar-se com um punk brasileiro como um companheiro de luta e de resistência num mundo visto como desigual e violento. A pesquisa desse fenômeno se faz importante para compreender melhor a forma de expressão desse grupo em relação aos contextos sociais e políticos locais e mundiais, ou seja, até que ponto esse fenômeno contra cultural adapta suas pautas de expressão as realidades locais e em quais pontos ele reproduz as formas de expressão de maneira automática e universal, relacionando assim um contexto macro cultural e micro cultural. Faz-se necessário também compreender o modo de organização punk para selecionar e defender suas pautas e as formas escolhidas para externá-las e para qual público direcionar seu ativismo.

Outro motivo importante para a investigação do tema é que através de minha revisão bibliográfica não encontrei nenhuma obra tratando sobre esse movimento no município de Caxias do Sul, onde há diversos indivíduos que se tornaram adeptos desse grupo. Bandas, festivais do gênero e todas as ações dessa contracultura no município influenciam o aparecimento e expansão da mesma por várias cidades da região, pois a cidade por ser o grande centro da serra gaúcha, concentra locais para a promoção de festivais de bandas do gênero, sendo que muitos grupos musicais desse estilo, se deslocam de várias cidades até Caxias do Sul para se apresentar o que gera um intercâmbio, como os cartazes a seguir demonstram:



Figura 1- Cartaz do festival Subverte Caxias no ano de 2014. Nota-se a presença de bandas da cidade vizinha de São Marcos, de uma banda da capital Porto Alegre e uma banda do Uruguai, fonte: acervo pessoal do autor.

DIA DO ROCK 20107

CHUVISCO ANOMALIA
CORPORAL SOCIAL

M I G M 77

RESISTOR DESIGUAIS

INÍCIO
14:00h

LOCAL:
PRAÇA
DANTE
MAREUCCI



Figura 2- Cartaz do Festival do Dia do Rock da cidade de São Marcos no ano de 2014. Nota-se a presença de duas bandas de Caxias do Sul no evento, Resistor e Anomalia Social, acervo pessoal do autor.

Para completar a reflexão destacamos a importância da utilização da história oral, para valorizar a narrativa de todos os sujeitos envolvidos nas questões que norteiam a pesquisa, e esclarecer os novos problemas que emergiram durante o processo de produção do projeto, por exemplo: Como os indivíduos punks de Caxias do Sul percebiam a realidade em que viviam? O que significava ser punk para eles? Na compreensão do punk caxiense o que um punk deveria defender e em que deveria acreditar? Como o punk caxiense fazia para ser ouvido? Tendo o nome de três pioneiros na produção artística e cultural da cena caxiense entre a segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990, tenho como uma de minhas metodologias a produção de entrevistas para encontrar as respostas dessas questões. Somente com as entrevistas podemos responder essas dúvidas sobre a produção dos Fanzines, pois como já citado os exemplares possuem poucas informações sobre datas, autores e método de produção, assim a simples análise dos mesmos se mostra insuficiente.

As fontes orais são fruto do diálogo entre o narrador (entrevistado) e o historiador (entrevistador). Então, não são encontradas em arquivos, mas *cocriadas* pelo historiador com auxílio das informações transmitidas pelo narrador, como aponta Portelli:

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente a uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista. (2016, p. 10).

Em algum momento podemos até questionar a validade de uma fonte oral e pensar se narrativas de pessoas, que viveram em determinado contexto histórico teriam o mesmo peso de uma fonte documental. Essa reflexão é normal para nós que vivemos em uma sociedade alfabetizada e que dá valor oficial somente à palavra escrita: acordos, contratos, negociações... Praticamente tudo na sociedade contemporânea precisa ser apresentado por escrito para que assim, possa ganhar valor e veracidade frente a todos. Às vezes o próprio historiador é influenciado por essa cultura e tenta evitar trabalhar com a história oral, como argumenta Prins (2011, p. 168), “os historiadores vivem em sociedades alfabetizadas e, como muitos dos habitantes de tais sociedades, inconscientemente tendem a desprezar a palavra falada”.

Com tudo Portelli (2016) explica que as narrativas que constituem a história oral são uma ferramenta adicional no trabalho do historiador e por isso, estão sujeitas a mesma análise

crítica que as outras fontes a cerca de sua utilização e confiabilidade. Ademais, o autor ainda argumenta que é necessário fazer o cruzamento das entrevistas com outras entrevistas e tipos de fontes distintas a fim de verificar as informações. Por fim o profissional da história precisa estar atento no momento da entrevista para as “entrelinhas”, ou seja, os fatos que estavam além das perguntas do historiador e das respostas do narrador. São memórias que surgem durante o andamento da conversa mostrando-se preciosas e importantes para a pesquisa, como define Portelli (2016, p. 10), “a história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta”.

As entrevistas da pesquisa foram feitas à distância, porém em contextos diferentes. O primeiro entrevistado, de 53 anos, deu seu depoimento em 2016, ano em que foi elaborado o pré-projeto de pesquisa, durante a disciplina de Teoria e Metodologia da História II. A declaração foi colhida de modo escrito via rede social Facebook, pois a rotina de trabalho do entrevistado não possibilitou um encontro pessoal o que dificultou também a assinatura da carta de cessão para formalizar a autorização do mesmo para que seu nome fosse citado, por possuir apenas uma autorização oral e informal vamos nos referir a ele, durante o trabalho, como Primeiro Entrevistado. Além disso, outras pessoas convidadas a dar o seu depoimento acabaram desistindo ou não retornando mais o contato. Assim, a rede social se mostrou a melhor alternativa naquele momento. A segunda entrevista foi feita no ano de 2021, no momento mais prático da pesquisa, vivendo as excepcionais condições impostas pela grave pandemia de Covid-19. O encontro com o Segundo Entrevistado, 43 anos, se deu de maneira síncrona online via plataforma Google Meet. Nosso diálogo durou em torno de uma hora e vinte minutos, sendo extremamente valioso e tornando possível a criação conjunta de uma rica fonte oral sobre a história da contracultura punk caxiense durante a década de 1990, cabe destacar que esse convidado preferiu não se identificar, portanto será mencionado durante o trabalho como Segundo Entrevistado.

O terceiro entrevistado chama-se Roberto Marcon, 51 anos, ex-integrante da banda caxiense Detrito Urbano formada na segunda metade da década de 1980. Sua entrevista também foi feita no ano de 2021 no mesmo contexto da pandemia já citada. Além disso, o convidado reside atualmente em Cascavel no estado do Paraná, assim o depoimento foi colhido através do aplicativo Whatsaap, onde foi enviado um roteiro de perguntas a ele que as respondeu através de vídeos e posteriormente complementou sua fala através de texto, no mesmo aplicativo, para responder questões adicionais que lhe foram enviadas. Essa experiência já havia sido feita na disciplina do Estágio IV do curso de história, onde os acadêmicos com a mediação do professor Anthony Beux Tessari reuniram fontes para a

construção do site em comemoração aos 60 anos do curso de história da Universidade de Caxias do Sul no ano de 2020. Na ocasião já se vivia o contexto da pandemia, assim essas fontes foram buscadas através de ferramentas virtuais, onde se colheu depoimentos de egressos do curso através de vídeos no aplicativo whatsapp e e-mail, além de receber fotos, recortes de jornais, áudios e outros documentos do mesmo modo.

Apesar da utilização de entrevistas à distância ainda ser um tema de muito debate entre historiadores sobre a validade ou qualidade do método, cabe salientar que no presente momento, onde vivemos todo o contexto da pandemia, os encontros virtuais síncronos entre pesquisadores e entrevistados são a única maneira de trabalhar com história oral de forma segura. Porém, em outros contextos onde a distância dificulte a pesquisa de alguma maneira, essa prática é um modo de facilitar e viabilizar o prosseguimento do trabalho. Afinal com toda a tecnologia utilizada no século XXI, à familiaridade de grande parte das pessoas com a utilização de equipamentos eletrônicos como celulares e computadores faz com que essa opção seja mais acessível e até preferível pelos convidados. Além disso, grande parte dos equipamentos e aplicativos já conta com a opção de gravar o encontro e a já citada familiaridade com a tecnologia deixa os entrevistados mais a vontade:

Ao passo que a possibilidade de interações online é refutada com base na justificativa de que ela mutilaria os predicados de uma boa entrevista, suas vantagens são facilmente encobertas. Pra mencionarmos apenas uma delas, lembremo-nos que em entrevistas online sequer precisamos utilizar gravadores de voz- objetos tão injustamente ocultados por alguns entrevistadores, que supervalorizam sua capacidade de intimidação dos entrevistados. A maior parte de nossas “vestes digitais”, afinal, já possui dispositivos de gravação embutidos- como ouvidos estendidos capazes não apenas de escutar intensamente, mas também de documentar. (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2020, p. 06)

Aprofundando-se mais sobre a revisão bibliográfica prévia ao trabalho, descreveremos agora três trabalhos de pesquisa que tem o *punk* como temática: o primeiro aborda a cena punk de Curitiba, o segundo a cena punk de Porto Alegre e o terceiro analisa a estética das capas dos discos de bandas punks.

A obra intitulada “Deslocados desnecessários:” O ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000), Moraes trata de uma relação de poder. De um poder maior que cria e controla subjetividades sempre subordinadas ao um padrão pré-definido que favorecem a um

sistema, fazendo com que as pessoas tenham as mesmas ações, pensamentos e ideias já ditados por esse tal poder.

Trabalhando com o conceito de Michel Foucault de biopoder e da chamada por ele de “escrita de si”, a obra analisa a resistência dos indivíduos punks ao controle desse sistema e como a composição e o conteúdo dos “fanzines” revelam o que os indivíduos pertencentes à contracultura punk pensavam sobre a sociedade e a reflexão que faziam de si mesmos sobre sua conduta, modo de agir e pesar com relação aos outros, entrando em outro elemento de Foucault chamado subjetivação. No decorrer da obra pode-se analisar que a resistência ao sistema gera um ódio a ele, principalmente pelo sofrimento que o mesmo causa as pessoas, assim esse ódio e essa resistência influenciarão na ética punk de composição dos “fanzines”, sempre tentando denunciar e combater a dominação e falta de liberdade existentes nessa relação de poder, que muitas vezes ficam escondidas pelo consumismo e a mídia. A obra ainda cita mais autores logicamente como Bourdieu, mas trabalhando com esses conceitos de poder, dominação e resistência além de se fazer um estudo a cerca de um grupo ficou demonstrado traços da história social, o pesquisador também problematiza entrevistas com antigos membros do movimento trazendo também aspectos da história oral. Na análise dos “fanzines” é problematizada a maneira artesanal das composições feitas à mão, conteúdo crítico, raivoso, chocante e a maneira como os signos da moda, consumo e controle têm seu significado subvertido, o conteúdo das músicas, sua sonoridade e a maneira como a mídia em geral trata esse movimento cultural. Sempre tomando como base a relação de poder existente, a resistência dos indivíduos punks, suas reflexões e ações.

Já a obra “Somos expressão, não subversão!”- A gurizada punk em Porto Alegre (2006), Pereira propõe um estudo da maneira como os indivíduos punks da cidade de Porto Alegre narram a si mesmos e são narrados pelos outros. Como são apresentados no trabalho, esses sujeitos se encontram no meio público para compartilhar e atribuir significados as suas práticas através de vestimentas, músicas, bandas e outros materiais, desse modo começam a criar uma identidade do que é ser punk e quais atos são pertinentes a fazer parte desse movimento. O estudo apresenta, por exemplo, o que esses indivíduos consideram punk de verdade e o que é um punk de butique, ou seja, alguém que simplesmente se apropria dos signos e costumes dessa contracultura urbana sem compreendê-la muito, apenas com a finalidade de chamar a atenção, além disso, a autora apresenta a existência de algumas vertentes dentro do movimento como os anarco-punks e punks 77, fazendo uma análise de

como esses segmentos definem uns aos outros no quesito de ser/estar punk e como a sociedade em geral enxerga o próprio punk. Segundo a própria autora o caminho teórico e metodológico do trabalho é colocado no campo dos estudos culturais e da etnografia pós-moderna, tendo como base para elaboração de dados, entrevistas e análise de textos, imagens e fanzines.

Por fim o trabalho intitulado *A estética punk nas capas dos álbuns das principais bandas do gênero na década de 1970* é uma pesquisa de conclusão do curso de Publicidade e Propaganda. O motivo da escolha dessa obra foi verificar se por ela ter sido escrita por uma graduanda da Universidade de Caxias do Sul, seu estudo abordaria aspectos do punk local, porém esse ponto não é discutido. Focando-se na análise de conteúdo como metodologia, Kurmann (2015) analisa as capas dos discos das bandas Ramones, Sex Pistols e The Clash com o objetivo de verificar como a arte das mesmas expressava os ideais e a identidade do movimento punk e como os movimentos artísticos influenciavam na produção das mesmas, pois como a autora aborda em uma parte de seu trabalho, as capas de discos são objetos de prestígio e muito aguardadas pelo público, assim uma capa de disco bem elaborada consegue comunicar, informar e inovar, ajudando assim os artistas a criarem uma identificação com seu público. Cabe ressaltar também que a autora faz uma boa abordagem sobre a origem do punk em seu primeiro capítulo.

Quanto à metodologia de pesquisa cabe apontar que as fontes utilizadas para o trabalho são: os já citados fanzines, vídeos disponibilizados na internet de festivais punks realizados em Caxias do Sul na década de 1990, Jornal Pioneiro de 20 de dezembro de 1993, com uma pequena matéria abordando um protesto de um coletivo punk em Caxias do Sul e entrevistas com envolvidos na cena punk de Caxias do Sul. Com isso as fontes sejam escritas, visuais ou orais serão analisadas com o objetivo de compreender como os punks caxienses percebiam o *habitus* e a violência simbólica no meio em que estavam inseridos e como esse entendimento influenciava no modo de expressão desses indivíduos no momento de disputa por espaço de fala dentro da sociedade caxiense (campo social) durante o recorte temporal 1986-1997.

Os conceitos de Pierre Bourdieu, definidos por *campo*, *habitus*, *violência simbólica*, conceitos de movimento social e movimento contra cultural, constituem o referencial teórico norteador de todo o processo de pesquisa, todos esses conceitos serão discutidos de maneira mais aprofundada no decorrer dos capítulos III e IV.

Para concluir reforçamos que a diferença do presente trabalho diante dos trabalhos citados durante a revisão bibliográfica é pesquisar, como já mencionado, a relação dos conceitos de campo, *habitus* e violência simbólica com o modo de expressão dos punks caxienses entre o período 1986-1997, os primeiros onze anos da contracultura punk em Caxias do Sul. Para responder ao problema principal a pesquisa é organizada do seguinte modo: o presente capítulo introdutório, o capítulo II intitulado “*Do subúrbio norte americano a Caxias do Sul: como o punk começou?*” aborda a história do punk desde seu nascimento em Nova York até sua chegada a cidade de Caxias do Sul, o capítulo III intitulado “*Ser punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997*” trabalha sobre a leitura que os indivíduos punks de Caxias do Sul tinham da realidade em que viviam e o que significava ser punk para o punk caxiense, assim o capítulo está dividido em três subtítulos: o primeiro intitulado “A estética punk” contextualiza o nascimento da moda punk e analisa sua importância como ferramenta de expressão, os dois subtítulos seguintes estão detalhados abaixo:

**Leitura do contexto político e social pelos punks caxienses:*

Esse subtítulo tem como objetivo entender como os punks da cidade compreendiam a violência simbólica e o *habitus* vigente na sociedade do período através dos seguintes problemas propostos:

- Quem os punks enxergavam como responsáveis pelos problemas sociais que percebiam?
- O que achavam do comportamento da sociedade caxiense frente aos problemas sociais?
- Quem era e como agiam as forças dominantes do contexto para os punks caxienses? Estado? Burguesia? Ambos?

** O que era ser punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997?*

Esse subtítulo tem como objetivo investigar o que era ser punk para os punks caxienses do decênio citado e que valor era dado à estética. Os problemas propostos são os seguintes:

- O que um punk deveria defender e em quais valores deveria acreditar?
- Os punks caxienses entendiam o visual como modo de expressão ou somente como símbolo de identificação?

O capítulo IV intitulado “*Punk como movimento social*” tem como finalidade investigar o ativismo e o modo de expressão dos punks caxienses em sua luta por espaço de fala, no campo social e político no município, durante o referido decênio. Esse é o capítulo conclusivo, pois após analisarmos como os sujeitos punks compreendiam o *habitus* vigente e o funcionamento da violência simbólica do local em que viviam, podemos entender como esses aspectos influenciavam na maneira de expressão e no ativismo do punk caxiense, na disputa por espaço de fala dentro da sociedade do município (campo social). Esse capítulo também está dividido em dois subtítulos: “Punk Rock e ativismo social e político”, onde é aprofundado o referencial teórico citado anteriormente e o subtítulo “O ativismo Punk em Caxias do Sul” onde os problemas propostos para nortear a discussão são:

- Como os punks da cidade faziam para divulgar as ideias que defendiam e como a sociedade caxiense reagia? Fanzines? Festivais musicais? Passeatas? Manifestações?
- Qual foi o primeiro coletivo punk da cidade? Qual o objetivo de sua fundação?
- Quais foram às primeiras bandas e como foram organizados os primeiros festivais?
- Havia algum tipo de censura?
- O anarquismo era utilizado pelos membros da cena punk caxiense como ideologia condutora ou somente como um símbolo?

Por fim, após o capítulo IV, está reservado o espaço para as considerações finais sobre a presente pesquisa. Cabe reforçar que a maior parte desse trabalho foi feito no período da pandemia da Covid-19 onde, devido às medidas restritivas somadas a falta de retorno de alguns contatos para entrevistas e cessão de material, não foi possível reunir uma quantidade satisfatória de fontes que possibilitasse um recorte maior do cenário punk caxiense do período, assim, talvez, alguns nomes de bandas, festivais, manifestações, fanzines ou pessoas não irão aparecer. Porém esse é só o primeiro passo da caminhada de uma pesquisa maior que pretendo executar num futuro próximo conforme as oportunidades acadêmicas na área da história forem surgindo.

CAPÍTULO II

Do subúrbio norte americano a Caxias do Sul: como o punk começou?

Existem muitos debates sobre o local exato do nascimento do punk rock, alguns membros do movimento contra cultural ou meramente fãs do gênero musical divergem se o estilo musical e os elementos contra culturais surgiram nos Estados Unidos ou Reino Unido, porém, de acordo com o trabalho de O'Hara (2005, p.31) “Em geral, pensa-se que foram os nova-iorquinos que inventaram o estilo musical, enquanto os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido”, de fato ao analisar o trabalho de Legs Mcneil e Gillian McCain intitulado *Mate-me Por Favor, a história sem censura do punk (2017)*, compilação de diversas entrevistas dos primeiros punks dos Estados Unidos e Inglaterra que participaram ativamente do movimento entre a metade da década de 1960 e início da década de 1990, e a já mencionada pesquisa de Craig O' Hara, percebe-se que o estilo musical realmente surgiu nos Estados Unidos com suas raízes ainda na metade da década de 1960 e teve sua explosão e politização em Londres no ano de 1977.

Por volta de 1965 um grupo de jovens do subúrbio de Nova York nos Estados Unidos liderados pelo músico Lou Reed fundam uma banda de rock batizada de *Velvet Underground*, após algum tempo a banda ganha uma vocalista chamada Crista Paffgen que utilizava o pseudônimo de Nico, logo o nome oficial da banda passou a ser *Velvet Underground and Nico*. Observando as argumentações de Mcneil e McCain (2017), podemos concluir que a banda foi a primeira a cantar a realidade de pobreza, drogas, prostituição e violência do subúrbio da grande metrópole, pois segundo o trabalho intitulado **Movimentos sociais e ensino de história: uma análise do movimento punk e suas representações no ensino fundamental** redigido por Érika Hasse Becker Neiverth (2013, p. 2) “a preocupação dos governos em manter a estrutura social baseada na ordem e no progresso, a pobreza, o desemprego, a fome crescia nos subúrbios das grandes cidades”. Musicalmente a banda ainda era muito parecida com as demais bandas de rock progressivo e psicodélico tão comum na década de 1960, porém suas letras com a temática explícita da realidade urbana já mencionada foram um diferencial importante, por exemplo, a música *Heroin* que falava nitidamente sobre

o consumo de drogas injetáveis e da agonia dos jovens frente aos problemas sociais que pareciam sem solução.

Na segunda metade da década de 1960 o rock progressivo estava em voga no cenário musical mundial. As bandas ficaram imensamente famosas, milionárias e seus shows lotados não proporcionavam mais um contato direto entre o público e seus fãs, além de que, como definiu o jornalista, ator e produtor Ezequiel Neves, em depoimento sobre o rock progressivo ao documentário **“Botinada: A origem do Punk no Brasil (Moreira, 2006)”**, “complicava e matava o rock”. Com essas palavras pode-se entender que com o estilo progressivo o público não tinha a oportunidade de participar do espetáculo que é o concerto musical, apenas assisti-lo, além de sua sonoridade ser de difícil compreensão com músicas longas e cheias de solos. Assim não atraía os amantes do velho rock cheio de energia e contestador. As bandas desse estilo como Pink Floyd e Rolling Stones pregavam o que definiu Neiverth (2013, p.2) “ideologia de paz e amor”, o que não condizia com a realidade de medo e sofrimento dos jovens da periferia, que buscaram no punk rock uma nova maneira de expressão e de sentirem-se representados, afinal contextualizando melhor o período Rodrigues (2012 apud KURMANN, 2015) diz que a agitação mundial causada por fatos como a Guerra do Vietnã, as marchas sobre Paris e a ameaça atômica causava na humanidade um clima de tensão e medo, logo nem todos os jovens ficavam totalmente alheios a essa conjuntura.

Inspirados pelas ideias da *Velvet* jovens do subúrbio da cidade de Detroit formam no mesmo período duas bandas a *MC5* e *Iggy Pop and The Stooges*. De acordo com Mcneil e Mccain (2017) é apresentado que Iggy Pop, músico e vocalista dos Stooges, que ficou impressionado com o trabalho da *Velvet Underground* e decidiu formar uma banda e compor suas próprias músicas, os garotos de ambas as bandas eram muito próximas, assim os dois grupos começaram praticamente juntos e foram além da ideia da banda inspiradora de cantar sobre a realidade suburbana; eles tentaram resgatar o estilo do rock do início da década de 1960, rápido, cheio de energia e contestador, a temática das músicas era baseada em festas adolescentes, drogas e sentimentos como amor, solidão, angústias e contestação a ideias conservadoras. Cabe destacar também a banda *Death* formada na mesma cidade, Ernani (2020) argumenta que esse foi o primeiro conjunto punk formado exclusivamente por negros, os membros que eram irmãos começaram tocando *funk*, mas passaram a tocar rock depois de conhecerem bandas como *The Who* e *Alice Cooper*. A cena de Detroit ficou conhecida como *proto-punk*.

Com o já citado contexto da década de 1960 com seu conservadorismo, medos e tentativas de reação, chegamos à década de 1970, o artigo de Neiverth (2013), salienta que “o surgimento do Ridiculous Theater, uma companhia de teatro formada por *drag queens* e deficientes físicos, que utilizavam em suas apresentações roupas feminina e muita purpurina para simbolizar a ostentação norte-americana, foi à primeira tentativa de denunciar tudo o que o poder escondia”, essa companhia teatral tinha como proposta principal confrontar os valores norte americanos e chocar seu público nos espetáculos (MCNEIL; MCCAIN, 2017), podemos compreender assim que o *teatro ridículo* executava uma arte de protesto, assim esse grupo de certa forma inspirou jovens insatisfeitos da época a usarem o mesmo figurino e passarem a contestar o sistema da mesma maneira, ainda Neiverth (2013) apresenta que “enquanto as bandas de rock” progressivo se afastavam de seu público e enriqueciam, um grupo de jovens inspirados pela ideologia do Ridiculous Theater, formavam a banda New York Dolls, com suas letras de protesto, músicas agressivas e figurino feminino essa banda foi a responsável pela criação do “*faça você mesmo*”, a ideia central que inspirou e moveu o movimento punk, o trabalho de Milani (2008) diz que a já citada ideia “fomentou as bandas a se formarem para cantar sobre a sua própria realidade”, logo durante essa década houve o surgimento de diversas bandas que ajudaram a construir o movimento contra cultural.

Como é exposto por Mcneil e McCain (2017) o New York Dolls fez suas primeiras apresentações no *Max's Kansas City*, espaço que funcionava no andar de baixo da sede do teatro, de início era uma espécie de bar e discoteca frequentada pelos membros e simpatizantes da companhia, logo depois foi instalado um palco para apresentações de bandas de rock, os Dolls por usarem o mesmo visual dos artistas e compartilharem das mesmas ideias fizeram suas primeiras apresentações ali, em poucos dias o local já lotava com um público diverso, não sendo mais restrito aos artistas. O estilo extravagante dos Dolls foi definido pela imprensa e público segundo Milani (2008, p. 3) “como *Glitter Rock*”, por conta de seu desempenho no palco que muitas vezes era vista com o homossexual e chocava a sociedade da época.

“O punk surgiu para refletir a vida como ela realmente é, de dentro dos apartamentos desconfortáveis e pequenos dos bairros pobres, e não um mundo de fantasia e alienação que é vista em outros movimentos.” (BIVAR 2001, p.59), na verdade não podemos levar essa afirmação ao pé da letra, até mesmo para não glorificar de certa maneira o movimento punk como a única expressão corretamente crítica das mazelas do sistema. Interpretando melhor o

que já foi apresentado chegamos à conclusão que o punk surgiu através da reflexão e da leitura de mundo dos próprios indivíduos (não conformismo) que encontraram nesse movimento contra cultural uma forma de expressar sua revolta, afirmar sua existência e lutar por mudança do que viam como errado ou injusto.

Com o sucesso dos Dolls que como já citado inspirou muitos jovens a montarem suas bandas, surge também em Nova York à banda Ramones, para Milani (2008, p. 4) “os Ramones foram um marco para o punk rock e foram diversas vezes considerados um marco para música mundial”, com suas jaquetas de couro, cortes de cabelo esquisitos e como novamente cita Milani (2008) “músicas agressivas, cruas e simples, conseguiram agradar rápido o público assim como tinham feito os Dolls”, pois mostraram aos jovens da época que era possível fazer rock de uma maneira extremamente simples e abordando qualquer assunto como tema de suas canções. No começo a banda sofre algumas mudanças na sua formação, até se estabilizar como apresentam Mcneil e Mccain (2017) “com Joey nos vocais, Johnny na guitarra, Dee Dee no baixo e Tommy na bateria”, ainda os mesmos autores dizem que o nome Ramones foi sugerido por Dee Dee e logo todos adotaram o nome da banda como uma espécie de sobrenome, passando assim a ideia que o grupo era uma família, entretanto boatos não oficiais dizem que os músicos se inspiraram no pseudônimo usado por Paul McCartney ao se hospedar em hotéis na tentativa de fugir do assédio dos fãs, o famoso Beatle se registrava como Paul Ramon.

Os integrantes do grupo eram admiradores de bandas como Beatles e The Who, sendo assim nos seus primeiros ensaios tentaram tocar as músicas dos seus ídolos, entretanto no livro de Mcneil e Mccain (2017) diz que “os mesmos não possuíam muito conhecimento musical pra conseguir executar as composições de seus ídolos, assim começaram a criar suas próprias canções de maneira simples e tocá-las a sua maneira”, ainda como apresenta Milani (2008) “as letras do quarteto nova-iorquino ironizavam situações que os irritava, oprimia ou que ainda mexia de certa maneira com o que sentiam a respeito das situações diárias”, mantendo claro ainda a ética do “*faça você mesmo*” e do ideal contestador iniciado ainda com o Ridiculous Theater, ou seja, suas composições externavam sua revolta e a maneira com que viam o mundo.

Outra forma dos indivíduos espalharem suas ideias era através dos fanzines, de acordo com Bivar (2001, p. 51) “fanzine é a junção das palavras fan (fã em português) com magazine (revista em inglês). Fanzine = uma revista do fã, feito pelo fã e para o fã”, produzidos de

forma artesanal, fotocopiados e distribuídos durante festivais ou manifestações de rua, os panfletos contém uma espécie de arte e literatura punk, já que a composição desses escritos contém signos da cultura pop tendo seu significado subvertido e textos de protesto, de divulgação de bandas, festivais e outras campanhas de ativismo social. Os escritores da temática punk divergem sobre a origem desses periódicos, para Bivar (2001, p. 51) “o primeiro fanzine data de 1976 e foi batizado de *Sniffing Glue* (Cheirando Cola)”, Mcneil e Mccain (2017) afirmam que a revista criada por eles em 1975 intitulada de punk foi a pioneira, a impressão tinha temática adolescente falando sobre beber cerveja, filmes B, sexo, cheeseburgers e as novas bandas de rock que surgiam na cena suburbana nova iorquina e por fim a obra de Magalhães (2005 apud MORAES, 2010, p.70) nos apresenta que “o primeiro fanzine, um periódico artesanal escrito para divulgar a banda Ramones foi escrito por um amigo dos integrantes no ano de 1974”, talvez todos esses periódicos tenham surgido juntos e um autor não fizesse ideia do que o outro estava fazendo ou então já que a sonoridade punk se espalhou rápido é possível que o modo de produção da literatura punk tenha tido o mesmo efeito tão logo tenha chegado aos membros da cena o primeiro exemplar.

Nesse mesmo período o punk chega à Inglaterra, mais precisamente a cidade de Londres onde iria estourar. Mcneil e Mccain (2017) demonstram em sua obra que “em Nova York o punk era visto como um estilo boêmio, intelectual, adulto e com apelo mais artístico enquanto em 1976, quando chega a capital inglesa, encontra grande apelo entre adolescentes que levaram o estilo de uma maneira mais violenta e rebelde”, os jovens ingleses deram um novo significado ao punk tornando-o uma ferramenta de ativismo social. De acordo com o artigo de Milani (2008), “Malcolm McLaren ex-empresário do New York Dolls é quem leva o punk a terras britânicas, proprietário da loja de roupas jovens *Sex*, ele reúne quatro garotos que frequentavam seu estabelecimento e cria a banda Sex Pistols, que tinha a intenção de fugir do normal nas músicas e atitudes”. “Em um país extremamente conservador e com problemas sociais nas periferias, a banda logo alcançou o sucesso entre os jovens por sua postura no palco onde falavam palavrões, cuspiam e ironizavam os costumes ingleses”. (MILANI, 2008). Nas palavras de Milani (2008, p. 4), “os Sex Pistols foram grandes divulgadores do Punk no mundo todo, através de seus atos que eram amplamente divulgados pela mídia sensacionalista”, com isso o punk se espalha de vez por todo mundo, principalmente no ano de 1977, considerado o ano auge do movimento, quando surgiram várias outras bandas como The Clash e The Adicts, assim nesse contexto o punk se espalha pelo mundo chegando ao Brasil.

Em “**Botinada: A origem do Punk no Brasil (MOREIRA, 2006)**”, é apresentado que o estilo chega ao nosso país por volta de 1976 via Brasília, pelas mãos de filhos de funcionários federais (diplomatas, embaixadores) que tinham condições de viajar ao exterior e adquirir discos, porém o seu início de fato se dá em São Paulo capital onde como apresenta Milani (2008), “o movimento chega em 1977 através de caixas fechadas de discos importados”, os jovens da periferia paulistana convivendo com os comuns problemas urbanos logo se identificam com o estilo musical que retrata uma realidade similar a sua. Assim enxergam nele uma nova possibilidade de se manifestar criando suas bandas e grupos. No já citado documentário, o vocalista da banda paulistana Restos de Nada, uma das pioneiras do país, em seu depoimento se mostra incomodado pela afirmação do punk ter chegado primeiro a Brasília, nas palavras dele os “filhinhos de diplomatas estavam bancando os playboys revoltadinhos”, isso nos faz refletir como os jovens da periferia na época tomaram o punk como sua expressão exclusiva, criando assim uma espécie de regra de que o estilo não era coisa de indivíduos abastados. As primeiras bandas propriamente punks no Brasil são a já citada Restos de Nada, Condutores de Cadáver Ai-5, como é apresentado pelo referido documentário. Cabe ressaltar que em plena época da ditadura civil-militar brasileira, os indivíduos punks eram duramente reprimidos pelas forças de estado em suas manifestações culturais ou se simplesmente estivessem andando em grupo, além de, é claro, sofrer grande preconceito por parte da mídia e da sociedade em geral.

Por fim esse estilo chega ao Rio Grande do Sul no início dos anos 1980 com o surgimento da banda Os Replicantes em Porto Alegre, onde a cena começa a crescer. Assim segundo as entrevistas, podemos dizer que o gênero musical chega a Caxias do Sul de duas maneiras, como conta Roberto Marcon o punk rock chegou à cidade entre 1985 e 1986 quando alguns jovens começam a se identificar com a contracultura após ouvirem músicas de bandas como Os Replicantes e Camisa de Vênus durante a programação da rádio Ipanema FM², além disso, revistas como a *Bizz* já circulava no município e traziam algumas matérias sobre o punk rock, junto com elas LP’S e fitas K7 começaram a aparecer timidamente em lojas de Caxias do Sul, ajudando a divulgar o gênero musical entre os jovens que passaram a ouvir outras bandas punks brasileiras como Cólera, Ratos de Porão e Garotos Podres, além de bandas estrangeiras como *Dead Kennedys*, *Ramones* e *The Clash*³. Em 1987 Marcon fez contato com *New Face Records* de São Paulo, que comercializava por correspondência

² Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

³ Idem.

materiais como camisetas, bottons, LP'S, fitas K7 e fanzines que traziam muitas informações sobre bandas que estavam surgindo⁴. Assim o entrevistado e seus amigos formam, na Vila Ipiranga parte do bairro Cristo Redentor, a banda Detrito Urbano no final do ano de 1986, logo podemos apontar que essa é a primeira banda de punk rock de Caxias do Sul⁵. Os amigos e seguidores da banda costumavam se reunir nos ensaios realizados nos fundos da casa dos pais de Marcon e em um bar próximo chamado *Bar do Patinhas*, onde geralmente se encontravam antes de sair a noite⁶. A outra maneira foi através do contato entre indivíduos de Caxias do Sul e de Porto Alegre feito na segunda metade da década de 1980, quando os primeiros integrantes se encontram enquanto residiam no litoral catarinense, como aponta o Primeiro Entrevistado⁷, com isso os indivíduos caxienses ao retornar para o município trazem consigo os “fanzines” que haviam conseguido com seus amigos da capital, mais uma vez o estilo faz sucesso entre os jovens da periferia, que passaram a se reunir no centro da cidade ou em frente ao clube Juvenil para confraternizar⁸. Influenciados pelas informações obtidas através de periódicos artesanais de outras cidades e do contato com os punks da capital, em 1988 surge o primeiro fanzine caxiense intitulado “Ovo Podre”, com produção individual e artesanal era uma das maneiras que os indivíduos do município encontraram de manifestar seus ideais livremente, esses pequenos panfletos caseiros eram trocados via correio com outros indivíduos de outras cidades em um intercâmbio que começava quando os punks de outros lugares se encontravam em shows, para cobrir os custos de produção alguns eram vendidos durante os festivais, apesar da produção desses panfletos serem individuais, ideias e manifestações de outros autores eram anexados⁹.

Outra forma de manifestação dos punks caxienses era através de bandas, como já citado anteriormente, pois o estilo musical é simples, direto e fácil de ser executado. Seguindo a lógica do “*faça você mesmo*”, os integrantes começam a organizar seus próprios shows, divulgando os mesmos em bares através de cartazes fotocopiados, as primeiras bandas de Caxias do Sul foram a já citada Detrito Urbano (VEIGA; VIVAS; CARNIEL, 2021), Desordem e Regresso, Pele e Osso e Parto de Macaco¹⁰. O curioso é que na maioria das apresentações a intenção principal era a festa, assim não se juntavam só punks, havia também

⁴ Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

simpatizantes de outros estilos músicas que buscavam apenas se divertir desde fãs de metal até de músicas tradicionalistas¹¹, o que nos leva a refletir que o gênero musical punk por ser algo novo e diferente de tudo o que já tinha sido visto chamava a atenção e atraía as pessoas para conhecê-lo, com um variado número de apreciadores de estilos diferentes, os encontros algumas vezes saíam do controle o que ocasionava brigas, assim a polícia quando acionada reprimia fortemente¹². Voltando a abordar os fanzines caxienses, pode-se observar que seu conteúdo apresenta críticas e a tentativa de conscientização dos leitores, os temas abordados podem ser diversos, mas nos documentos analisados observamos críticas ao consumismo, desigualdade social, as armas nucleares e a defesa dos trabalhadores sem-terra, a crítica social é o carro chefe do conteúdo desses fanzines.

Devemos salientar que, no início, o punk rock caxiense era muito segmentado, cada banda tinha seu grupo de amigos e realizava shows e ensaios em separado¹³, os integrantes de uma banda sabiam da existência de outras, porém não havia uma aproximação maior para criar um movimento único como ocorreu a partir da década de 1990, por serem de bairros diferentes e não existirem redes sociais na época o contato entre grupos punks na cidade não era aprofundado¹⁴. O grupo de Marcon chegou a ter contato com fanzines vindos de São Paulo e também com o Ovo Podre, onde tiveram acesso a duas edições, porém não editaram outro fanzine e nem estreitaram relações com os criadores do título existente, reforçando o relato do pioneirismo do Ovo Podre, editado pelo primeiro entrevistado e seu grupo de amigos¹⁵.

Dessa maneira o punk se espalhou pelo mundo até chegar à cidade de Caxias do Sul, onde o estilo musical passou a ser a ferramenta de expressão de muitos jovens da cidade a partir da segunda metade da década de 1980. Adaptando a contracultura a realidade do município os punks caxienses passaram a idealizar demandas de luta em busca de melhorias na sociedade em que estavam inseridos, porém o que significava ser punk em Caxias do Sul entre os anos de 1986 e 1997? Pelo que lutavam e no que acreditavam? Contra quem lutavam? Essas são questões que analisaremos a partir do terceiro capítulo.

¹¹Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

¹²Idem.

¹³Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021

¹⁴Idem.

¹⁵Idem.



Figura 3-Banda Detrito Urbano em sua primeira formação em 1987. Acervo pessoal de Roberto Marcon.

CAPÍTULO III

Ser Punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997

Depois de analisar toda a história do surgimento da contracultura punk até sua chegada ao município de Caxias do Sul, temos que refletir como se deu a adaptação desse movimento à realidade do município e como foi seu funcionamento durante o recorte temporal 1986-1997. Assim o presente capítulo é organizado em três subtítulos: o primeiro intitulado *A estética punk*, onde temos como objetivo contextualizar o nascimento da moda punk e analisar sua importância como ferramenta de expressão, o segundo subtítulo intitulado *Leitura do contexto político e social pelos punks caxienses*, iremos entender como os punks da cidade compreendiam a violência simbólica e o *habitus* vigente na sociedade do período através dos seguintes problemas propostos:

- Quem os punks enxergavam como responsáveis pelos problemas sociais que percebiam?
- O que achavam do comportamento da sociedade caxiense frente aos problemas sociais?
- Quem era e como agiam as forças dominantes do contexto para os punks caxienses? Estado? Burguesia? Ambos?

Por fim no terceiro e último subtítulo deste capítulo vamos investigar o que era ser punk para os punks caxienses do espaço entre 1986 e 1997 e que valor era dado à estética. Os problemas propostos são os seguintes:

- O que um punk deveria defender e em quais valores deveria acreditar?
- Os punks caxienses entendiam o visual como modo de expressão ou somente como símbolo de identificação?

Para produzir o segundo e o terceiro subtítulos foram utilizadas como fontes a história oral (entrevistas) e os fanzines.

3.1 - A estética punk.

O visual punk sem dúvida é o aspecto que mais chama atenção quando avistamos um indivíduo que faz parte desse movimento contra cultural. Caracterizado por roupas pretas, calças e camisas rasgadas, correntes, coturnos, cabelos com penteado moicano ou corte espetado, a aparência punk causa estranhamento, medo e curiosidade entre as pessoas que não o conhecem de maneira mais profunda. Logo, podemos nos questionar sobre como foi construída a indumentária punk e o que ela representa. Assim o propósito deste texto é discutir a elaboração da identidade visual punk, no primeiro momento contextualizaremos o processo de criação, no segundo momento analisaremos a representatividade da moda punk e ao final sugerem-se alguns problemas para a pesquisa relacionados à expressão através do vestuário.



Figura 4- A banda The Casualties com típico visual punk. Foto: pinterest.

A criação do vestuário punk se deu em sintonia com a difusão da contracultura e a adaptação do que ela expressava em cada local em que chegava, e no modo que cada simpatizante reagia. No início do cenário punk não havia um modo comum de roupa a ser usado pelos integrantes. Analisando a obra de Mcneil e McCain (2017) podemos perceber que

ainda na metade da década de 1960 com a *Velvet Underground* os membros dessa cena proto-punk se inspiravam muito no visual hippie que estava na moda do rock desse período, por outro lado, como já foi apresentada no segundo capítulo, no início da década de 1970 a banda New York Dolls se inspirou nas peças da companhia teatral Teatro Ridículo, para subir aos palcos com o visual *drag queen*, porém o perfil do visual punk mudaria com a chegada a Nova York de Malcolm McLaren.

De acordo com Bivar (2001) Malcolm McLaren era um péssimo aluno no ginásio e deixou a escola aos dezesseis anos para se dedicar a arte, além disso, colecionava compactos e discos de rock antigo. Em 1971 ele abre uma loja de roupas para Teddy boys (movimento que havia surgido na Inglaterra por volta de 1953 e sendo associado ao rock'n roll) aproveitando a volta desse estilo à moda britânica, seu estabelecimento chamava-se *Let it Rock*. Como segue apresentando Bivar (2001) em 1973 a New York Dolls estava em Londres e os integrantes aparecem na loja de Malcolm. Encantado pelo visual da banda o rapaz decide seguir junto com ela para os Estados Unidos, onde se torna empresário dos *Dolls* e entra em contato com a cena nova-iorquina.

Agenciando os shows do New York Dolls, McLaren conhece toda a essência da cena punk dos Estados Unidos, frequenta bares do subúrbio onde ocorriam os shows e conseqüentemente, conhece mais bandas de Nova York e seus respectivos músicos. Mcneil e McCain (2017) apontam em seu trabalho que Richard Hell, integrante da banda *Television*, era o músico que mais chamava a atenção de McLaren, pois se vestia com roupas sujas, rasgadas e remendadas com alfinetes, além de ostentar um cabelo espetado, viver carregando uma mentalidade pessimista sobre a vida e estar quase sempre drogado. Conforme é relatado no livro dos mesmos autores, o inglês ao ver o visual de Hell se inspirou a levá-lo para Londres e transformá-lo em algo inglês, porém o que significava transformá-lo em algo inglês?

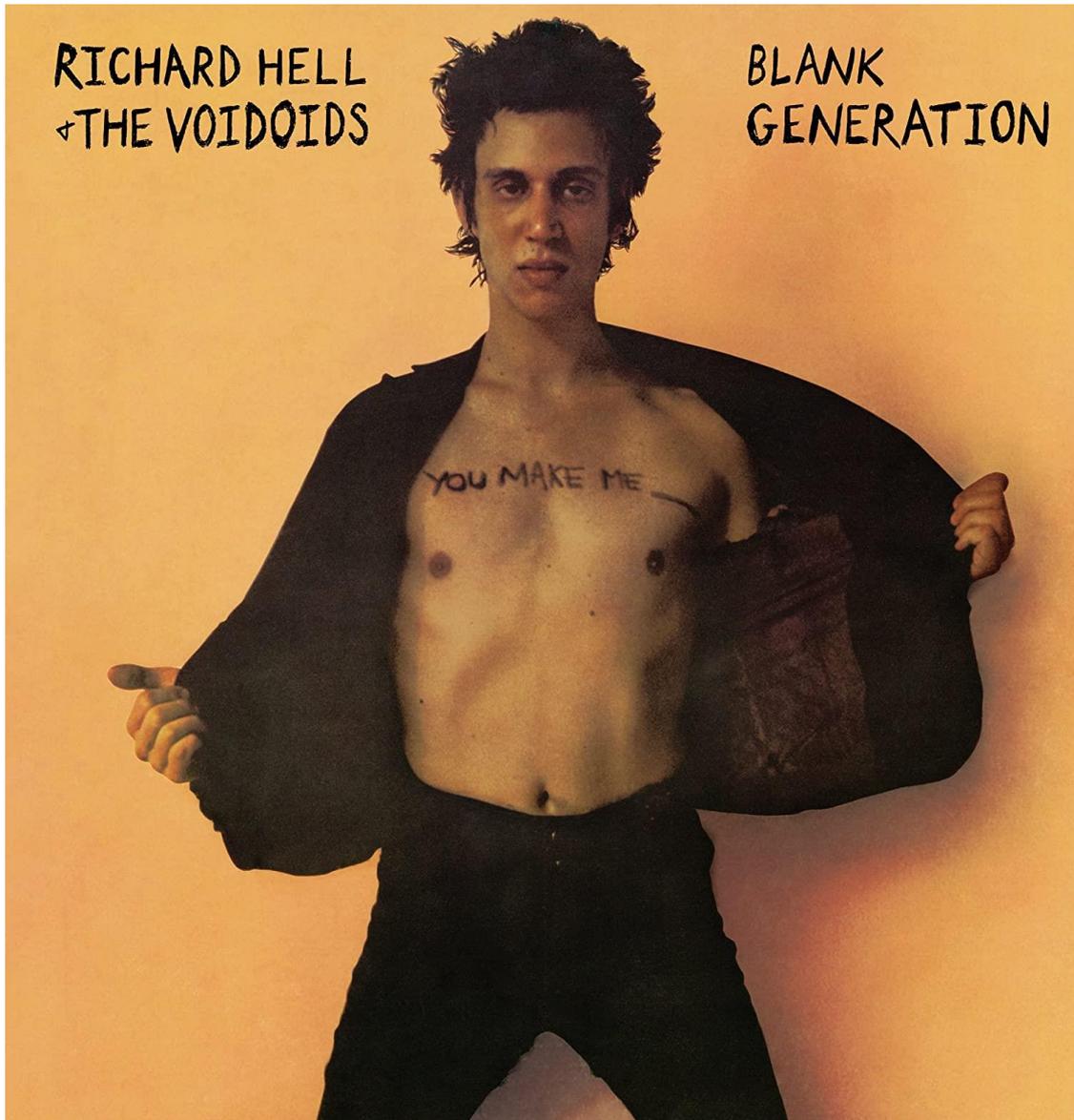


Figura 5- Richard Hell na capa do disco *Blank Generation*. Banda *The Voidoids*, conjunto que ele integrou a partir do ano de 1977. Foto: site amazon.

O contexto social inglês na década de 1970 era de descontentamento popular e ascensão de ideias conservadoras, como aponta Bortholuzzi:

Em meados da década de 70, a Inglaterra começava a dar sinais de crise, vivia um momento de estagnação econômica, o alto índice de desemprego, greves, intolerância racial, fragilidade da gestão do Partido Trabalhista versus crescimento político da ultraconservadora Margaret Thatcher. (2015, p. 04).

Fazendo uma análise baseada no materialismo histórico entendemos que as condições econômicas é que moldam as ideias de um determinado período, logo compreendemos que todo o contexto descrito anteriormente formaria na sociedade uma mentalidade de revolta e

violência, sobretudo nos jovens como descreve Silva (2017) que durante a década de 1970 era comum os jovens filhos de operários formarem gangues para trocar socos nas ruas e ler os livros da série *Laranja Mecânica* (Anthony Burgess) e *Skinhead* (Richard Allen). Sabe-se que *Laranja Mecânica* tornou-se também um filme com uma temática de violência extrema sendo que de acordo com Bivar (2001) esse era o filme predileto dos punks da época, já a contra cultura skinhead já havia tido seu auge na década de 1960 e também apresentou alguns aspectos de violência. Era nesse contexto que no ano de 1975, Malcolm McLaren retornava a Inglaterra depois do fim dos New York Dolls.

Mcneil e McCain (2017) afirmam que ao chegar a terras britânicas o punk foi logo adotado por uma plateia mais jovem e mais violenta, enquanto em Nova York a cena era mais adulta, boêmia e intelectual, baseando-se mais no sentimento de dor dos jovens nova-iorquinos que faziam músicas expressando o clássico coração partido. Em Londres, essa mesma cena passa a ser inspirada pela fúria e pela raiva adolescente. De fato ao compararmos algumas letras de bandas que surgiram na década de 1970 com os *Ramones* (Estados Unidos) e *Sex Pistols* (Inglaterra), percebemos, por exemplo, que os norte-americanos expressavam um sentimento de amor adolescente como na canção *I Wanna be your boy friend* (Eu quero ser seu namorado) ou falavam sobre o uso de drogas, algo tão comum entre os jovens do período, como na canção intitulada *Now i wanna sniff some glue* (Agora eu quero cheirar um pouco de cola). Já os *Pistols* expressavam fúria ao fazer sátira ao jubileu de prata da rainha com a música *God save the queen* (Deus salve a rainha, versão punk do hino nacional britânico) ou falando em anarquismo no Reino Unido como em *Anarchy in the UK*.

Como foi apresentado no segundo capítulo onde analisamos o surgimento do punk rock, Malcolm McLaren foi o responsável pela criação da banda britânica *Sex Pistols*, Bivar (2001), conta que McLaren abre uma nova loja de roupas para jovens ao voltar a Londres chamada de *Sex*, então ele decide reunir quatro jovens que frequentavam a loja de maneira assídua para montar a banda na qual ele seria o empresário, a exemplo do que foi com o New York Dolls. O trabalho de Bortholuzzi (2015) detalha que Malcolm tinha um relacionamento com a estilista britânica Vivienne Westwood conhecida por criar roupas com estética contestadora para os padrões conservadores do período, a dupla foi a responsável por gerenciar a nova banda onde o homem cuidava da agenda de shows e a mulher do figurino dos músicos.

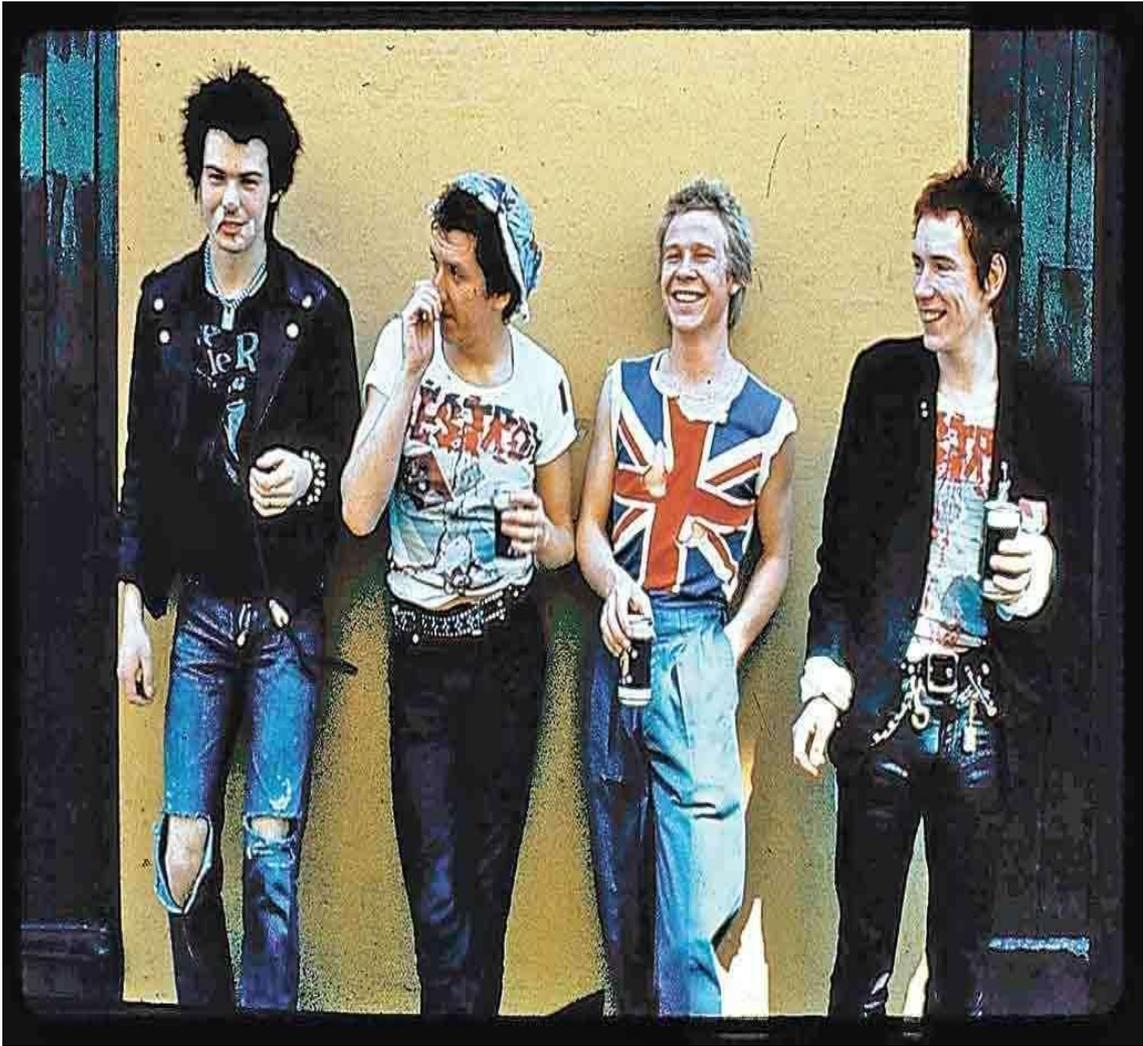


Figura 6- Banda Sex Pistols. Foto: site uai.

Ao cruzarmos as informações dos trabalhos de Bortholuzzi e Mcneil e Mccain podemos concluir que esse casal foi o responsável pela criação da indumentária punk. Provavelmente McLaren deve ter contado a Westwood sobre o que viu em Nova York o que a inspirou a criar os figurinos que também tiveram a influência subjetiva de contestação da estilista. Logicamente não podemos acreditar que tudo foi feito de maneira inconsciente, sabendo que Malcolm McLaren era um agitador cultural, dono de loja de roupas e empresário artístico, pode-se perceber que seu objetivo era criar uma identidade visual ao produto que ele estava criando e assim vendê-lo. De fato como aponta Bivar (2001), no ano de 1977, os *Sex Pistols* explodem na cena musical inglesa com suas músicas cheias de sátiras, protestos e falando palavrões em plena televisão. Logo, com sua música a estética e o comportamento também se espalham, principalmente entre os jovens suburbanos.

Após analisar o processo de criação do visual punk podemos inferir que o mesmo não é só uma ferramenta de identificação, mas também de expressão. A roupagem apresenta as demais pessoas o sentimento de revolta, fúria e contestação de quem a veste de maneira prévia, ou seja, sem a necessidade do indivíduo expressar esses sentimentos de maneira oral, como declara Braga (2008 apud BORTHOLUZZI, 2015, p. 06). “Sendo assim, a moda é uma linguagem não verbal. A roupa não fala, mas nos diz muitas coisas”, como trabalha Bortholuzzi (2015, p. 06) “no caso dos punks, eles usam a roupa para desafiar a ideologia dominante e contestar a política, a distribuição do poder na ordem social”.

Além de contestar a ideologia dominante a indumentária punk também contesta o consumismo visto que de acordo com Bivar (2001) os punks costumam usar roupas de segunda mão compradas a preço baixo, peças que os indivíduos incrementam com rasgos e mensagens de protesto para reforçar sua identificação e expressar suas demandas. Pereira (2006) apresenta em seu trabalho o perfil do *Punk de Butique* que se trata da pessoa que usa a indumentária e ouve a música punk, porém sua postura não condiz com o perfil do punk. A autora utiliza entrevistas com membros da cena de Porto Alegre para definir as características desse perfil que no geral apresentam-se como indivíduos que só usam roupas e acessórios novos. Apesar de estarem envolvidos com a cena entregam-se ao consumismo e aos padrões da mídia, não compreendem as demandas reais defendidas pelos punks e até mesmo não bebem e não comem carne, porém estas duas últimas características podem parecer um pouco controversas ao leitor.

Para concluir devo reforçar a importância da utilização da história oral para esclarecer novos problemas de pesquisa que surgiram com o estudo sobre a indumentária punk e a conclusão de que a mesma serve como forma de identificação e expressão, pois, como já falado, a influência do contexto social e político entre os anos de 1987 e 1997, no modo de expressão dos punks caxienses do referido recorte histórico é o tema principal desta pesquisa. Somente com a investigação através de entrevistas para compreender qual importância os membros da cena punk caxiense da referida época davam para a roupagem punk. Se eles entendiam o visual como modo de expressão ou somente como símbolo de identificação. Levavam-se em consideração o perfil do punk de butique, se davam importância ao uso das roupas punks e como eles percebiam o impacto do seu visual no restante da sociedade caxiense.

3.2 - Leitura do contexto político e social pelos punks caxienses.

Influenciado pelos já analisados conceitos do não autoritarismo e não conformismo, o punk tem uma forma particular de interpretar a realidade em que vive, através de seu senso crítico construído de uma maneira mista, ou seja, tanto de um despertar crítico independente, como também influenciado pelo convívio e troca de experiências com seus pares. O que resulta em uma leitura alternativa do contexto em que ele está inserido. Leitura essa que quase sempre se choca com a interpretação de realidade tida como oficial pela sociedade, por ser divulgada e defendida pela grande imprensa em seus diversos veículos de comunicação criando assim, um senso comum. Esse choque é natural no momento em que dois grupos disputam a hegemonia dentro de um mesmo campo.

Durante o período que estamos analisando existiram, na cidade de Caxias do Sul, duas gerações punks, a primeira que durou de 1986 até meados de 1994 foi a responsável pela criação das primeiras bandas, fanzines e organização dos primeiros festivais e manifestações¹⁶. Quanto à segunda geração, formada por indivíduos mais jovens, apareceu por volta de 1995, sendo que o auge da mesma se deu entre 1996 e 1998, período em que houve a maior produção de fanzines, formação de bandas e organização de festivais punks na cidade¹⁷. A primeira geração foi a responsável por moldar a leitura de realidade dos punks caxienses, afinal foram os pioneiros que acabaram introduzindo a contracultura punk na cidade e fazendo as primeiras adaptações a realidade local. Examinando o relato do Segundo Entrevistado podemos entender que a partir daí formou-se toda a estrutura de expressão punk no município baseada na tentativa de conscientizar a população da importância de abandonar a apatia e se rebelar contra: as injustiças sociais, a exploração capitalista, a repressão, miséria, pobreza e o preconceito. Como se percebe nos dois fanzines a seguir onde o discurso contido em ambos são semelhantes, pois há a intenção de incentivar o seu leitor a refletir e agir (não conformismo), a desconstruir o preconceito ao punk, além de claro, estar nítida a tradicional estética artesanal dos periódicos:

¹⁶ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

¹⁷ Idem.

PUNK PELA PAZ NO MUNDO, PELO DESARMAMENTO NUCLEAR, FIM DA EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM E LIBERDADE PARA TODOS.

DEVEMOS TER EM CONTA QUE O PUNK NÃO É SO ANARQUIA DESCONTROLADA, NEM VISUAL, MUITO MENOS UMA MÚSICA PRIMÁRIA, EXECUTADA SELVAGEMENTE. PUNK É CRÍTICA FRONTAL, CRUA, CONTRA UMA SOCIEDADE OPRESSORA, EXPLORADORA E ESTAGNADA. É UM BRADO DE REBELDIA CONTRA TODO TIPO DE TIRANIA EXISTENTE NAS PALAVRAS "ORDEM", "BOM GOSTO" E "TUDO BEM". É O SENTIMENTO POSTO PRA FORA ENQUANTO OS MACACOS ACEITAM TUDO O QUE LHEM OFERCEM.

PUTA MERDA, PRECISAMOS DE MOVIMENTO, PRECISAMOS DE COISAS NOVAS ACONTECENDO A TODO INSTANTE. O PUNK SURTIU E ESTÁ PRESENTE PRA FAZER ESSA GURIZADA PENSAR; VEIO PRA BOTAR MEDO NAQUELES QUE ESTÃO SATISFEITOS COM ESSA MERDA DE VIDA, POIS ESSES NÃO ENTENDEM A VIDA. A VIDA É A REALIDADE ABSURDA EM QUE VIVEMOS. A VIDA É PODRE E É TRAIÇOEIRA. O PUNK VEIO PRA MOSTRÁ-LA COMO ELA É, SEM FANTASIAS, NEM ALIENAÇÕES. É PRECISO QUE SE DIGA NÃO SEMPRE QUE A LEI ENTERFERIR NOS NOSSOS DESEJOS, POIS ELA FOI FEITA POR PESSOAS QUE NÃO PENSAM COMO NÓS. ELA FOI FEITA POR PESSOAS INTERESSEIRAS QUE QUEREM LIVRAR O DELES E BOTAR NO NOSSO. POR ISSO É IMPORTANTE VOCÊ TER CONSCIÊNCIA E FAZER ALGUMA COISA CONCRETA PARA TENTAR MUDAR O PANORAMA. BOATES, BAILES E FESTIVAS SÃO ADENAS DISTORÇÕES. QUEREMOS LUCIDEZ. QUEREMOS REPUDIO CONSTANTE AOS HORÁRIOS DETERMINADOS, A ACOMODAÇÃO REPUGNANTE, AS OBRIGAÇÕES. QUEREMOS IR A RUA E TER A CERTEZA DE QUE TEMOS ALGO EM COMUM: **A LIBERDADE DE ESCOLHA.**

NUM PAÍS ONDE AS DIFERENÇAS SÃO ACENTUADAS, É PRECISO MARTELAR AINDA MAIS NUMA PALAVRA: **IGUALDADE.** É PRECISO TER UMA VISÃO ANTI-TUDO-AQUILO-QUE-É-IMPOSTO E TER REBELDIA SUFICIENTE PARA GRITAR UM SONORA **"NÃO À ACOMODAÇÃO".**

FAÇA VOCÊ MESMO.



JOVEMAS FORÇAS ARMADAS PRECISAM DE VOCÊ PARA MORRER PELA NAÇÃO PARA LIMPAS AS BOTAS DO CARITÃO PARA SERVIR DE BUCHA DE CANHÃO.

A FEIÇÃO MILITAR

PELO FIM DO SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO.

Figura 7- Página do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988 e reeditado em 1991. Acervo pessoal do Segundo Entrevistado.

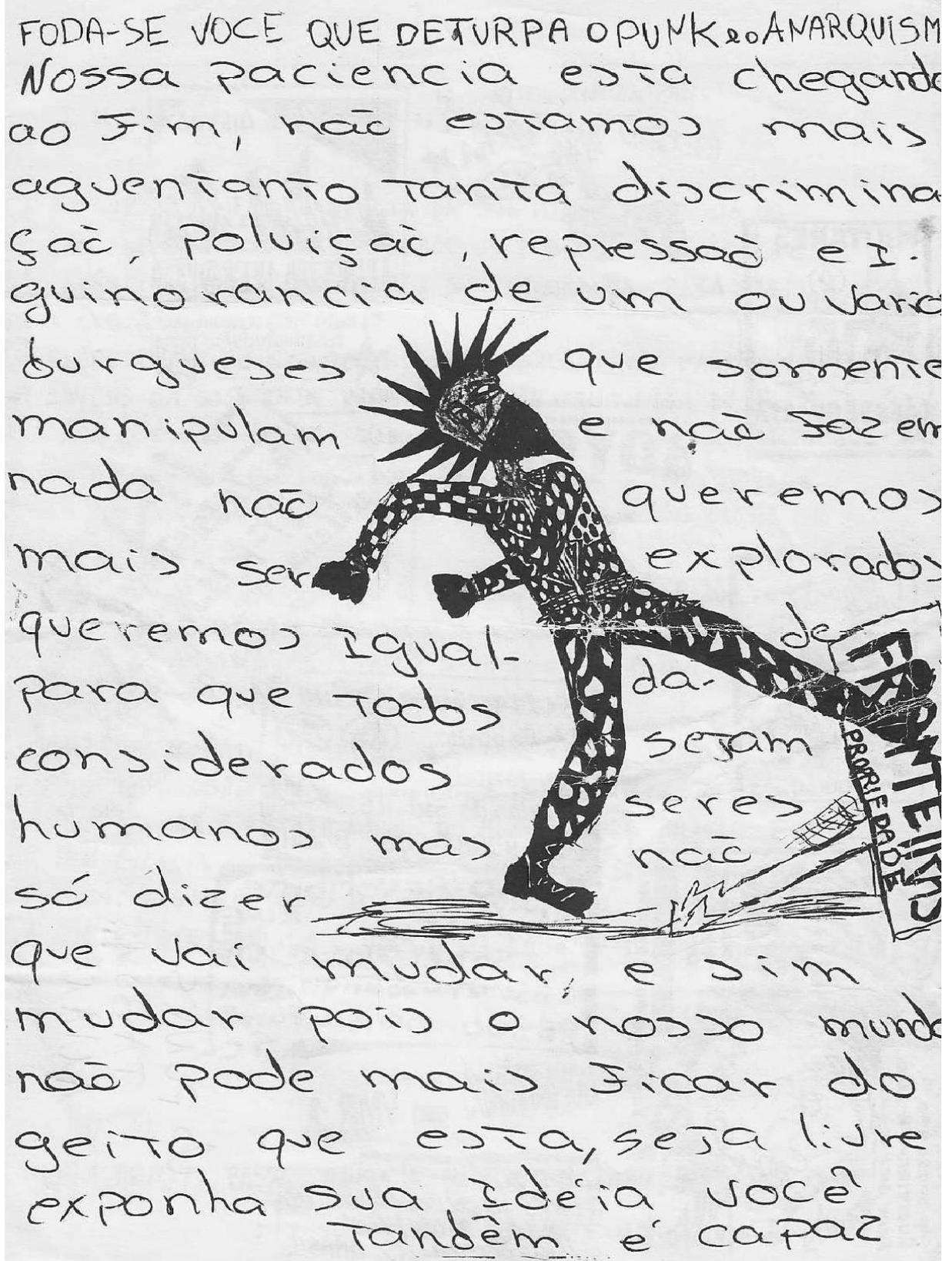


Figura 8- Fragmento de fanzine caxiense da segunda metade da década de 1990. Acervo pessoal do autor.

Durante a década de 1990 os punks entendiam a sociedade caxiense, sobretudo os jovens, como totalmente passiva e apática frente aos problemas sociais e principalmente a falta de opção cultural na cidade ¹⁸, embora houvesse alguns shows na concha acústica do Parque Getúlio Vargas. O Segundo Entrevistado diz que a grande maioria da juventude caxiense se concentrava entre a Avenida Júlio de Castilhos (próximo ao bar Maria da Toca), bairro São Pelegrino e Parque Getúlio Vargas para frequentar bares, passear e interagir¹⁹. Como parte dessa massa de jovens os punks também frequentavam esse espaço da cidade, porém o comportamento da maioria dos frequentadores do lugar que gostavam muito de beber, passear com seus carros em baixa velocidade, caminhar pelas calçadas em busca de paqueras e assoviar para as moças, começou a incomodar os punks que perceberam que ficar somente bebendo e conservando o hábito de exibição e ostentação, sem nenhuma atividade cultural mais crítica, servia apenas para alienar ainda mais a juventude²⁰. Devido a essas práticas habituais os punks apelidaram essa área da cidade de *bobódromo* ²¹, em contrapartida a sociedade caxiense, em geral, via os punks como arruaceiros e drogados²². De fato, se formos levar em consideração o conceito do não conformismo analisado no capítulo I, todas as práticas que não sejam de ativismo em favor da contestação ao *status quo* ou que fortaleçam ainda mais a distração das massas em relação aos problemas da sociedade incomodam demais aos punks que, naturalmente, passam a combatê-las.

As forças dominantes do período para o movimento contra cultural punk caxiense eram o Estado e a Burguesia, que juntos eram definidos como o *Sistema*²³. O governo era visto como o responsável pelo caos, pela repressão e, mais para o início da década de 1990, como o responsável pela ameaça nuclear, o que ainda era um resquício da Guerra Fria²⁴, porém a oposição ao governo não ficava restrita ao governo em geral. As críticas ao governo municipal também eram muito presentes, principalmente quanto ao preço da passagem e a falta de opções culturais como cinemas, teatros ou mais festivais musicais²⁵. Pelo que podemos inferir a partir do relato do Segundo Entrevistado, a expressão cultural era vista pelos punks como um modo de ativismo e o maior incentivo do poder público ao desenvolvimento cultural no município era a principal demanda do ativismo punk na cidade.

¹⁸ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

Já a burguesia da cidade e do Brasil era vista como a responsável pela exploração, corrupção e também como mandante da repressão, pois através de seu poderio econômico a mesma comandava a máquina estatal que, como já comentado, exercia a repressão às revoltas populares por justiça e melhores condições de vida. Em síntese, Estado e burguesia compunham juntos o *Sistema*, que explorava e oprimia o povo, inclusive com a lei do alistamento militar obrigatório que fazia com que os jovens pobres morressem para defender os interesses privados desse *Sistema*, que nunca proporcionava o bem-estar geral da população. A oposição ao sistema pode ser ligada ao conceito do não autoritarismo, analisado no capítulo I.



Figura 9 Página do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988 e reeditado em 1991. Nele podemos ver o nítido protesto contra a falta de opções culturais na cidade. Acervo pessoal do Segundo Entrevistado.

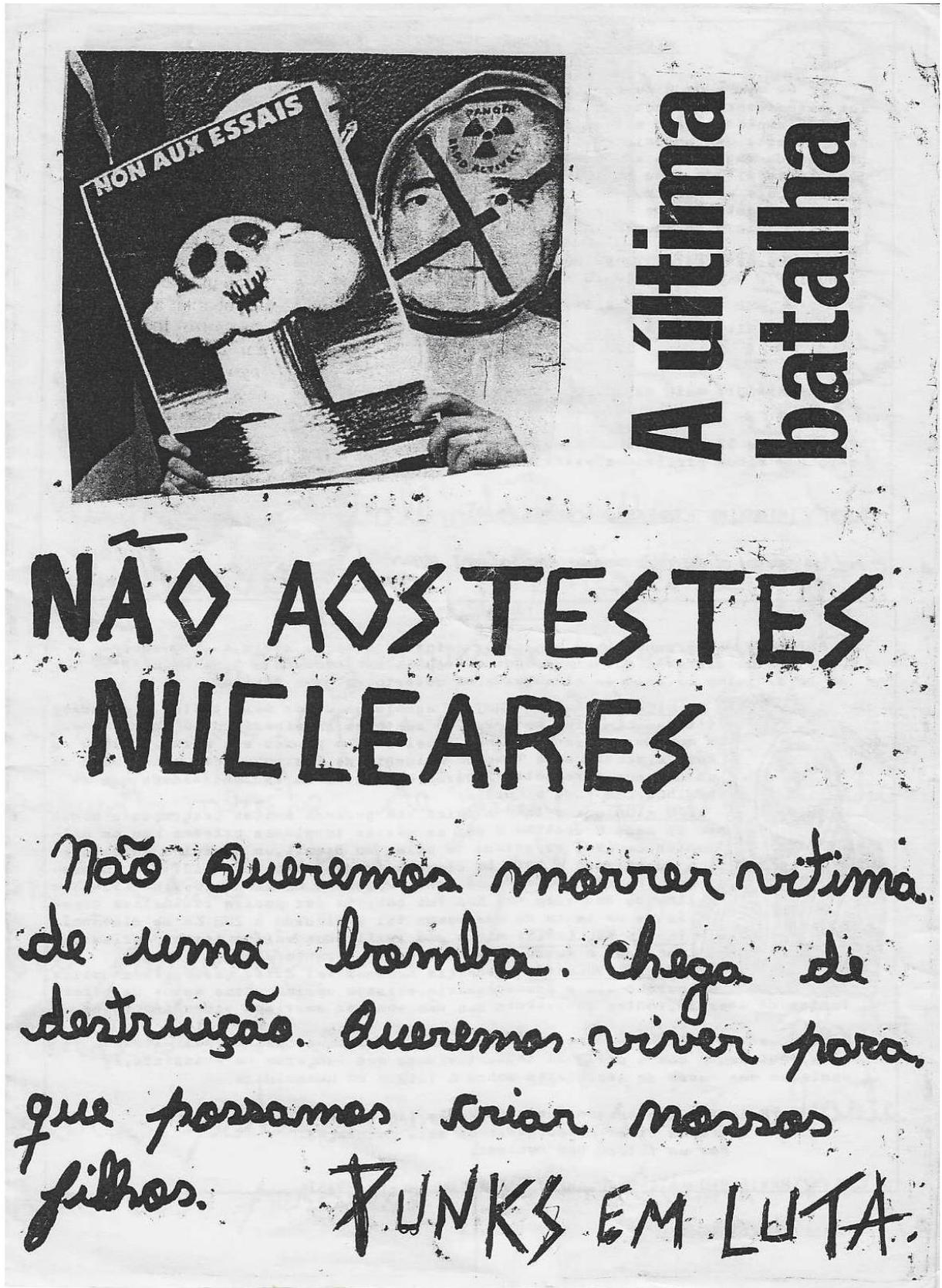


Figura 10- Capa do fanzine A Última Batalha, 1997. Nele podemos ver um protesto contra as armas nucleares. Acervo pessoal do autor.

A sociedade nos diz que somos todos iguais diante a lei, que ninguém pode ser submetido à servidão e à escravidão. Mas será que isso é verdade? Somos todos iguais, mas não somos tratados da mesma forma. Os trabalhadores são explorados pelos burgueses. As pessoas não tem direito de falar o que sentem e o que pensam. São muitas vezes pagas pra não falar da corrupção que há no poder. Se cada um se conscientizar de que somos seres humanos capazes de lutar pelos nossos direitos, a coisa andaria. E daí sim, seríamos tratados com igualdade e respeito, o qual merecemos.

Levante a cabeça, lute, grite, protesto contra essa mídia burguesa podre que te oprime, vamos nos unir e agir contra a sociedade que nos vê de forma diferente. **Queremos** liberdade, igualdade, luto pela auto gestão, viva sem repressão, sem **Preconceito**

Figura 11- Fanzine Povo Explorado, década de 1990. Onde podemos ver um texto contra a burguesia. Acervo pessoal do autor.

A partir do relato do Segundo Entrevistado e dos textos dos fanzines pode-se dizer que, para os punks caxienses, a violência simbólica era causada e exercida pelo conjunto Estado e burguesia que era entendido como *Sistema*, já o *habitus* da população caxiense era compreendido como apático, passivo, direcionado a exibição pessoal e engrandecimento do ego, o que criava, sobretudo entre os jovens, um senso de alienação, principalmente cultural.

3.3 - O que era ser punk em Caxias do Sul?

Após conhecer o significado da estética punk, e discutir sobre a compreensão dos integrantes do movimento caxiense, através dos fanzines e de entrevista, sobre os conceitos da violência simbólica e do *habitus* existentes na sociedade em que viviam, chegamos ao momento de analisar o que significava ser punk para o punk caxiense do espaço temporal referente a presente pesquisa. Afinal como discutimos no capítulo I, toda a essência dessa contracultura cria uma espécie de *esperanto* cultural onde os membros conseguem identificar uns aos outros, mesmo que sejam de países diferentes, porém temos que levar em consideração como se dá a adaptação desse movimento em cada localidade em que chega e como seus símbolos. Estética e ideias são compreendidos pelos seus participantes locais.

Durante o período em Caxias do Sul os punks já desenvolviam uma interpretação crítica sobre o meio social em que viviam como dito anteriormente. De acordo com o Segundo Entrevistado²⁶ as premissas iniciais adotadas pelos pioneiros do movimento na cidade foi a do objetores de consciência e do pacifismo. Assim, uma de suas principais atitudes era de criar estratégias para ser dispensado do serviço militar, pois como vimos anteriormente, o punk caxiense se posicionava firmemente contra a repressão, as armas e a guerra. Fazendo mais uma ligação com o que foi apresentado no subtítulo anterior, outra ideia muito forte entre os integrantes era de se posicionar fortemente contra o Estado, visto como um estamento repressivo e a burguesia entendida como um grupo explorador e responsável pela repressão estatal às manifestações de revolta e descontentamento da população. Logo, a partir das fontes orais é possível dizer que para ser punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997, era preciso antes de tudo ser contra as guerras, as armas, o Estado e a burguesia. Isso

²⁶ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

automaticamente atraía os punks para o anarquismo, os mesmos, por se posicionarem contra qualquer tipo de repressão e opressão, não se sentiam atraídos pelo marxismo, pois para eles a ideologia defendia a ideia da ditadura do proletariado. Mesmo sendo algo pró-trabalhadores a palavra ditadura, incluída no conceito, já atraía discordância dos punks²⁷, esse ponto será discutido mais profundamente no próximo capítulo.

A respeito da estética punk, toda a indumentária e outros elementos visuais, eram entendidos como um modo de expressar a identidade e poder identificar uns aos outros²⁸. Apesar de alguns integrantes não usarem a estética punk ou usarem parcialmente, conforme a descrição do Segundo Entrevistado²⁹, ela era tida como importante para que o sujeito se assumisse e se sentisse punk, deixando claro para os demais não só qual o estilo musical que gostava, mas também quais eram as ideias que acreditava e defendia.

Voltando ao primeiro subtítulo desse capítulo pode-se perceber que os punks caxienses não fugiam muito da tradição da estética punk difundida pelo mundo desde a década de 1970, a figura do dito *punk de boutique* também estava presente com uma interpretação local sobre o conceito. A partir do ano de 1995 começa a se fortalecer no Brasil a ideia do *anarcopunk*, punks mais radicais e extremamente ligados ao anarquismo. Em Caxias do Sul esse movimento também chega com muita força, sobretudo entre os integrantes mais pobres³⁰. Assim, iniciam-se, principalmente a partir do ano de 1997, alguns rachas e desentendimentos dentro do movimento, pois, como nos fala o Segundo Entrevistado, os identificados com o anarcopunk começaram a tratar como punk de boutique, pseudo-punk, punk burguês ou punk 77 todos os membros que possuíssem algum aspecto que representasse para eles sinônimo de abundância ou de falta de identificação³¹. Ter carro, não usar visual punk ou a banda cobrar ingresso para entrar nos festivais com o intuito de cobrir os custos de organização, já era motivo para que o sujeito ou a banda sofressem boicote ou recebessem o rótulo dos demais³², como no caso de algumas edições do festival *Polenta Frita*, evento que teve nove edições entre 1996 e 2002 (VEIGA; VIVAS; CARNIEL, 2021), porém como observa Pereira:

²⁷ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

Qualquer sujeito que se nomeie como punk pode ser considerado um *punk de boutique*, caso as posturas e práticas dos sujeitos que se narram punks não correspondam aos discursos em torno do que é ser punk, quais sejam: ter ações de resistência contra o sistema capitalista, contra o racismo, contra as guerras... (2006, p. 61)

Logo podemos entender que para o discurso do que significava ser punk para os anarcopunks não condizia com a postura e práticas dos sujeitos aos quais eles criticavam, mesmo que eles ainda se considerassem punks também, mas sua condição de vida ser um pouco melhor que a dos punks da periferia (mesmo que não fossem de classe média alta ou de classe alta), já motivava uma disputa interna dentro do campo punk, pois um grupo tenta por meio da violência simbólica (rotulagem) excluir ou desmerecer o outro grupo. Cabe lembrar também que o movimento punk é composto em sua grande maioria por jovens, assim essas disputas podem ser entendidas também como naturais, visto toda a prática de autoafirmação típica da fase da adolescência e juventude. Talvez esse seja um bom tema para uma pesquisa futura.

CARTA DE ESCLARECIMENTO

As atuais bandas que se definem como sendo punk rock, hard core e afins em Cx.do Sul, não passem apenas de faces maquiadas do HC. Muitas destas bandas usam nomes para se identificarem como sendo revoltados perante o carniceiro sistema capitalista e o Estado em geral.

Estas, vão muito além ainda, defendem o Anarquismo e a Revolução. Suas letras abordam problemas sociais e globais. Outras abordam a consciência de massas, incentivam a manifestações e protestos; outras falam de preconceitos raciais, mas somente raciais.

Problemas sociais como fome, miséria, exploração, educação entre outros são o que mais são ditos. Mas como podem argumentar variados problemas se os indivíduos destas bandas não exercem e nem procuram exercer uma posição política apartidária perante a isto. Se canções editassem, então o mundo não teria mais fome e desigualdades.

É fácil comparar estas bandas com os pelagos partidários, tanto os de esquerda como os de direita. Somente falam de problemas variados, argumentam soluções e nada fazem. Se expressam em enormes discursos, não em canções.

Estas bandas usam o HC, mentem em suas letras, porque não à tradição mais clara de que falar de problemas sociais, globais, educacionais e demais sem tomar posição política em relação a tantos problemas.

Os indivíduos destas bandas não procuram exercer atividades, dis-suadiram-se em relação a manifestações. O que então se pode esperar sobre inserção social?

É claro e evidente que o atual movimento local é precário, cada vez formam-se mais bandas sem influência política e principalmente sem coerência. Indivíduos ainda que não se libertaram de valores impostos pelo Estado, pela família e pela igreja.

Não somos puritanos, muito menos conservadores e religiosos. Somos ANARCO PUNXS, temos nossos argumentos independentes e nos opomos com a única intenção de lutarmos contra aqueles que ameaçam a cena, pois valorizamos o que somos de maneira radical e expressiva.

A contra-cultura punk é honesta em sua essência, e se deixarem valores contrários à dominar, o que será de cultura punk daqui a algum tempo?

**BOICOTE BANDAS PSEUDO-PUNXS! SE QUEREM
BRILHAR COMO ESTRELAS QUE PROCUREM O CÉU!**

**Assuma um compromisso com a essência de
sua própria cultura!**

MAP - Cx.do Sul

Figura 12- Panfleto anarcopunk, já do ano de 1998. Pregando o boicote a bandas de hardcore vistas como pseudo-punk. Acervo pessoal do Segundo Entrevistado.

CAPÍTULO IV

PUNK COMO MOVIMENTO SOCIAL.

Após entendermos o que significava ser punk em Caxias do Sul devemos nos questionar: como os indivíduos agiam para tentar mudar o que viam como errado na sociedade em que estavam inseridos? O presente capítulo tem como finalidade investigar o ativismo e o modo de expressão dos punks caxienses em sua luta por espaço de fala no campo social e político, no município, durante a já referida época. Para uma melhor discussão dividimos em dois subtítulos: o primeiro intitulado *Punk rock e ativismo social e político*. Apresenta a relação entre os conceitos de campo, habitus, violência simbólica e movimento social com as ideais da contracultura punk. Com isso conseguimos perceber a motivação do ativismo punk e suas maneiras de organização e atuação.

O segundo subtítulo nomeado *Ativismo punk em Caxias do Sul* analisa como acontecia à atuação social dos punks da cidade, modos de organização e de militância política. Assim a pesquisa desse tema é guiada pelos seguintes problemas:

- Como os punks da cidade faziam para divulgar as ideias que defendiam e como a sociedade caxiense reagia? Fanzines? Festivais musicais? Passeatas? Manifestações?
- Qual foi o primeiro coletivo punk da cidade? Qual o objetivo de sua fundação?
- Quais foram às primeiras bandas e como foram organizados os primeiros festivais?
- Havia algum tipo de censura?
- O anarquismo era utilizado pelos membros da cena punk caxiense como ideologia condutora ou somente como um símbolo?

As fontes estudadas para escrever o segundo subtítulo foram, mais uma vez, os fanzines, entrevista e uma reportagem do jornal Pioneiro de 20 de dezembro de 1993, referente a uma manifestação dos punks caxienses.

4.1 - Punk rock e ativismo social e político.

O punk rock vai muito além da música e da rebeldia adolescente, os simpatizantes dessa vertente do rock'n'roll também defendem causas sociais praticando um ativismo em defesa de demandas como igualdade, liberdade, fim do autoritarismo, fim do capitalismo entre outras. Para compreender melhor o modo de expressão punk em relação à defesa de causas coletivas, propõe-se uma análise mais aprofundada desse fator com base na sociologia de Pierre Bourdieu. Como também a discussão acerca do punk ser um movimento social e sua relação com o anarquismo. Assim, a proposta deste texto será em primeiro lugar apresentar os conceitos de campo, *habitus* e violência simbólica, e a relação desses conceitos com os conceitos apresentados por O'Hara: o não conformismo e o não autoritarismo. Em segundo lugar será examinados a utilização do anarquismo como base ideológica norteadora das ações do movimento contra cultural. E, o conceito de movimento social relacionado à contracultura punk e por último será indicado três fases que irão conduzir o processo de pesquisa.

De acordo com Bourdieu (2003 apud BRANDT 2014, p. 10) “o campo pode ser denominado como um espaço onde ocorre a disputa por interesses e onde se estrutura o poder”. Logo, esse é o local onde dois grupos antagônicos disputam pela hegemonia de seus valores. Bourdieu (2019) argumenta que em todo campo haverá lutas entre o poder dominante e o poder concorrente. Sendo que o dominante sempre se inclinará a estratégias de conservação. Enquanto o concorrente assumirá uma postura subversiva ou revolucionária para tomar o status de poder dominante para si, através do monopólio do capital social. O capital social pode ser entendido como a ferramenta que legitima o controle do campo pela classe dominante que detém a autoridade, para impor sua cultura através da rede de relações sociais construída por ela. Bourdieu (2003 apud Brandt 2014, p. 10) define que “capital social é entendido como um meio de instrumentalizar o poder, dependendo do campo ele pode ganhar a roupagem de capital artístico, capital econômico, capital cultural e assim por diante”.

Logo, o detentor do capital social e dominante do campo é que irá definir quais crenças, tradições, modos de vida e valores sociais devem ser seguidos e defendidos. Quais devem ser relegados pela sociedade ao esquecimento por serem inúteis e estranhos. Analisando o campo social vemos a classe dominante que detém o capital econômico (burguesia), impor seus valores baseados na propriedade privada, meritocracia,

individualismo, concorrência e acumulação de riqueza, inclusive. Como defende Jessé Souza (2017), se utilizando da indústria cultural (imprensa, cinema e produções televisivas), para impor seus princípios como modelo padrão para toda sociedade. Assim, os grupos que estão fora do poder e propõe uma nova organização social e defendem concepções de vida alternativa são imediatamente marginalizados. Os punks estão nessa condição por defenderem ideias baseadas no anarquismo ou minimamente à esquerda do espectro político como veremos adiante.

O segundo conceito fundamental para a execução dessa pesquisa é o *habitus*. A definição de Bourdieu (2003 apud BRANDT 2014, p. 11), diz que “*habitus* é aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes”, ou seja, como ainda argumenta Bourdieu (2003 apud BRANDT, 2014), *habitus* trata das disposições que são seguidas pelo indivíduo como se fossem naturais e não socialmente construídas, ou então, o comportamento, valores, tradições, crenças e modo de vida que o ser humano segue acreditando ter existência natural. A pessoa não percebe que esses aspectos foram criados e organizados pela própria sociedade, assim por crer na natureza desses fatores geralmente o indivíduo se opõe a recriação dos mesmos ou até a adoção de novos métodos de organização social. Um complemento para definição de *habitus* segundo Bourdieu (2007 apud Maton 2018, p. 75) “define *habitus* como uma propriedade de atores (sejam indivíduos, grupos ou instituições) que é composta de uma estrutura estruturante [...] e estruturada”, ou seja, dialogando com o que foi dito acima, o *habitus* é a propriedade responsável por formar nosso comportamento e orientar nossas ações, por isso é estruturante. Porém ela não é algo natural e sim criado através da imposição das ideias dominantes de um campo, por isso é estruturada. Na abordagem de Maton:

Ela é “estruturada” pelo nosso passado e circunstâncias atuais, como a criação na família e as experiências educacionais. Ela é “estruturante” no sentido de que nosso *habitus* ajuda a moldar nossas práticas atuais e futuras. Ela é uma “estrutura” por ser ordenada sistematicamente, e não aleatória ou sem nenhum padrão. (2018, p. 75).

Como vimos no primeiro capítulo o conceito definido por O’Hara como não conformismo, trata da percepção autônoma que o indivíduo punk tem de toda a estrutura de dominação e violência simbólica exercida pela classe dominante sobre o restante da sociedade. Por isso, o não conformismo pode ser entendido como a oposição ao *habitus* dominante, ou seja, é a oposição à aceitação passiva e natural que grande parte da sociedade tem perante a imposição da cultura da classe dominante e a organização social criada por ela.

A sociedade em geral enxerga a cultura dominante imposta pelos detentores do poder como o único modelo racional e válido a ser seguido, crendo que ele não foi construído e legitimado pelas próprias pessoas e sim que ele sempre existiu. Sendo imutável e até baseado em uma vontade divina, principalmente os valores defendidos pelo capitalismo, como diz O'Hara (2005), que no capitalismo as pessoas se conformaram com o modelo que transforma tudo em mercadorias e que pressupõe que todos procuram acumular seu lucro individual.

A partir daí inicia-se o ativismo do punk na tentativa de agrupar-se aos pares que pensam semelhantes a ele, e organizam-se na tentativa de lutar contra esse *habitus*, conscientizando o restante da população para alcançar a construção de uma organização social alternativa. Porém, como defende Brandt (2014), a pessoa que questiona esse *habitus* sente-se deslocada e fora do padrão social imposto pela sociedade, o sujeito punk por fazer oposição ao padrão social entende que não é bem quisto pelo restante da comunidade. E, que sua existência quanto punk causa estranhamento, mas apesar de sofrer com preconceitos ele não desiste de tentar levar sua mensagem para os demais.

O modo como a classe dominante executa para fazer valer o poder de seu capital seja ele social, cultural, artístico e econômico é determinado por Bourdieu como violência simbólica. A violência simbólica não é um modo de violência direta e física, mas trata-se de um modelo de violência mais brando, pois é assim que a classe dominante define como eruditos os seus valores e vulgares os valores da classe dominada. É a partir desse conceito que, por exemplo, o detentor do capital artístico tem o poder para definir o que é arte e o que não é, ou o detentor do capital econômico ou político tem o poder de definir qual o modelo econômico a ser seguido. Quem poderá participar da política e no caso do capital cultural ou social, quem poderá falar, com que autoridade e que valor terá suas palavras, na definição de Bourdieu:

O que está em questão sempre que dois locutores se falam é a relação objetiva entre as suas competências, não somente a sua competência linguística (o seu domínio mais ou menos completo da linguagem legítima), mas também o conjunto de sua competência social, seu direito de falar, que depende objetivamente de seu sexo, idade, religião, *status* econômico e status social, informações que poderiam ser conhecidas de antemão ou ser antecipadas através de índices imperceptíveis (ele é educado, ele tem uma roseta etc.). (2019, p. 103).

Para Bourdieu (2003 apud BRANDT, 2014), a violência simbólica é a coerção da classe dominante, para que a classe dominada adote sua cultura e faça com que essa relação de imposição cultural se parece natural. Brandt (2014) defende também que por mais que a

violência simbólica pareça ser um modo de dominação mais sutil, principalmente por não envolver agressão física, ela mantém traços e regras que façam com que o indivíduo permaneça na condição de dominado. Portanto, a violência simbólica é um modelo de autoritarismo sutil, ou seja, há a imposição de uma cultura e seus valores como superior e erudita sem presença necessária de violência física. Assim, os detentores dessa cultura ocupam o comando e definem as regras, os sujeitos que não pertencem a essa cultura a adotam através da desvalorização e marginalização da cultura da classe dominada, que passa a enxergar seus valores como inúteis ou vulgares. E na tentativa de se sentirem valorizados e incluídos reproduzem a cultura dominante, seguem seus conceitos e aceitam naturalmente as regras impostas através dela, ou seja, é dessa maneira que a sociedade cria o seu *habitus*.

As ideias de Bourdieu sustentam o princípio de que sistemas simbólicos servem justamente como ferramentas de dominação mais sutis e de aparência neutra, para que a classe dominada não perceba que está sendo dominada e naturalize o poder e a cultura da classe dominante como defende Souza:

Os sistemas simbólicos servem como meios de dominação. A ideologia passada para a sociedade através dos meios simbólicos de dominação é passada como desinteressada, ou seja, como se não fosse uma ideologia ou instrumento de dominação, quando na verdade é de interesse da classe produtora dessa ideologia, a classe dominante. (2014, p. 141).

O conceito de Craig O'Hara definido por não autoritarismo já foi discutido no primeiro capítulo, mas cabe a sua repetição para que possamos formatar melhor a ideia. “Os punks não têm muito respeito por autoridade de qualquer espécie, pois a desobediência injustificada à autoridade resultou na aceitação em massa de atos nocivos” (O'HARA, 2005).

Dessa maneira, podemos compreender o não autoritarismo não só como uma oposição a qualquer forma de poder institucional, seja ele executivo legislativo ou judiciário juntamente com suas forças de coerção, controle e repressão como polícia e forças armadas; mas também como oposição a violência simbólica por opor-se a imposição das formas de organização social, cultura e valores pertencentes à classe dominante que monopoliza o poder através de um autoritarismo mais sutil. Continuaremos trabalhando esse conceito agora ao analisar a relação do punk rock com o anarquismo.

Por conta da aversão do punk a autoridade (não autoritarismo) e ao controle exercido por ela, os integrantes do movimento se identificam imediatamente com o anarquismo. A definição de O'Hara (2005) defende que os punks partilham da crença em torno dos

princípios anarquistas de objeção a um governo oficial e de valorização à liberdade individual com responsabilidade. Embora admita que nem todos os sujeitos estudem e compreendam sobre a história e a teoria anarquista. De fato por acreditarem que a aceitação incontestável do poder exercido pela autoridade leva à aceitação natural e passiva de atos nocivos a sociedade (como já analisado na primeira parte). A premissa do punk passa ser a tentativa da criação de um modo alternativo de organização social, onde o poder seja exercido de maneira direta pelas próprias pessoas e sem nenhum controle do Estado, seja ele governado pela direita ou esquerda.

O'Hara (2005) argumenta que entre os punks capitalismo e comunismo (socialismo) são formas de controle social através da força, por esse motivo até mesmo os partidos de esquerda e outras organizações orientadas pelo ideal comunista não contam com a simpatia do grupo.

Os vários grupos punks existentes ao redor do mundo se orientam através dessa ideia básica sobre o anarquismo. Obviamente que nem todos esses grupos são formalmente organizados, para executar uma militância política efetiva. Em muitas ocasiões os ideais de não autoritarismo e anarquismo ficam restritos aos próprios membros e muitos grupos e coletivos punks acabam utilizando a arte como ferramenta de luta. Porém, ao analisarmos bem a lógica da compreensão punk sobre a maneira de organização social vigente e a alternativa de sociedade proposta por eles, percebemos que os indivíduos têm uma noção de disputa dentro do campo político e social. Como foi argumentado por O'Hara no parágrafo anterior, muitos não são versados em teorias sociais e políticas, mas dentro de sua compreensão construída através do não autoritarismo e do não conformismo. Essas pessoas entendem que devem disputar o espaço com o poder dominante, para propor suas ideias e fazer valer seus valores. Para o punk os capitalistas e comunistas (direita e esquerda partidária) competem pelo poder, mas não apresentam uma forma real de liberdade, nas palavras de O'Hara:

Neste século, revolução passou a significar uma revolução projetada por uma classe profissional de organizadores comunistas que meramente derrotaram sistemas capitalistas e os substituíram por sistemas próprios tão ou mais opressores. Nesse sentido, as revoluções tornaram-se um círculo vicioso, os descontentes se revoltam apenas para criar uma nova classe de descontentes. O comunismo não tem o grau desejado de liberdade que o anarquismo proporciona e, assim, não deve ser mais vantajoso do que seu suposto inimigo, o capitalismo. (2005, p. 76).

Desse modo os punks orientam-se a disputar o espaço do campo para propor uma nova maneira de organização social onde como argumenta O'Hara (2005), para que as pessoas possam viver com liberdade de autoridade, sem regras e sem nenhuma obrigação externa.

Os punks também percebem, ainda que de maneira indireta, a violência simbólica, como apresenta O'Hara (2005, p. 75). “A natureza dos governos e hierarquias em geral envolve a opressão e a exploração das pessoas que vivem sob ou são afetadas por eles”.

Diante disso, o punk entende a imposição de uma cultura dominante sobre o restante da sociedade por parte de uma classe que ocupa um lugar mais alto na hierarquia social e pelo governo (que é o estamento de coerção mais nítido e direto da sociedade).

O'Hara (2005) expõe que a ideia difundida na sociedade capitalista de que se pode ficar rico através de trabalho duro e honesto deve ser contestada, pois inúmeras pessoas trabalham muito e de maneira honesta sem conseguir sair da pobreza. De fato, podemos perceber entre os componentes do movimento contra cultural punk um ideário de contestação à cultura dominante que é baseada no individualismo, acumulação de riqueza, obediência incontestável as leis, a autoridade, a manutenção da ordem e a propriedade privada. Como já dito esse movimento propõe a construção de uma organização social mais horizontal, coletiva e menos hierárquica. O trabalho de O'Hara diz que a primeira banda punk a se identificar com os ideais anarquistas foi a britânica *Crass*, mas não se aprofunda sobre como foi o processo de adoção das ideias anarquistas pelo grupo, além disso, no capítulo voltado ao anarquismo o autor não trabalha com a interpretação da teoria anarquista proposta pelos defensores clássicos do modelo como Bakunin e Proudhon, ao invés disso, ele apresenta a compreensão punk sobre o conceito e como ele é utilizado pelo simpatizante da contracultura.

No primeiro capítulo desse trabalho definimos o punk como **movimento contra cultural**, através do entendimento prévio que movimento é um grupo de pessoas que se unem com um objetivo em comum, porém nesse momento vamos nos aprofundar mais no conceito de movimento e relacioná-lo ao punk rock.

A cientista política e socióloga Maria da Glória Gohn define movimento social da seguinte maneira:

Nós os encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas,

concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. (2011, p. 335).

Os indivíduos punks costumam se organizar em coletivos culturais ou pequenos grupos informais com a finalidade de promoção de festivais de bandas, criação de fanzines e ativismo social e político. Mesmo que esses organismos sejam pequenos, tenham alcance geralmente local e não exista um grande movimento nacional ou mundial unificado institucionalmente, esses agrupamentos mantêm laços de solidariedade e amizade. Costumam trocar materiais como coletâneas musicais e fanzines além de manter intercâmbio entre os membros. A demanda de luta baseada na já citada mudança de organização social faz emergir uma série de pautas relacionadas à construção de uma sociedade alternativa como: a luta contra o racismo, o machismo, a homofobia, contra a censura e autoritarismo, por mais que o movimento esteja fracionado em vários grupos sem uma ligação institucional as ideias que norteiam.

As ideias do ativismo são as mesmas e a arte é utilizada como arma de luta principal para denunciar e criticar o que os sujeitos acham errado. Porém é comum os punks engrossarem as fileiras de protestos e manifestações populares que possuam pautas em comum com as suas.

A união dos sujeitos punks em grupos também contribui para a formação do sentimento de pertencimento por conta da adesão motivada pela defesa de um ideal em comum. Além disso, um movimento proporciona espaço de fala mais horizontal no momento da elaboração de medidas e ações que objetivem mudanças ou a conquista de demandas. Dessa maneira é criado um senso de construção coletiva que resulta em um maior poder de luta no momento das disputas por participação política e social, o que não aconteceria se cada sujeito permanecesse isolado, como defende Gohn:

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo. (2011, p. 336).

Dessa maneira reforçamos a conclusão que o punk é um *movimento contra cultural*, pois mesmo que não tenha uma organização institucional os diversos grupos e coletivos tem ideias e objetivos em comum. Sendo que suas ações são em caráter coletivo buscando

participação no campo político e mudanças na estrutura de organização social, utilizando a contracultura como ferramenta de expressão e resistência contra a violência simbólica.

4.2 - O Ativismo punk em Caxias do Sul.

Apesar de não se organizarem de maneira institucional como um partido político, os punks também disputam espaço de fala na sociedade. Seja através de seus coletivos ou participando de outros movimentos sociais onde expressam suas visões e demandas políticas. Por conta da estética visual, das músicas e da idade dos componentes, muitos coletivos punks ou mesmo grupos informais não são levados muito a sério pela grande maioria da sociedade e por agentes políticos, pois a fala do indivíduo só é levada em consideração pelos demais se o mesmo demonstrar boa aparência, boa oratória, dicção, conhecimento erudito, status econômico e status social. Esses são os aspectos que fazem com que o indivíduo detenha a linguagem legítima. Assim, suas ideias expressas através de seu discurso tem maior valor para os demais, como discutimos no subtítulo anterior. Ainda assim, integrantes do movimento não deixam de disputar o campo político e social e escolhem como estratégia uma linguagem e ações mais diretas para conseguir chamar atenção da sociedade para suas pautas, seja através dos fanzines, sua estética visual, manifestações ou festivais musicais, mesmo que o restante da sociedade acaba observando, se chocando e estranhando o sujeito punk, ainda que possa não levá-lo a sério. Neste subtítulo vamos investigar como os punks caxienses do período realizavam seu ativismo social e quais ferramentas de fala utilizavam, primeiramente falaremos sobre o ativismo da primeira geração punk caxiense que se deu entre 1986 e 1994, posteriormente analisaremos a atuação da segunda geração entre os anos de 1995 e 1997.

No primeiro capítulo já tratamos sobre a chegada do punk rock em Caxias do Sul e o surgimento das primeiras bandas, além disso, nesse mesmo capítulo e no capítulo três já analisamos sobre os fanzines caxienses do período. Agora, vamos nos aprofundar sobre o surgimento desses periódicos artesanais tão utilizados na presente pesquisa e também sobre o início da cena punk na cidade. Em relação à primeira geração iniciamos reforçando que a maior característica desse período foi à falta de interação entre os grupos punks da cidade. O início da mobilização em um coletivo organizado se dá só a partir de 1992 e acaba se desarticulando por volta de 1994. No início do punk caxiense, na segunda metade da década

de 1980, o ativismo era muito isolado e restrito a atividades de cada grupo. A banda Detrito Urbano esteve em atividade entre final de 1986 e julho de 1990³³. Esse foi o grupo que mais conseguimos ter acesso a fontes quando falamos das bandas formadas ainda na década de 1980, assim começaremos nossa análise por ele.

Os integrantes dessa banda e seu grupo de amigos já estudavam sobre o anarquismo, marxismo e sobre a contracultura punk, porém não se consideravam anarquistas. Tentavam seguir algumas práticas da ideologia e tinham um posicionamento político de esquerda, mas de maneira geral partidário, onde apoiavam o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB)³⁴. Assim, as pautas defendidas por eles baseavam-se em fazer oposição às ideias oriundas da ditadura militar que havia acabado há pouco tempo, mas ainda permaneciam vivas na sociedade, defender a igualdade social e eleições diretas³⁵. De acordo com a entrevista de Roberto Marcon na conjuntura do pós-ditadura militar a repressão contra a juventude em geral era muito presente em Caxias do Sul, principalmente entre os jovens que saíam à noite. Logo, os punks eram os que mais chamavam atenção da polícia, pois além de saírem à noite ainda estavam caracterizados com toda a indumentária visual típica da tribo urbana, assim as abordagens contra punks (a qual eles chamavam de atraque) era frequente, muitas vezes com certo abuso de autoridade³⁶.

Como abordado no capítulo II, o grupo ligado a Detrito Urbano não chegou a editar um novo fanzine, porém a banda realizou muitas apresentações nas escolas onde estudavam os integrantes, garagens, salões e até mesmo fora da cidade³⁷. Em 1987, a banda teve duas apresentações exclusivas na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones, onde estudavam o primeiro guitarrista, o vocalista e o baterista, no mesmo ano se apresentaram em um festival de talentos escolares promovido pelo Colégio Estadual Imigrante com nova formação, onde estudava o segundo guitarrista. Em 1988 participaram do Segundo Ópera Rock Imigrante, no mesmo colégio, a banda encerrou o festival por ter um som mais enérgico, mas acabou tocando para um público de mil pessoas³⁸. Ainda em 1988 tocaram mais uma vez na Melvin Jones, em uma gincana no calçadão de Caxias do Sul, em garagens e em festas para arrecadação de fundos para o PT e PCB disputarem as eleições municipais daquele ano³⁹. Em 1989 mais uma apresentação na Melvin Jones, dessa vez no festival de música diversa, o MJ

³³ Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

Festival que teve a duração de dois dias. Já em 1990 a banda faz dois shows em Novo Hamburgo, esses em festivais exclusivamente punks. O contato para esse show foi feito em Porto Alegre no mesmo ano durante o show da banda Sepultura na capital, onde os integrantes da banda conheceram punks de Novo Hamburgo, uma vez que o movimento já estava mais estruturado. Assim, os punks daquela cidade acabaram convidando a Detrito Urbano para esse festival, antes de viajar os caxienses enviaram letras de suas músicas por correio para os amigos de Novo Hamburgo o que reforçou o interesse dos segundos pela participação dos primeiros no festival⁴⁰.

⁴⁰ Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

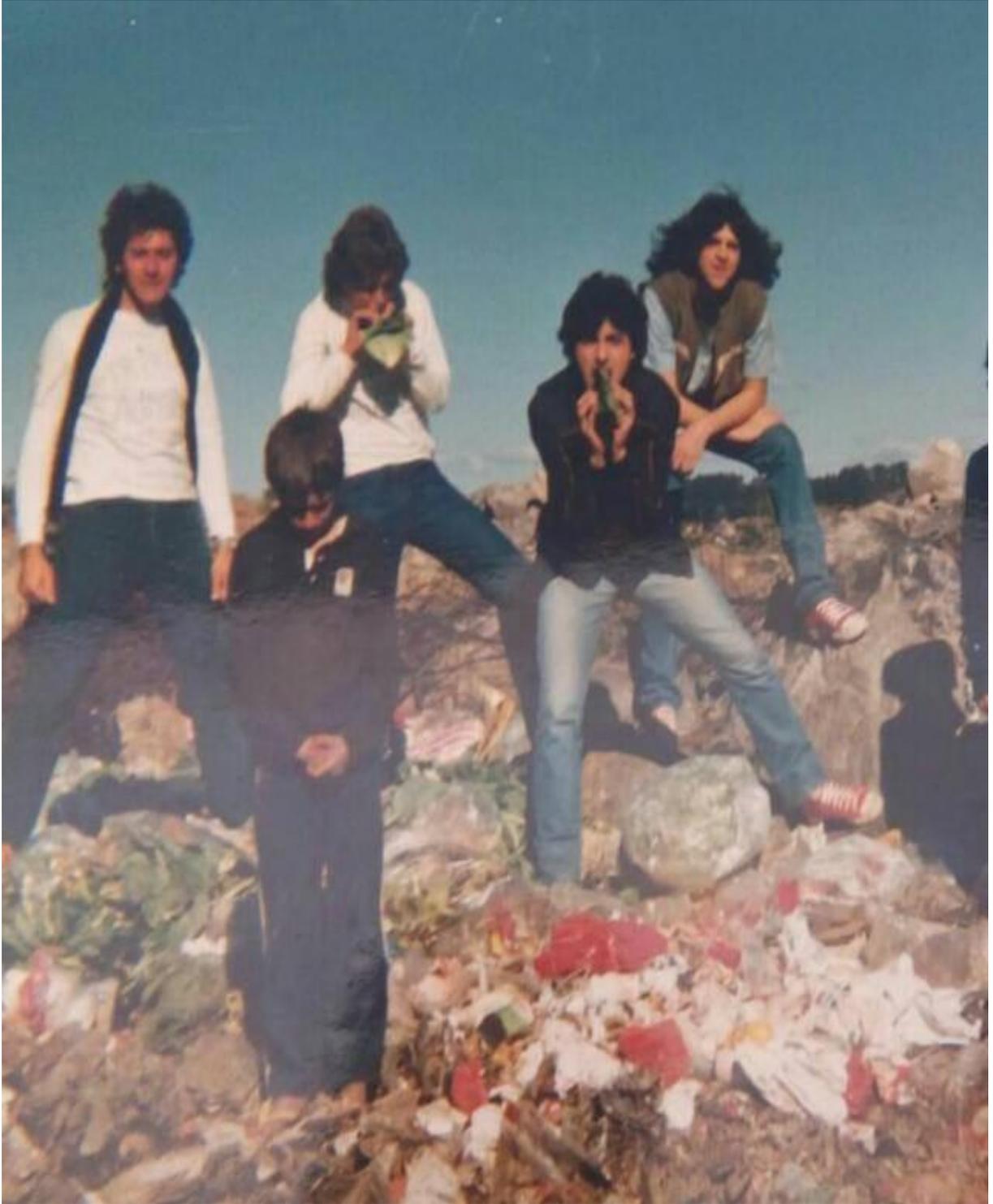


Figura 13- Formação da banda Detrito Urbano em 1987. Acervo pessoal de Roberto Marcon.



Banda Detrito Urbano, agosto de 1989,
participando do MJ festival, em Caxias do Sul,
direto do túnel do tempo...

Figura 14- Detrito Urbano em apresentação em festival na escola Melvin Jones em 1989.

Acervo pessoal de Roberto Marcon.

A banda encerrou suas atividades em 1990. Nas palavras de Marcon a partir do ano de 1989 os espaços para apresentações começaram a reduzir, pois todo o contexto nacional estimulado pelo festival *Rock in Rio* de 1985 estava enfraquecendo, assim o rock e por consequência o punk rock começou a tocar menos nas rádios e ter menos ocorrência de festivais⁴¹. Aliado a isso, Marcon que era vocalista da banda mudou-se de Caxias do Sul para região metropolitana de Porto Alegre naquele ano. Então os ensaios e shows ficaram inviáveis, a apresentação em Novo Hamburgo no dia 29 de julho de 1990 foi a última *performance* da banda e só foi possível porque a cidade é próxima de onde o vocalista vivia⁴².

Seguindo com o estudo do ativismo da primeira geração falaremos agora, sobre o primeiro fanzine da cidade intitulado Ovo Podre surgido em meados de 1988. Editado pelo Primeiro Entrevistado e seu grupo de amigos⁴³, feito de maneira artesanal e replicado em cópias Xerox, com escrita coletiva dos textos⁴⁴. O panfleto teve três números, um no já referido ano e mais dois em 1989 e depois acabou sendo descontinuado⁴⁵. Uma cópia de um número do Ovo Podre acabou chegando às mãos do irmão do Segundo Entrevistado no ano de 1990. Nesse ano o Primeiro Entrevistado já havia se tornado tatuador, um dos poucos na cidade. Por isso, era muito procurado pelos jovens. Dessa maneira, o rapaz que havia resgatado o fanzine acabou conhecendo um de seus autores, após ter se tornado cliente do tatuador. O irmão do Segundo Entrevistado pede autorização para reeditar os três números anteriores, recebendo a resposta positiva o jovem então, de posse das matrizes, produz cópias e publica novamente as primeiras edições do Ovo Podre entre 1990 e 1991. Agora, confeccionado por um novo grupo de pessoas composto pelo Segundo Entrevistado, seu irmão e seus amigos.⁴⁶ As cópias geralmente eram vendidas a 25 centavos ou distribuídas gratuitamente em shows e festivais de bandas locais que aconteciam mensalmente na concha acústica do Parque Getúlio Vargas. Com isso outras pessoas da cidade que se identificavam com o punk rock acabam se juntando ao grupo, entre eles um indivíduo ligado a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), grupo político de orientação socialista trotskista⁴⁷, a importância da chegada desse integrante será explicada adiante.

⁴¹ Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

⁴² Idem.

⁴³ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁴⁴ Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

⁴⁵ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

Com o bom retorno do público com a reedição dos antigos números do Ovo Podre, o grupo decide no ano de 1992 reativar a publicação produzindo edições inéditas. Opta por produzir material através de entrevistas com os frequentadores do espaço denominado pelos punks caxienses de *bobódromo* (já citado no capítulo anterior). Os integrantes do grupo preferiram esse método para estabelecer um diálogo com a juventude naquele momento para saber o que aquelas pessoas pensavam sobre o estilo de vida cultural da cidade, se deveria existir mais opção de locais com música e teatro⁴⁸. De acordo com o Segundo Entrevistado, ainda faltava maturidade política para os envolvidos no grupo e alguns textos foram feitos na base do escrache e do deboche típico dos adolescentes. Além disso, as entrevistas foram bem informais e não muito organizadas, trazendo temas até sexistas como sobre as mulheres que traziam a bunda para passear no local e assim chamar atenção dos homens, mas também houve produções mais reflexivas como questionar os jovens se eles achavam que era cultura permanecer no local apenas bebendo e observando os demais. No decorrer do ano o grupo lançou mais quatro números inéditos do fanzine⁴⁹.

Mais tarde, naquele ano, os punks responsáveis pela produção do fanzine foram acolhidos na sede da Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), que se localizava em uma sala comercial no centro de Caxias do Sul. Isso se deu graças à chegada do já referido integrante da corrente ao grupo punk. Essa transferência foi importante para os punks, pois foi na sede da corrente política que os mesmos tiveram contato com obras marxistas e anarquistas. Foi ali que alguns deles conseguiram ler livros de Marx, Lênin, Proudhon e Bakunin⁵⁰. Isso fez a diferença dentro do movimento na segunda metade da década de 1990, como falaremos mais adiante. Nesse mesmo local os fanzines eram escritos e reproduzidos, além de acontecerem debates e tentativas de criação de uma peça de teatro, que acabou não acontecendo⁵¹. Os indivíduos se reuniam na sede aos domingos e contribuía com um valor para ajudar no pagamento do aluguel do espaço⁵². Após as leituras e estudos das obras políticas disponíveis, os punks acabaram se reafirmando anarquistas e se tornando críticos do marxismo. Isso gerava debates intensos com os integrantes trotskistas que frequentavam o mesmo espaço principalmente entre os socialistas mais velhos que ao verem os punks com camisetas com estampas escritas “Movimento Punk Ovo Podre, sem governantes e nem

⁴⁸ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

governados”, prontamente rebatiam dizendo que anarquismo era utopia e que era necessário existir um governo dos trabalhadores com uma ditadura do proletariado. Essa definição de ditadura do proletariado acabava deixando os punks com *um pé atrás* em relação ao socialismo⁵³, como comentamos no capítulo anterior.

⁵³ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.



Figura 15- Capa do fanzine Ovo Podre número 02 de 1988 e reeditado em 1991. Acervo pessoal do Segundo Entrevistado.

Cabe apontar também que exatamente nesse período em que ocupavam o espaço começou a se organizar o movimento punk Ovo Podre, de cunho anarquista. A partir do grupo que editava o fanzine de mesmo nome⁵⁴, esse foi o primeiro coletivo punk de Caxias do Sul que mobilizou membros de um modo unificado. No final daquele ano a CST decidiu filiar-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), para disputar linhas ideológicas visando às eleições gerais de 1994. Por conta dessa atitude somada ao choque de ideologias entre os dois grupos, os punks acabaram deixando a CST por não concordarem em se filiar a partidos políticos. Assim, a produção do fanzine acabou se desarticulando e junto à falta de novas ideias para produção de material o periódico teve seu fim, com último número contendo recortes de panfletos da Confederação Operária Brasileira, de cunho anarquista, com forte apelo a luta de classe do proletariado⁵⁵. Porém ao longo de 1992 e durante os anos de 1993 e 1994 cópias ainda foram feitas e distribuídas por membros do movimento em shows e festivais que ocorriam no município⁵⁶. Antes do rompimento um dos punks chegou a fazer curso de formação política⁵⁷, assim fica claro o quanto foi importante para o amadurecimento político dos indivíduos terem frequentando a sede da CST.

Com a formação do movimento punk anarquista Ovo Podre, os indivíduos começaram a participar de manifestações organizadas por movimentos sociais e organizar seus próprios protestos. De acordo com o Segundo Entrevistado os punks do coletivo costumavam apoiar as mobilizações em defesa de pautas de esquerda, como redução de jornada de trabalho sem redução de salário, combate a fome e a miséria ou então em defesa de pautas pacifistas e antimilitares⁵⁸. Uma das primeiras passeatas a contar com a adesão dos punks caxienses foi a luta secundarista contra ao calendário rotativo das escolas estaduais no ano de 1992. Durante a administração do governador Alceu de Deus Collares⁵⁹, a mobilização foi promovida pelo CPERS, por isso contou com grande incentivo dos professores para a adesão dos estudantes, como os integrantes do movimento ainda frequentavam a escola acabaram participando da manifestação que ocorreu na Praça Dante Alighieri, e contou com o apoio não só deles e dos professores, como também dos estudantes, grêmios estudantis das escolas e de alguns pais, durante o ato os punks utilizaram sua estética para se identificar, como o penteado moicano,

⁵⁴ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

além de levantar faixas e cartazes⁶⁰. A participação do Ovo Podre serviu como autoafirmação para os integrantes, além de incentivar a mobilização de outros jovens punks da cidade⁶¹.

Outra manifestação, dessa vez organizada pelos próprios integrantes do movimento, foi mobilizada contra a Lei das Onze, já no ano de 1993. Conforme matéria jornalística, a referida lei foi uma portaria decretada pelo juiz Silvio Abelardo Canani em outubro do mesmo ano, motivada pelo assassinato de um menor de idade na Avenida Júlio de Castilhos, após uma série de incidentes violentos, com isso ficou proibido à permanência de menores de 16 anos nas ruas caxienses, após as 23h00min (PIONEIRO, 1993, 20 de dezembro, página 16). Nas palavras de um jovem punk, transcritas na reportagem do jornal Pioneiro⁶², aquela era uma lei fascista criada pela burguesia caxiense para oprimir a juventude. De acordo com o depoimento do Segundo Entrevistado, após cair em uma instância jurídica superior, a lei foi considerada inconstitucional e acabou sendo derrubada⁶³. O protesto foi feito no domingo, 19 de dezembro, por volta das 16h00min e contou com a participação de cerca de 60 integrantes que se deslocaram até a casa do magistrado com cartazes dizendo “Abaixo Canani” e “Fora lei das 11 horas”, porém Canani estava de férias e não se encontrava na residência⁶⁴. Conforme o Segundo Entrevistado, os jovens ficaram cerca de uma hora em frente à moradia do juiz⁶⁵. O coletivo punk também aderiu, ainda em 1992, às manifestações em favor do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello⁶⁶.

A respeito da repressão policial a partir do início da década de 1990, o nosso Segundo Entrevistado conta que se dava mais em relação a drogas, usadas por alguns punks que se integravam aos protestos, pichações ou quando os atos acabavam bloqueando as vias ou praças por serem realizados sem autorização prévia do poder público municipal. A repressão ao vandalismo e as drogas era grande, principalmente se o indivíduo fosse pego em flagrante, porém não havia repressão em relação à expressão. No momento em que os policiais da Brigada Militar se aproximavam de um ato público não autorizado previamente os punks gritavam palavras de ordem como: *“Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”* ou *“Abaixo a repressão, mais amor e mais pão”*.⁶⁷ Outro aspecto a ser ressaltado é que não eram somente punks que participavam desses protestos do movimento, muitos fãs do gênero

⁶⁰ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁶¹ Idem.

⁶² Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de dezembro de 1993.

⁶³ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁶⁴ Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de dezembro de 1993.

⁶⁵ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

musical metal também estavam juntos com os primeiros. Não havia rixa ou rivalidade entre as duas tribos urbanas na cidade naquele período, ambas conviviam e atuavam em harmonia⁶⁸.



Figura 16- Reportagem sobre o protesto do movimento punk Ovo Podre contra a Lei das onze. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de dezembro de 1993.

⁶⁸ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

Também foram formadas mais bandas no período dessa primeira geração, além das bandas já mencionadas no segundo capítulo, fundadas entre 1986 e 1989: Detrito Urbano (VEIGA; VIVAS; CARNIEL, 2021), Desordem e Regresso do bairro Lourdes, Pele e Osso do bairro Pio X e Parto de Macaco⁶⁹. Surgiram outras como a Princípio do Caos, fundada em 1991, que depois foi renomeada como *Radioativo Trash* e a banda Raízes da Podridão, formada em 1994⁷⁰. Com exceção da última que participou de alguns festivais organizados já no período da segunda geração, as demais fizeram poucos shows e permanecerem na maior parte do tempo ensaiando em seus bairros com seus amigos⁷¹. Um dos shows que merece destaque foi realizado entre o fim da década de 1980 e início da década de 1990 (a data é incerta). Foi o primeiro show exclusivamente punk da cidade realizado no bloco F do campus sede da Universidade de Caxias do Sul⁷², com as fontes que tivemos acesso não foi possível identificar que ou quais bandas participaram desse show e nem aprofundar mais sobre as atividades das demais bandas citadas, com exceção da já analisada Detrito Urbano.

Durante o ano de 1994 o movimento Ovo Podre acaba se desarticulando também, porém como vimos anteriormente alguns membros continuaram fazendo cópias das edições e distribuindo fanzines em shows e festivais, assim acabaram conhecendo outros jovens que se identificavam com a contracultura punk⁷³. Esses indivíduos mais jovens são os que, a partir de 1995, acabam articulando as iniciativas da cena punk caxiense com a produção de novos fanzines e organização de festivais, como vimos no capítulo anterior. Analisando o relato do Segundo Entrevistado, podemos entender que a partir daí surgia à segunda geração de punks caxienses⁷⁴. Não necessariamente os integrantes do Ovo Podre afastaram-se da cena. Alguns continuaram frequentando os novos festivais e colaborando com as produções, porém agora eram os novos indivíduos os protagonistas do punk na cidade. Com isso podemos apontar que as características da primeira geração punk são: movimento segmentado e ativismo isolado durante a década de 1980, aliado a primeira tentativa de mobilização para o ativismo unificado no início dos anos 1990 com o coletivo Ovo Podre, politização conjunta dos membros, publicação de somente um fanzine, surgimento de poucas bandas, organização de somente um festival exclusivamente punk e desarticulação do movimento.

⁶⁹ Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

⁷⁰ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁷¹ Idem.

⁷² Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

⁷³ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁷⁴ Idem.

Como destacamos no capítulo anterior foi na segunda metade da década de 1990, mais precisamente entre 1996 e 1998, que aconteceu o maior número de produção de fanzines, formação de bandas e organização de festivais musicais. Foram formadas nesse período bandas como: *Subversivos* em 1995, *Anti-conformismo* em 1997, *Antítese Social* também em 1997 entre outras como Sistema de Vida⁷⁵, Aphasia, Violência Verbal, Ressaca de Governo, Lixo Orgânico, Vírus 13, THC E DLU (VEIGA; VIVAS; CARNIEL, 2021). Foi a partir da iniciativa dos membros da primeira banda citada que em 1996 foi organizado o primeiro festival Polenta Frita⁷⁶. Como falamos no capítulo III, teve nove edições entre os anos de 1996 e 2002 (VEIGA; VIVAS; CARNIEL, 2021). O evento teve sua primeira edição realizada no Skate Park área que faz parte do Parque Getúlio Vargas (Parque dos Macaquinhos). Um integrante da banda *Subversivos* foi o responsável por organizar o show, conseguindo autorização na prefeitura municipal e disponibilizando os equipamentos de palco da sua banda⁷⁷. Posteriormente as edições do evento passaram a ser organizadas de maneira conjunta entre as bandas participantes. Cada uma delas disponibilizava um equipamento próprio para viabilizar o evento⁷⁸ que também passou a ocorrer em outros locais da cidade. Como vimos no capítulo III, para realizar o festival em outros espaços que não pertenciam ao poder público era necessário o pagamento de aluguel, assim era cobrado ingresso do público para custear esse gasto e outras despesas como gasolina para o transporte de equipamentos pelos músicos que tinha automóvel e limpeza do lugar após o show. Isso acabou gerando forte oposição dos punks identificados com o movimento anarcopunk, porém como nos fala o Segundo Entrevistado sem essas ações ficava inviável a realização de qualquer festival punk em Caxias do Sul⁷⁹. Como podemos ver no canal Festival de bandas de Caxias do Sul-RS, no site You Tube (2019), locais como o Parque da Maesa, Pavilhões da Festa da Uva e bares do centro da cidade também sediaram festivais punks a partir da segunda metade da década de 1990.

⁷⁵ Entrevista concedida pelo o Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.



Figura 17- Faixa no Festival Polenta Frita ocorrido no ginásio do bairro Panazollo em 1997. Screenshot retirado do vídeo Polenta Frita VI- Panazollo (1997), porém no vídeo citado a informação está equivocada, pois a sexta edição do festival aconteceu no Parque dos Macaquinhos, assim o evento realizado nesse bairro trata-se de outra edição. Acervo do canal Festival de bandas de Caxias do Sul-RS no You Tube.



Figura 18- Cartaz do primeiro festival Polenta Frita, ocorrido no Skate Park. Parque dos Macaquinhos em 1996. Acervo do projeto Oqimportacx.

O anarquismo continuou sendo a ideologia condutora dos punks caxienses na segunda metade da década de 1990, porém nessa geração cada indivíduo estudou e compreendeu sobre o tema a seu modo, como explicou o Segundo Entrevistado. Era *cada um por si* no momento de estudar o anarquismo e saber diferenciá-lo de outras ideologias políticas⁸⁰. A partir desse relato podemos supor o motivo de rixas e sectarismo entre os anarcopunks e os demais punks, (tema tão falado no decorrer dos capítulos III e IV), provavelmente nem todos acabaram se aprofundando do mesmo modo no estudo sobre política durante aquele período como haviam feito os integrantes do Ovo Podre na primeira metade da década, pois não houve um espaço como a sede da CST onde existiam livros disponíveis, indivíduos que, mesmo de outra corrente política, passavam algum tipo de experiências aos mais jovens, além de proporcionar debates e até curso de formação política. Logo coube a cada um interpretar o anarquismo a sua maneira e assim, talvez, criar um conceito particular sobre o significado da palavra. Com cada indivíduo ou pequeno grupo punk tendo seu próprio significado de anarquismo a facilidade para debates ou desentendimentos acaba sendo maior, seria uma boa sugestão para pesquisas futuras investigar o anarquismo e anarquismos entre os punks de Caxias do Sul na década de 1990.

Em 1997 surge na cidade o coletivo anarquista Juventude Libertária, formado pela junção do coletivo anarquista feminino Joana D'Arc com rapazes oriundos do movimento anarcopunk caxiense que queriam formar um grupo anarquista além do punk⁸¹. Segundo a fala do Segundo Entrevistado a ideia do novo coletivo era desvincular a imagem do anarquismo com o punk rock, pois para os membros o ativismo dentro do anarquismo precisava ser mais social do que cultural⁸². Carregando o codinome de *Juli*, o Juventude Libertária manteve suas atividades entre 1997 e 2003, participando de simpósios anarquistas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Além de organizar manifestações em Caxias do Sul, entre os seus integrantes havia alguns indivíduos que tinham participado do coletivo Ovo Podre, cabe reforçar que nem todos os punks utilizavam a estética visual e que alguns membros do movimento anarcopunk que usavam roupas e penteados típicos acabaram deixando de usá-los assim que entraram no *Juli*, pois adotaram um visual mais proletário do que punk. Mesmo assim não deixaram de frequentar shows, eventos e ajudar na produção de

⁸⁰ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

fanzines. O próprio coletivo *Juli* publicou um informativo em formato de fanzine intitulado *Pela vida e pelo amor*⁸³.

A produção de fanzines a partir de 1996 até meados de 1998 também foi intensa e vários títulos foram lançados como: Ato de Resistência Libertária, Pela Vida, Pense Ágil⁸⁴, Subterrâneo Zine, Combatendo Para Viver, O Povo Explorado e entre outros. A produção continuava acontecendo a mesma maneira da primeira geração: modo artesanal, com várias colagens, textos contra a burguesia, estado, repressão, exploração e destruição do meio ambiente, cópias replicadas em Xerox e distribuídas em festivais. Como mencionado no capítulo I, muitas produções não têm assinatura do autor, mas possuem um endereço, geralmente de caixa postal, para troca de outros exemplares entre produtores. Conforme nos diz o Segundo Entrevistado desde a produção do fanzine Ovo Podre os autores não assinavam os textos que escreviam ou então utilizavam uma sigla ou apelido⁸⁵. Analisando os exemplares produzidos pela segunda geração punk, onde há inclusive endereços de autores de outros estados, podemos perceber que essa atitude era uma característica muito comum entre os punks da década de 1990. O Segundo Entrevistado nos conta ainda que por ser de autoria geralmente coletiva muitas pessoas preferiam não assumir a produção individual de um fanzine⁸⁶, o que também justifica a falta de assinatura de autores. Além dos tradicionais textos de protesto as edições também divulgavam o acontecimento de festivais.

De acordo com o que analisamos no decorrer do presente capítulo podemos observar que o ativismo punk na cidade de Caxias do Sul aderiu às lutas em defesa das demandas de esquerda, onde o sujeito punk acabava se integrando a manifestações políticas em defesa de melhores condições de trabalho, melhorias na educação e do combate à miséria e a fome. Além disso, os integrantes também defendiam suas próprias demandas, principalmente dentro do campo cultural, onde o anarquismo era a ideologia condutora de sua militância e a arte sua principal ferramenta de expressão. As características da segunda geração punk que podemos apontar são: novos integrantes mais jovens que os pioneiros, maior mobilização para organização de festivais, maior quantidade de festivais, publicação de várias edições de fanzines, maior número de bandas, politização individual de cada sujeito e conseqüentemente rixas ideológicas dentro do movimento.

⁸³ Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.



Figura 19- Fanzine Pense Ágil, segunda metade da década de 1990. Nele há matéria divulgando o acontecimento do Festival Polenta Frita VII. Acervo pessoal do autor.



Figura 20- Fanzine Povo Explorado, década de 1990. Na capa é possível notar a defesa de pauta ambiental, contra as armas nucleares e contra opressão e discriminação, além de um endereço para troca de material. Acervo pessoal do autor.

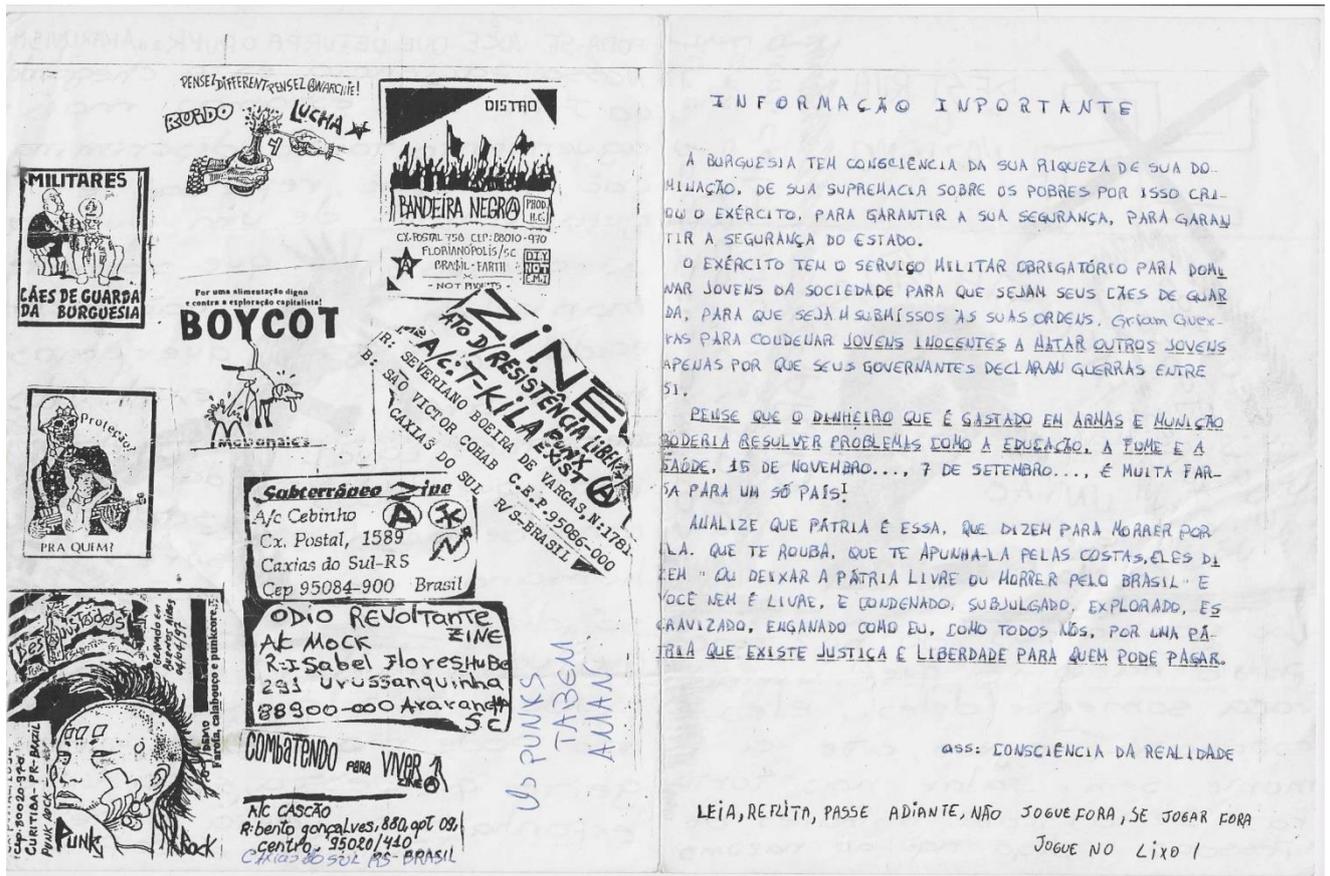


Figura 21- Interior de fragmento de fanzine caxiense da segunda metade da década de 1990. À esquerda podemos notar o anúncio de diversos fanzines e endereços para troca de material, inclusive de produções de fora do estado como o título catarinense Bandeira Negra. Os títulos Ato de Resistência Libertária, Combatendo para viver e subterrâneo Zine, são de Caxias do Sul, sendo que os dois últimos citados possuem a assinatura do codinome de seus autores junto ao endereço. Já à direita está contido um texto contra a burguesia. Acervo pessoal do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Iniciamos as considerações finais relembrando que essa é a primeira pesquisa acadêmica a respeito da história do punk rock em Caxias do Sul, porém, tal fato por si só, não basta para justificar a relevância do trabalho para a história do município. O estudo sobre a expressão punk possibilitou compreender melhor sobre a chegada dessa contracultura e como ela se adaptou a realidade caxiense, ou seja, entender como os indivíduos que se identificaram como punks na cidade e utilizaram os canais de comunicação da citada contracultura, como a arte (música, estética e fanzines) e o ativismo (mobilizações e anarquismo) para apresentar a sociedade os problemas e demandas locais defendidas por eles. Além disso, pudemos conhecer mais sobre a organização da cena punk local: suas ideias e seu modo de mobilização, o que auxilia a desconstruir os preconceitos e rótulos sociais dados a essa tribo urbana que, para grande parte da sociedade, é vista como um grupo de delinquentes, marginais e rebeldes sem causa. Como vimos no capítulo III essa interpretação social acerca dessa contracultura já era muito forte em Caxias do Sul, durante o período estudado e continua sendo. Por fim, reforçando a recuperação de fontes documentais como os fanzines e a criação de fontes orais, através das entrevistas são uma forma de valorizar a trajetória dos envolvidos na formação da cena do município. Em síntese, quando estudamos determinado grupo, conhecemos sua história, ideias e modo de organização. Não estamos apenas produzindo conhecimento, mas também uma ferramenta de respeito e reconhecimento às pessoas implicadas ao nosso objeto de estudo.

No capítulo II analisamos a história do punk seu surgimento no subúrbio de Nova York à sua chegada em Caxias do Sul, concluimos que o movimento deu seus primeiros passos ainda na metade da década de 1960, quando jovens que ainda eram ligados à cultura hippie formam a banda *Velvet Underground* e passam a tocar músicas que falavam sobre sua realidade onde conviviam com drogas, prostituição, violência e pobreza. A partir disso outros jovens que também viviam realidade social semelhante se inspiram a montar bandas para falar de sua realidade. Assim, o *rock'n roll* executado por eles passa a ficar cada vez mais simples e rápido, em detrimento do rock progressivo que estava em moda na época, por ser simples de ser tocado o gênero se espalha pelas periferias das grandes cidades a partir da década de 1970,

ocasionando o surgimento de muitas bandas e a formação de cenas distintas como a boêmia e intelectual, cena nova iorquina e a rebelde e violenta cena inglesa. Em Caxias do Sul pudemos notar que o punk rock chegou por volta de 1985-1986, por duas formas: através de músicas de bandas punks tocadas na programação da rádio Ipanema FM e por meio do encontro de jovens caxienses com punks de Porto Alegre, enquanto residiam no litoral de Santa Catarina, após isso LP'S, fitas K7, e revistas que falavam sobre o assunto começam a aparecer timidamente em lojas da cidade. Percebemos também que logo após a chegada do punk ao município a cena local era segmentada, assim não havia grande interação entre bandas e os grupos de amigos que as seguiam.

No decorrer do capítulo III investigamos sobre a leitura do contexto político e social pelos punks caxienses, onde através do referencial teórico buscamos entender como os punks da cidade compreendiam a violência simbólica e o *habitus* vigente na sociedade. Também analisamos o que era ser punk para os punks do município, e que valor era dado à estética. Assim, conseguimos dizer que os punks caxienses mantiveram um posicionamento político à esquerda. Geralmente conduzido pelo anarquismo, onde apoiavam as lutas em defesa de melhores condições de trabalho e salário, do combate à miséria e a desigualdade social e de maior apoio público para o desenvolvimento cultural, baseado no senso crítico no município. Além de se posicionarem contra a exploração, a repressão social, o autoritarismo, as guerras e os gastos militares. Para o punk caxiense o causador de toda a violência simbólica na sociedade era o chamado *Sistema* formado pela união do Estado com a burguesia, onde o segundo explora os mais pobres e o primeiro utiliza da repressão e do autoritarismo para defender os interesses do primeiro. Enquanto a sociedade de Caxias do Sul, na época, se caracterizava por um *habitus* passivo, apático, voltado à exibição pessoal e engrandecimento do ego, logo, para os punks, não havia uma mobilização social para combater o domínio do *Sistema* no campo social.

A estética punk era vista como um modo de identificação, uma maneira de o indivíduo assumir-se punk e comunicar a sociedade qual era o gênero musical que ouvia, quais ideias acreditava e as demandas que defendia. Nesse capítulo também identificamos que durante o período 1986-1997, houve duas gerações punks no município, a primeira que durou de 1986 até meados de 1994. Sendo responsável pela criação das primeiras bandas, fanzines e organização dos primeiros festivais e manifestações. Quanto à segunda geração, formada por indivíduos mais jovens, apareceu por volta de 1995, sendo que o auge da mesma se deu entre

1996 e 1998, período em que houve a maior produção de fanzines, formação de bandas e organização de festivais punks na cidade. A primeira geração foi a responsável por moldar a leitura de realidade dos punks caxienses.

No capítulo IV analisamos o ativismo punk onde podemos apontar que para combater o poder do *Sistema* o sujeito punk utiliza da expressão cultural, para criticar e denunciar os abusos da força dominante ao mesmo tempo em que pretende conscientizar o restante da sociedade para aderir à luta contra esse poder. Assim, a arte é sua principal ferramenta de ativismo onde, através da música e dos fanzines o indivíduo expressa seu descontentamento. Além de servir como ferramenta de expressão a arte também foi um meio de mobilização do movimento na cidade. Através do fanzine Ovo Podre é que se organiza o primeiro coletivo punk unificado, fazendo com que o ativismo segmentado dos pequenos grupos no início da cena se transformasse em um grupo maior que aderiria a protestos e manifestações, estimulados por outros movimentos sociais e também organizava os seus próprios atos. Posteriormente, na segunda metade da década de 1990, quando o movimento passa a ser organizado por indivíduos mais jovens. A aglutinação dos punks continua e faz com que os integrantes da cena expandam seus canais de expressão formando mais bandas, organizando vários festivais musicais e publicando um grande número de fanzines.

No decorrer do capítulo também conseguimos apontar as principais características das duas gerações punks do período pesquisado. A primeira geração teve como características: movimento segmentado e ativismo isolado durante a década de 1980, aliado a primeira tentativa de mobilização para o ativismo unificado no início dos anos 1990 com o coletivo Ovo Podre; politização conjunta dos membros; publicação de somente um fanzine; surgimento de poucas bandas; organização de somente um festival exclusivamente punk e desarticulação do movimento. Enquanto as características da segunda geração são: novos integrantes mais jovens que os pioneiros; maior mobilização para organização de festivais; maior quantidade de festivais; publicação de várias edições de fanzines; maior número de bandas; politização individual de cada sujeito e conseqüentemente rixas ideológicas dentro do movimento.

Para finalizar, devemos lembrar novamente que por não ter conseguido acesso a grande número de fontes, essa pesquisa é um recorte pequeno e uma prévia sobre a história do punk caxiense, assim a partir dela é possível ampliar a investigação sobre o tema com novos trabalhos baseados em informações levantadas aqui, por exemplo: pode-se pesquisar a história

do festival Polenta Frita, mulheres no punk rock caxiense, anarquismo e anarquismos em Caxias do Sul (como citado no capítulo IV). Aprofundar o estudo sobre a produção e distribuição dos fanzines na cidade, pesquisar sobre outros festivais punks, bibliografar bandas, enfim, as opções são muitas e são apontadas aqui porque uma investigação científica jamais pode ser considerada como concluída. Ela deve ser sempre continuada e ampliada para que seja produzida a maior quantidade de conhecimento possível sobre um determinado objeto. Assim leitor, sinta-se à vontade para utilizar esse estudo como ponto de partida, inspirar-se e até mesmo criticá-lo quanto sua metodologia, pois o maior objetivo de um cientista de qualquer área é fazer com que seu trabalho, de alguma forma, dê um retorno positivo para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7GRAUS. **Dicio**: dicionário online de português. Dicionário Online de Português. 2020. Site 7graus. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BIVAR, Antonio. **O que é punk?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. 182 p. Coleção primeiros passos 76.

BORTHOLUZZI, Juliana. **A influência do movimento punk na moda: do underground até a alta costura, na circulação midiática dos editoriais de moda.** São Leopoldo/RS: Unisinos. 2015a.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** São Paulo: Vozes, 2019. 265 p. (II). Tradução Fábio Creder.

BRANDT, Jóice. **Violência Simbólica**: uma reflexão acerca do habitus docente. 2014. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Univates, Lajeado, 2014.

BURKE, Peter *et al.* **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 2011. 368 p. Magda Lopes.

DA SILVA, Daniel Maciel da Costa. **Marginalidade e design: origens e desdobramentos do punk.** Belo Horizonte/ MG: UEMG. 2017a.

ERNANI, Felipe. **Death: conheça a banda que foi punk antes do punk existir.** 2020. Tenho mais discos que amigos. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/06/04/death-punk-antes-do-punk/>. Acesso em: 06 set. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-513, 2011. Trimestral.

GRENFELL, Michael *et al.* **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018. 393 p. Fábio Ribeiro.

KURMANN, Carolina. **A estética punk nas capas dos álbuns das principais bandas do gênero na década de 1970**. Caxias do Sul, 2015. 92 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social) – Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de Caxias do Sul.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por Favor: a história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&pm Pocket, 2017. 536 p. (II). Tradução Lúcia Brito.

MILANI, Marco Antônio. **Dinâmicas ideológicas no movimento punk**. In: SIMPÓSIO DE LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 3. , 2008, Londrina. Anais... Londrina: III Simpósio de Lutas Sociais na América Latina, 2008. p. 1-12.

MORAES, Everton de Oliveira. **“Deslocados desnecessários”: O ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000)**. Florianópolis, 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

NEIVERTH, Érika Hasse Becker. **Movimentos sociais e ensino de história: uma análise do movimento punk e suas representações no ensino fundamental**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO ROCK, 1. , 2013, Cascavel. Anais... Cascavel: Unioeste, 2013.p. 1-10.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005. 199 p. Tradução Paulo Gonçalves.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Somos expressão, não subversão! – A gurizada punk em Porto Alegre. Porto Alegre, 2006**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Brasiliense, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Arte Da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200 p.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **Rompendo o Isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância.** Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020. Publicação Contínua. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/issue/view/3892/showToc>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a lava jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017. 239 p.

SOUZA, Rafael Benedito de. **Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu.** Revista Ars Historica, Rio de Janeiro, n. 7, p. 139-151, 2014. Semestral.

FONTES DOCUMENTAIS:

DOCUMENTÁRIO:

BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Direção de Gastão Moreira. São Paulo: ST2, 2006. 1 DVD (110 min). son. color.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 20 dez. 1993. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=34507&p=0>. Acesso em: 25 maio 2021.

ROGIA, Rafael. Festival de bandas de Caxias do Sul-RS. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCy_yMDFZOgt7xHF3NNU-7TA/featured. Acesso em: 29 maio 2021.

VEIGA, Rochele da; VIVAS, Patrícia; CARNIEL, Carlos. Oqimportacx: cena cultural underground-memórias-registros-histórias. Caxias do Sul, 18 maio 2021. Instagram: @oqimportacx. Disponível em: <https://www.instagram.com/oqimportacx/>. Acesso em: 27 maio 2021.

ENTREVISTAS:

Entrevista concedida pelo Primeiro Entrevistado ao autor via Facebook em 06/09/2016 e 12/09/2016.

Entrevista concedida pelo Segundo Entrevistado ao autor via plataforma Google Meet em 02/04/2021.

Entrevista concedida por Roberto Marcon ao autor via Whatsaap em 01/06/2021.

ANEXOS

ANEXO A

FANZINE OVO PODRE Nº 02 1989, REEDIÇÃO 1991.





SALVE OS BUCÉFALOS, OS DESOCUPADOS, OS EMACONHADOS, AS MOCRÉIAS E O RESTO DA GRINGOLÂNDIA PELA CONTRIBUIÇÃO (GRANA!) DADA AO OVO PODRE I QUE POR SINAL ME PROPORCIONOU LONGAS NOITES DE EMBRIAGUÊS. SÓ VALEU.

APARTIR DESSE ELOGIO COMEÇA O **OVO PODRE II** QUE VEM PRA DETONAR AS ESTRUTURAS DE SUAS CONSCIÊNCIAS PERVERTIDAS E LEMBRAR QUE A BARRA TA' PESADA, POIS, APESAR DA "DITA" DEMOCRACIA A REPRESSÃO CONTINUA, OS COLONOS TÃO SEM TERRA, OS JOVENS SEM ESPACO DE ATUAÇÃO, OS VELHOS ISOLADOS EM ASILOS, AS CRIANÇAS POBRES SEM ESTUDO, OS POLÍTICOS ILUDINDO, A ALIENAGÃO DO POVO NO AUGE, ETC... MAS, APESAR DE TUDO, VIVA A VIDA, VIVA A MUSICA, AS MULHERES, A MORTE DO REAGAN, ETC. ATE' MAIS SEUS PODRES.

OVO PODRE II

criação & arte: J.R. PODREÇÕES

AGRADEÇO AO VINHO BRANCO, A MINHA CIDADE AMARELA, AO FUMINHO, A GRINGOLÂNDIA, AO DINARTI (GENIAL!), AO ÁLVARO ESPÍRITO-DE-PORCO, AO JOHN TEX, A DOR-DE-CABEÇA E A VOCÊ QUE COMPROU SEU FIM.

RESOLUÇÕES DO III CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO - 1920

AFFIRMAÇÃO DE PRINCÍPIOS DO PROLETARIADO ORGANIZADO DO BRASIL

O 3º C.O.B., TENDO EM VISTA AS CONDIÇÕES PARTICULARES AOS MEIOS OPERÁRIOS DO BRASIL, REAFFIRMA EM SUAS LINHAS GERAES AS DECLARAÇÕES FEITAS NOS CONGRESSOS DE 1906 E 1913; POR OUTRO LADO, POREM, EXAMINANDO E PONDERANDO A SITUAÇÃO HISTÓRICA DE FACTO EM QUE SE ENCONTRA O PROLETARIADO MUNDIAL NESTE MOMENTO, JULGA NECESSÁRIO ESTABELECEER, EM TERMOS PRECISOS, UM CRITÉRIO FUNDAMENTAL, POSITIVO E REALISTA, PELO QUAL DEVERÃO ORIENTAR-SE TODAS AS ORGANIZAÇÕES, TODAS AS LUTAS, TODOS OS ESFORÇOS DOS TRABALHADORES DO BRASIL.

I. — TODA A VIDA DOS NOSSOS DIAS, EM TODO O MUNDO, GIRA EM TORNO DO CHOQUE DE INTERESSES ENTRE AS DUAS CLASSES BÁSICAS DA SOCIEDADE: A CLASSE DOS TRABALHADORES E A CLASSE DOS CAPITALISTAS. ESTÃO DE UM LADO OS OPERÁRIOS, OS PRODUTORES, OS OPRIMIDOS, OS POBRES; DE UM LADO ESTÃO OS PATRÕES, OS PARASITAS, OS OPRESSORES, OS RICOS.

II. — A CLASSE DOS TRABALHADORES É A CLASSE QUE PRODUZ EFFECTIVAMENTE E DIRECTAMENTE TODAS AS RIQUEZAS SOCIAIS, E É, NO ENTANTO, A CLASSE POBRE: A CLASSE DOS CAPITALISTAS NADA PRODUZ DIRECTAMENTE, NEM EFFECTIVAMENTE, E, NO ENTANTO, É A CLASSE RICA.

HA NESTE FACTO CONCRETO UMA INJUSTIÇA CONCRETA, QUE A CONCIENCIA DAS MASSAS PROLETARIAS DE HOJE NÃO PODE MAIS SUPORTAR. D'AHÍ, O CHOQUE DE INTERESSES QUE SE TRANSFORMA NUMA LUTA CONTRA A INJUSTIÇA, NUMA LUTA PELA JUSTIÇA.

III. — ESSA É A CARACTERÍSTICA HISTÓRICA DOS CONFLITOS SOCIAES DO NOSSO TEMPO: REVOLTA DA CONCIENCIA PROLETÁRIA CONTRA A INJUSTIÇA DO REGIMENTO CAPITALISTA.

IV. — DA CONCIENCIA DESPERTA E REVOLTADA NASCE O DESEJO DE ACCÃO; DO DESEJO DE ACCÃO NASCE O EMPREGO DA FORÇA; DO EMPREGO DA FORÇA NASCE A NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO. A ORGANIZAÇÃO, UNINDO FORÇAS DISPERSAS, AUGMENTA A FORÇA DE CADA UM E AUGMENTA A FORÇA DE TODOS. DESORGANIZADOS, OS TRABALHADORES NADA PODEM; ORGANIZADOS, PODEM TUDO.

V. — FICAM, POIS, FIRMADOS OS PRINCÍPIOS E AS FINALIDADES FUNDAMENTALES DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA: REVOLTA CONTRA A INJUSTIÇA, LUTA CONTRA O REGIME DE DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS; ACCÃO PELA JUSTIÇA, LUTA POR UM REGIME DE IGUALDADE ENTRE OS HOMENS.

VI. — EM SYNTHESE: A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA, CONSOLIDADA SOB UM PRINCÍPIO DE JUSTIÇA, TEM POR FIM ESTABELECEER UMA SOCIEDADE EM QUE TODO O PRODUCTO DO TRABALHO UTIL DE TODOS SEJA DE FACTO PROPRIEDADE DE TODOS OS TRABALHADORES. (Cx.P. 11277 - CEP 05421 - SP)

CONCRETO NÃO FAZ FOTOSSÍNTESE



SÃO TANTOS COMPROMISSOS QUE NOS ROUBAM O TEMPO, TANTOS OBJETIVOS QUE NORTEIAM NOSSAS VIDAS QUE ESQUECEMOS DO QUE HÁ DE MAIS VERDADEIRO E MAIOR VALOR QUE TEMOS: A NATUREZA. DURANTE ANOS, MUTILAMOS NOSSO VERDE, NOSSO AMARELO, NOSSO AZUL E NOSSA BANDEIRA, POR CAUSA DISSO, OSTENTA CORES OPACAS, DESBOTADAS E SEM VIDA. MUITO SE FALA HOJE EM ECOLOGIA, MAS POUCO SE FAZ. NESTA CONFUSÃO QUE É NOSSA VIDA (EM TERMOS GÊNERICOS) NOS CONFUNDIMOS COM AS COISAS, POIS A MODA SE INSTALA COM RAPIDEZ E FICA DIFÍCIL PERCEBERMOS O QUE É VERDADEIRO E O QUE É PASSAGEIRO.

DENTRO DE NÓS, TEMOS SENTIMENTOS, QUASE NUNCA OS EXTRAPOLAMOS. E A NATUREZA É ARRUINADA PORQUE ESTAMOS PREOCUPADOS EM OCUPAR TODOS OS ESPAÇOS, NÃO IMPORTANDO O QUE TENHA PELA FRENTE. NOSSOS SENTIMENTOS COMO O AMOR, A AMIZADE, O CARINHO, SÃO SUPLANTADOS POR UMA FEBRE COMPETITIVA, QUE NOS LEVA A NÃO MEDIR ESFORÇOS EM BUSCA DE UMA POSIÇÃO.

TALVEZ NINGUÉM PERCEBA A RELAÇÃO, PORÉM BASTA PARAR E PENSAR, QUE VEREMOS QUE, NESSA PREOCUPAÇÃO EM OBTER MELHORES RESULTADOS, EM PROGREDIR, ESTAMOS DESTRUINDO LUGARES QUE NUNCA (DEVIAMOS) DEVERÍAMOS TER TOCADO, NEM CHEGADO PERTO, A NÃO SER, PARA OBSERVAR E CURTIIR. ESTAMOS NOS TORNANDO SERES FRIOS E INSENSÍVEIS. MATAS SÃO DERRUBADAS, AS ÁRVORES DA CIDADE SÃO MUTILADAS, GASES POLUENTES MATAM NOSSOS RIOS E ACABAM COM NOSSO AR RESPIRÁVEL. E O QUE FAZEMOS? DAMOS RASÃO EM NOME DO PROGRESSO. PÓRRA, DE QUE VAI ADIANTAR TANTO PROGRESSO, SE NÃO RESTAR NENHUMA ÁREA VERDE DENTRO DE POUCOS ANOS?

LEMBRA ALGUNS ANOS ATRÁS, QUANDO O VERDE TOMAVA CONTA DE GRANDE PARTE DO PAÍS, DA CIDADE? E AGORA? PRECISAMOS ANDAR MUITO PARA VER UMA ÁREA NÃO TOCADA PELO HOMEM, E MESMO O MUITO QUE ANDAMOS NÃO É SUFICIENTE, POIS A DITA "CIVILIZAÇÃO" CHEGA ANTES.

É VÁLIDO REALMENTE ESTE PROGRESSO? O QUE VAMOS PAGAR EM NOME DESTES SUPOSTO AVANÇO? DEIXAREMOS DESERTOS PARA NOSSOS FILHOS? REALMENTE, É HORA DE COMEÇARMOS A NOS PREOCUPAR COM OS ATENTADOS CONTRA A NATUREZA, POIS DEPENDEMOS DELA E SABEMOS. NINGUÉM "SAÍRA" IMPUNE DESSOS ASSASSINATOS, NEM ADIANTA LAVAR AS MÃOS. OU TODOS COMEÇAMOS A NOS MOVIMENTAR OU, LOGO SÓ VEREMOS O VERDE PINTADO NAS PAREDES, AQUELE DAS LATAS DE TINTA.

DINARTI³

EM BREVE:

ECOPUNK

UM GRITO PELA
ECOLOGIA

PUNK PELA PAZ NO MUNDO, PELO DESARMAMENTO NUCLEAR, FIM DA EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM E LIBERDADE PARA TODOS.

DEVEMOS TER EM CONTA QUE O PUNK NÃO É SO ANARQUIA DESCONTROLADA, NEM VISUAL, MUITO MENOS UMA MÚSICA PRIMÁRIA, EXECUTADA SELVAGEMENTE. PUNK É CRÍTICA FRONTAL, CRUA, CONTRA UMA SOCIEDADE OPRESSORA, EXPLORADORA E ESTAGNADA. É UM BRADO DE REBELDIA CONTRA TODO TIPO DE TIRANIA EXISTENTE NAS PALAVRAS "ORDEM", "BOM GOSTO" E "TUDO BEM". É O SENTIMENTO POSTO PRA FORA ENQUANTO OS MACACOS ACEITAM TUDO O QUE LHEM OFRECEM.

PUTA MERDA, PRECISAMOS DE MOVIMENTO, PRECISAMOS DE COISAS NOVAS ACONTECENDO A TODO INSTANTE. O PUNK SURTIU E ESTÁ PRESENTE PRA FAZER ESSA GURIZADA PENSAR; VEIO PRA BOTAR MEDO NAQUELES QUE ESTÃO SATISFEITOS COM ESSA MERDA DE VIDA, POIS ESSES NÃO ENTENDEM A VIDA. A VIDA É A REALIDADE ABSURDA EM QUE VIVEMOS. A VIDA É PODRE E É TRAIÇOEIRA. O PUNK VEIO PRA MOSTRÁ-LA COMO ELA É, SEM FANTASIAS, NEM ALIENAÇÕES. É PRECISO QUE SE DIGA NÃO SEMPRE QUE A LEI ENTERFERIR NOS NOSSOS DESEJOS, POIS ELA FOI FEITA POR PESSOAS QUE NÃO PENSAM COMO NÓS. ELA FOI FEITA POR PESSOAS INTERESSEIRAS QUE QUEREM LIVRAR O DELES E BOTAR NO NOSSO. POR ISSO É IMPORTANTE VOCÊ TER CONSCIENCIA E FAZER ALGUMA COISA CONCRETA PARA TENTAR MUDAR O PANORAMA. BOATES, BAILES E FESTIVAS SÃO APENAS DISTORÇÕES. QUEREMOS LUCIDEZ. QUEREMOS REPUDIO CONSTANTE AOS HORÁRIOS DETERMINADOS, A ACOMODAÇÃO REPUGNANTE, AS OBRIGAÇÕES. QUEREMOS IR À RUA E TER A CERTEZA DE QUE TEMOS ALGO EM COMUM: A LIBERDADE DE ESCOLHA. NUM PAÍS ONDE AS DIFERENÇAS SÃO ACENTUADAS, É PRECISO MARTELAR AINDA MAIS NUMA PALAVRA: IGUALDADE. É PRECISO TER UMA VISÃO ANTI-TUDO-AQUILO-QUE-É-IMPOSTO E TER REBELDIA SUFICIENTE PARA GRITAR UM SONORA

"NÃO À ACOMODAÇÃO".



FAÇA VOCÊ MESMO.

JOVENS FORÇAS ARMADAS PRECISAM DE VOCÊ
PARA MORRER PELA NAÇÃO
PARA LIMPAR AS BOTAS DO CARINHO
PARA SERVIR DE BUCHA DE CANNÃO.

A FEIÇÃO MILITAR

O SERVIDOR MILITAR É OBRIGADO A SER OBRIGADO, A SER OBRIGADO, A SER OBRIGADO... (text is small and partially illegible)

PELO FIM DO SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO.

PELO FIM DO SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO... (text is small and partially illegible)

MARIJUANA?

DIAMBA - COISA - BAURA - FUMO - MAROFA - MICONHA - BREU

GERERE

MACONHA

NO PONTO DE VISTA ANARQUISTA

NO BRASIL DE HOJE, SOB OS ARES DA NOVA (?) REPÚBLICA, INICIARAM DISCUSSÕES SOBRE A LIBERAÇÃO DAS DROGAS, ESPECIFICAMENTE A MACONHA. VOZES, TALVEZ MAIS ESCLARECIDAS, MAS APENAS NA TEORIA, LEVANTARAM-SE CONTRA. UTILIZARAM VÁRIOS ARGUMENTOS MÉDICOS, LANÇARAM MÃO DE TANTOS OUTROS MORAIS, E ASSIM POR DIANTE. É REAL QUE O CONSUMO AUMENTOU EM NOSSO PAÍS, BEM COMO NOSSA REGIÃO, SÃO

PÉ-DE-TUMIHO



GRANDES CONSUMIDORES DA CANNABIS. RASÕES DEVEM EXISTIR. FALAM EM ALIENAÇÃO, EM IRRESPONSABILIDADE, FALTA DE ESTRUTURA PSICOLÓGICA. HÁ UMA NUVEM DE PREOCUPAÇÃO NAS FAMÍLIAS. "ESSE RESPEITO: " SERÁ QUE MEU FILHO FUMA MACONHA? "; INTIMAÇÕES DO TIPO: " PORQUE ESSES OLHOS VERMELHOS E PEQUENOS? " MAS TODOS ESQUECEM QUE ESTÃO INTERFERINDO NA VIDA DOS OUTROS! ESQUECEM DE OLHAR SUAS ATITUDES E CAPTAR SUAS FUGAS!

A SOCIEDADE É SUJA. ALÉM DE QUERER DITAR MODAS, AINDA QUER QUE USEMOS NOSSO CORPO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DELES. ESQUECEM TAMBÉM QUE O ALCÓOL É TÃO OU MAIS PREJUDICIAL, ASSIM COMO O TABACO. SÓ QUE ESTE RECEBE APOIO GOVERNAMENTAL, E É LÓGICO, DIRIAM, PELA QUANTIDADE DE IMPOSTOS QUE GERA. MAS TODOS SABEMOS OS PREJUÍZOS QUE CAUSA.

FALAM AINDA NA RELAÇÃO DE CRIMES COM A MACONHA. ISTO É UM ANTIGO CONCEITO, ANTES DA DROGA SE INFILTRAR NA JUVENTUDE. NO ENTANTO, NÃO CONSIGO, PERCEBER ESTA RELAÇÃO, A NÃO SER COMO UM ATO NATURAL, OU MELHOR, OCASIONAL. ACREDITO QUE A MACONHA LIBERE OS SENTIMENTOS E AS ATITUDES JÁ EXISTENTES EM CADA UM DE NÓS. ASSIM, SE A PESSOA FOR VIOLENTA POR NATUREZA, É CLARO QUE ELA IRA SE TORNAR MAIS, POIS A DROGA VAI DESTRUIR O QUE RESTA DE BARRERAS. DESTRUIR NÃO SERIA BEM O TERMO, DIGAMOS ABAFAR. ACHO QUE O QUE DEVERIA ESTAR EM DISCUSSÃO, NÃO SÃO OS PROBLEMAS QUE ELA POSSA CAUSAR, NEM AS SENSACIONES QUE ELA PROVOCA. O QUE TEMOS QUE OBSERVAR É O DIREITO DE CADA INDIVÍDUO FAZER USO DO SEU CORPO, CONFORME SEU DESEJO. A MACONHA NUNCA VAI SER COMPLETAMENTE ERRADICADA. É DO INTERESSE DE MUITA GENTE, NÃO DE QUEM CONSUME, MAS DE PESSOAS QUE TRABALHAM POR TRÁS, DANDO FACILIDADES, QUEM SABE.

O QUE O GOVERNO E OS ÓRGÃOS QUE QUEREM CONTROLAR NOSSAS VIDAS PODERIAM FAZER, SERIA PROMOVER CAMPANHAS DE ORIENTAÇÃO, IMPARCIAIS E LÚCIDAS, E NÃO DITAR LEIS SEM NOSSA PARTICIPAÇÃO ONDE QUEM TEM O PODER NA MÃO E ESTÁ PROTEGIDO PELO ESTADO, PODE CHEGAR BATENDO E SAIR IMPUNE, EM NOME DA LEI E DA ORDEM!

DINARTI



REPRESSÃO NÃO!

EXPOSIÇÃO E LANÇAMENTO
DO LIVRO
**LÁGRIMAS
DE
GUERRILHAS**
DE 25 DE OUTUBRO
A 2 DE NOVEMBRO
DAS 9 00 ÀS 20 30 HS.
RUA GUIA LOPES, 885
SCENTS '85



EXPOSIÇÃO E LANÇAMENTO
DO LIVRO
**LÁGRIMAS
DE
GUERRILHAS**
DE 25 DE OUTUBRO
A 2 DE NOVEMBRO
DAS 9 00 ÀS 20 30 HS.
RUA GUIA LOPES, 885
SCENTS '85

CONHECI UM MUNDO ONDE NÃO EXISTE ÓDIO,
PRECONCEITOS, VALORES E NEM TEMPO PARA
GUERRAS. EU TAMBÉM JÁ FUI CRIANÇA!

**ATENÇÃO METALEIROS, DARKS,
ABOBRINHAS E GOCÔS EM
GERAL. VÃO TODOS SE FUDÊ!**

**PUNK É CRÍTICA FRONTAL E
GRUA CONTRA UMA SOCIEDADE
OPRESSORA, EXPLORADORA
E
ESTAGNADA.**



VISITE CAXIAS E TOME UM PORRE.



POR QUE NÃO RESTA MAIS NADA A FAZER.

JOHN TEX O PUNK CALHORDA



TA' PINTANDO O JOHN TEX Nº 2 AGUARDEN.

ANEXO B

FRAGMENTO DE FANZINE CAXIENSE DA DÉCADA DE 1990, NÃO FOI POSSÍVEL APONTAR O NOME DO TÍTULO.



PENSE DIFERENTE PENSEL BOM FÁCIL!

ROBOTO LUCHA

MILITARES
CÃES DE GUARDA DA BURGUESIA

Por uma alimentação digna e contra a exploração capitalista!
BOYCOT

Professores PRA QUEM?

Subterrâneo Zine
A/c Cebinho
Cx. Postal, 1589
Caxias do Sul-RS
Cep 95084-900 Brasil

ODIO REVOLTANTE ZINE
A/c Mock
R: Isabel Flores Huber
293 Urussanquinha
88900-000 Araranduba SC

COMBATENDO PARA VIVER

N/C CASCAO
R: Bento Gonçalves, 880, apt. 09,
centro, 95020/440
Caxias do Sul RS - BRASIL

Distrito
BANDEIRA NEGRO
CX. POSTAL 750 CEP: 22010-970
FLORIANÓPOLIS/SC
PRAXIM - EARTH
- NOT PRINTED -

NO DIA DA RESISTÊNCIA LIBRE
A/C: T-KILA EXIST
R: SEVERIANO BOEIRA DE VARGAS N: 1761
B: SÃO VICTOR CORAL C.E.P. 95065-000
CAXIAS DO SUL RS-BRASIL

Os PUNKS
TAMBEM
AJUAM

INFORMAÇÃO IMPORTANTE

A BURGUESIA TEM CONSCIÊNCIA DA SUA RIQUEZA DE SUA DOMINAÇÃO, DE SUA SUPREMACIA SOBRE OS POBRES POR ISSO CRIA O EXÉRCITO, PARA GARANTIR A SUA SEGURANÇA, PARA GARANTIR A SEGURANÇA DO ESTADO.

O EXÉRCITO TEM O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO PARA DOMINAR JOVENS DA SOCIEDADE PARA QUE SEJAM SEUS CÃES DE GUARDA, PARA QUE SEJA H SUBMISSOS ÀS SUAS ORDENS, Criam Questões PARA CONDENAR JOVENS INOCENTES A AJUDAR OUTROS JOVENS APENAS POR QUE SEUS GOVERNANTES DECLARAM GUERRAS ENTRE SI.

PENSE QUE O DINHEIRO QUE É GASTADO EM ARMAS E MUNIÇÃO PODERIA RESOLVER PROBLEMAS COMO A EDUCAÇÃO, A FOME E A SAÚDE. 15 DE NOVEBRÃO..., 7 DE SETEMBRO..., É MUITA FARSAS PARA UM SÓ PAÍS!

ANALIZE QUE PÁTRIA É ESSA, QUE DIZEM PARA MORRER POR ELA. QUE TE ROUBA, QUE TE APUNHA-LA PELAS COSTAS, ELES DIZEM "QU DEIXAR A PÁTRIA LIVRE OU MORRER PELO BRASIL" E VOCE NEM É LIVRE, E CONDENADO, SUBJUGADO, EXPLORADO, ES CRANIZADO, ENGANADO COMO EU, COMO TODOS NÓS, POR UMA PÁTRIA QUE EXISTE JUSTIÇA E LIBERDADE PARA QUEM PODE PASAR.

ass: CONSCIÊNCIA DA REALIDADE

LEIA, REPITA, PASSE ADIANTE, NÃO JOGUE FORA, SE JOGAR FORA JOGUE NO LIXO!

ANEXO C

FANZINE A ÚLTIMA BATALHA, DÉCADA DE 1990.

Cidades. Porque se não termos quem plantar. não teremos o que comer.

CHACINA

Trabalhadores rurais já foram vários vezes vítima de falistas que falam na paz mas protegem os governos e os fazendeiros. Policiais cheio de culpa que matam a sangue frio por obedecerem ordens. Bandidos escondidos atrás de portas prontos pra matar. Cães de guarda da burocracia.

E pra mostrar que no Brasil a nossa lei é incompetente os assassinos a solta caminhão livremente.

GOVERNO SÓ DESTROÍ FODA-SE OS GANANCIOSOS



A última
batalha

NÃO AOS TESTES
NUCLEARES

Não Queremos morrer vítima de uma bomba. Chega de destruição. Queremos viver para que possamos criar nossos filhos. PUNKS EM LUTA.

HIROXIMA E NAGASÁQUI - PASSADO NO PRESENTE

Na manhã de 6 de agosto de 1945 a primeira bomba atômica é lançada por um avião americano sobre a cidade japonesa de Hiroxima. Suspensa de um pára-quedas, explode a 600 metros de altitude. Num milionésimo de segundo, a explosão liberta uma energia equivalente a de 20.000 toneladas de TNT. Durante uma fração de segundo, no seu centro, o calor libertado atinge 100 milhões de graus centígrados. Tudo arde no raio de um quilômetro, os metais gaseificam-se, as construções caem em poeira, os seres humanos são reduzidos a cinzas. Tudo que vivia foi petrificado numa atitude de sofrimento indescritível.

No dia 9 de agosto foi a vez de Nagasáqui.

Diante desse "espetáculo" de destruição, HIROXIMA e NAGASÁQUI tinham deixado de existir!

CONSEQUÊNCIAS:

HIROXIMA: mais de 78.000 pessoas mortas, 190.000 pessoas feridas e 60% das casas destruídas;

NAGASÁQUI: mais de 30.000 pessoas mortas, 100.000 pessoas feridas.

Passaram-se 52 anos "vividos" sobre ameaça nuclear, será que ainda precisamos viver ameaçados?



HIROXIMA e NAGASÁQUI NUNCA MAIS!

É melhor sermos ativos hoje do que radioativos amanhã!

Nuclear

NÃO NUCLEAR!

O objetivo deste panfleto é de passar maior informação sobre as consequências que ocorreram e que ainda ocorrem depois de iniciada a "ERA NUCLEAR" em 16 de julho de 1945 em Alamosgordo, no deserto do novo México.



POLUIÇÃO RADIAATIVA: hoje o agente poluidor mais temido é a radiação. Existem mais de 375 reatores espalhados pelo mundo. De vez em quando apresenta falhas, espalhando o pânico e a morte. Em 1986 na Rússia, aconteceu o trágico acidente de Chernobyl, com a explosão de um de seus 4 reatores liberou uma nuvem de radioatividade que se espalhou por toda a Europa;

LIXO ATÔMICO: o lixo atômico vem gerando muitas desgraças e ainda não se sabe o destino à dar as várias toneladas criadas com os acidentes. Em 1987 no estado de Goiás no Brasil, um aparelho terapêutico desativado a base do elemento radioativo (Césio 137) foi abandonado num ferro velho, causando mortes e contaminações; em 1954, a ilha de Rongelap nos EUA foi coberta por poeira radioativa depositada de um teste de uma bomba ter explodido a 200 Km de distância;

TESTES NUCLEARES: ainda são realizados vários testes nucleares em todo o mundo, os mais recentes aconteceram na França;

ENERGIA NUCLEAR: a energia nuclear vai criar gastos financeiros, porque ela é desnecessária, existem vários outros meios de gerar fontes de energia, fontes renováveis que não vão por em risco vidas inocentes.

Os frequentes acidentes nucleares ocorridos em diversos países nos últimos anos, juntamente com a perigosa radioatividade que lançaram na atmosfera, levantaram uma nuvem de incertezas sobre o futuro da humanidade.

**Pelo fim dos testes nucleares/Pelo fim das usinas atômicas!
Queremos viver e não queremos mais desgraças!
Por um futuro não nuclear!**

MANIFESTO ANTI-NUCLEAR/97 LAXIAS DO SUL-RS-BRASIL



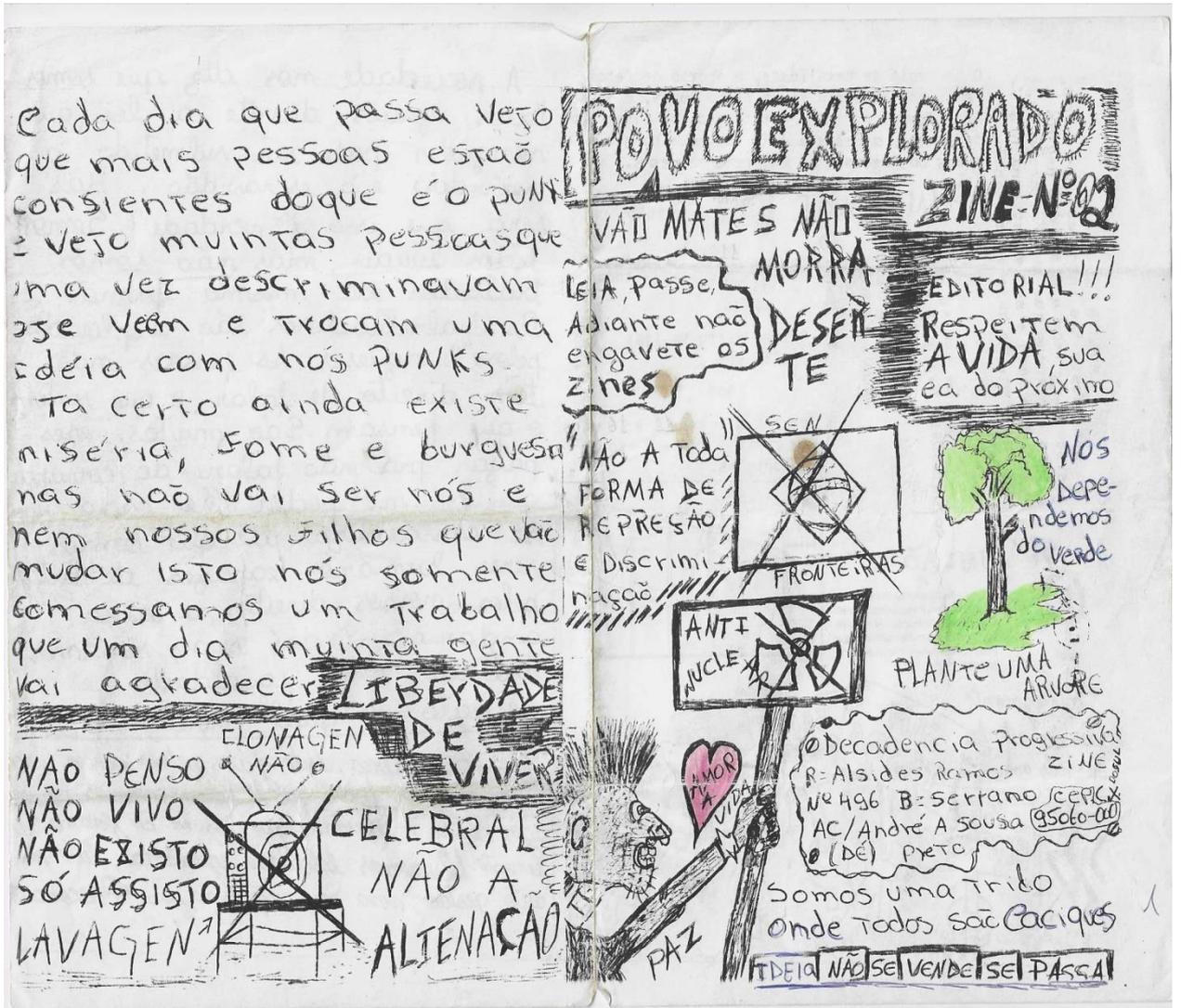
O trabalho traz a vida para o sertão e a cidade.
O povo trabalhador merece a felicidade.

TERRA É DE QUEM PRECISA

Muitos trabalhadores rurais não tem terra para plantar e por isso organizaram o movimento sem terra. (MST) que luta pelo arrendamento de famílias nas terras não aproveitadas pelos governos ou fazendeiros.
Trabalhadores rurais querem plantar para poder comer e para abastecer as pessoas que vivem nos

ANEXO D

FANZINE O POVO EXPLORADO, Nº 02, DÉCADA DE 1990.



MULHER
Que sua poesia nos introduza nas lutas, resistência, amor e vida, das negras, índias e brancas que se arriscam, coque, lutam, que caem e se levantam na história de ontem, de hoje e de amanhã.

O controle de natalidade, o aborto de fetos femininos em busca de um filho homem, a venda de mulheres para a prostituição, os casamentos forçados e a desigualdade no trabalho são algumas das agressões a mulheres chinesas.

PUNKS NOT

62% das mulheres assassinadas no Canadá em 1987.

FORAM VORNAS PULO MARIDO

PASSARAM POR MUTILAÇÃO SEXUAL

114mil

de mulheres em todo mundo

ESTUDO FEITO EM LIMA REVEIA QUE

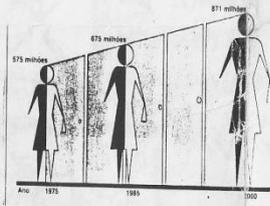
90%

das mães entre 12 e 16 anos na capital do Peru foram estupradas.



UNIÃO

No trabalho: na última década, 100 milhões de mulheres se incorporaram à força de trabalho mundial. Atualmente, há 675 milhões de mulheres assalariadas e seu número aumenta cerca de 13 milhões por ano.



A sociedade nos diz que somos todos iguais diante a lei, que ninguém pode ser submetido à servidão e à escravidão. Mas será que isso é verdade? Somos todos iguais, mas não somos tratados da mesma forma. Os trabalhadores são explorados pelos burgueses. As pessoas não tem direito de falar o que sentem e que pensam. São muitas vezes pagas pra não falar da corrupção que há no poder. Se cada um se conscientizar de que somos seres humanos capazes de lutar pelos nossos direitos, a coisa andaria. E daí sim, seríamos tratados com igualdade e respeito, o qual merecemos.

Levante a cabeça, lute, grite, proteste contra essa mídia burguesa podre que te oprime, vamos nos unir, agir contra a sociedade que nos vê de forma diferente. Queremos liberdade, igualdade, luto pela auto gestão, viva sem repressão, sem preconceitos

ANEXO E
FANZINE PENSE ÁGIL, Nº16, DÉCADA DE 1990.



MAIS UM FESTIVAL ORGANIZADO PELA SALEXA
 E QUE APENAS SE CONCRETIZOU PELA
 UNIAO DE TODOS NOS. MOSTRANDO MAIS UMA
 VEZ A SUA CULTURA E SEUS PROBITOS DE
 IGUALDADE PERANTE A TODO SER HUMANO.
 VEJAMOS QUE ISSO SEMPRE ACONTEÇA
 E QUE SEMPRE HAJA ESPACO PARA FESTIVAS
 AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUIRAM
 DEZARMEY
 O MUNDO
 ALIMENTE
 OS PAUVOS

**LIBERIDADE DE EXPRESSAO
 A TODO SER VIVO.**
PAUVES
 VOTE NUNCA

**MANIFESTAR-SE
 E DIREITO DE
 TUDO SER
 FIDELIDADE INDE
 PENDENTE DE
 TOR. QUISER
 DEMONSTRAR SUA
 INERTIA FALDO
 NAO SEI TALEI.**

**OBRIÇAO AS PESSOAS QUE
 COMPARECERAM NA COLAGEM
 DE CARTAZES E TAMBEM NA
 PAMFLETAGEM FEITA CONTRA
 OS GASTOS MILITARES EM
 ARMAS, E CONTRA A REPRESSAO**

OMENS E MULHERES LIVRES EM NOME DA HUMANIDADE. VIVA AO ABRAÇO

EDITORIAIS **SOMOS TODOS IGUAIS!!!**

**A TODO SER HUMANO QUE PROTEGE O MEIO AMBIENTE
 OBRIGADO. POIS SO COM UMA CONSCIENTIZACAO GERAL DE
 TODOS, CONSEGUIREMOS SALVAR O PLANETA.**

**ANIMAIS NAO TEM MUITA ODEZA PROPRIA, POR ISSO PRECISAM
 DE NOS. NAO COMPRE ANIMAIS SILVESTRES. MANTENHA-OS NA
 NATUREZA, ONDE ELIS PODERAO VIVER E SE REPRODUZIR.**

**E DEVER DE TODOS NOS RESPEITAR O PLANETA,
 NAO DEVEMOS EXTRAIR TUDO DA NATUREZA POIS
 SE NAO ALGUM DIA TUDO ISSO VAI SE ACABAR.**

**ADOPTA UM ANIMAL, LUTANDO PARA QUE ELE VIVA E PERMANECA
 NA NATUREZA, NO SEU HABITATE NATURAL.**

**NAO JOQUE LIXO EM TERRENAS VAZIAS,
 NAO JOQUE LIXO NO MAR. POIS UM
 DIA, PODE SER SO ISSO QUE A MAE
 NATUREZA IRA NOS OPERECER!!!**

**ADOPHAMOS O VERDE DA NATUREZA, E ODIAMOS O VERDE DOS
 MILITARES. CHERNOBYL NAO FOI SUFICIENTE, POIS
 ALIADOS MILITARES, INSISTEM EM REALIZAR TESTES
 NUCLEARES EM LHAS, MATANDO TUDO AO SEU REDOR.**

**ELES CAHAM POR
 PRAZER.
 E SE A CACA
 FOSSE VOCE?**

**CONTATOS ZINE PENSB AGIL
 TRACAMOS: ZINES, DEMO TARE
 E IDEIAS ME LIXO DRAMATID
 RUA: MANOEL SIKARES 545
 BARRIO SALVADO FILHO
 LAXIAS DO SUL R/5
 CEP 95098-300
 PLANETA TERRA =**

ANEXO F
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR ROBERTO MARCON AO
AUTOR VIA WHATSAAP EM 01/06/2021.

Pesquisa História do Movimento Punk em Caxias do Sul
A Expressão Punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997.

Entrevistado: Roberto Marcon

Entrevistador: Álisson Oliveira da Costa.

Data: 01/06/2021.

Local: Através de vídeos via aplicativo Whatsaap.

Contato do entrevistador: aocosta2@ucs.br

Pode nos dizer o seu nome completo e como foi o seu primeiro contato com o punk rock? Sabe nos dizer quando e como o punk rock chegou a Caxias do Sul?

Meu nome é Roberto Marcon. Meu primeiro contato com o punk rock foi relacionando às músicas, que eu comecei a conhecer né? Através de amigos, através da Ipanema FM, através de alguma literatura... E o punk chegou a Caxias do Sul entre 1985 e 1986, quando começaram, assim como comigo, as outras pessoas se identificarem com esse material que vinha chegando tá? Tanto pela rádio quanto por literatura, quanto por LP'S que começaram a chegar timidamente.

Como a Detrito Urbano foi formada?

A Detrito Urbano ela foi formada a partir da intenção de duas bandas, eu vocalista e o baterista éramos muito próximos e estávamos muito identificados com o propósito do punk. O guitarrista e o baixista, eles foram integrados a partir da não confirmação de uma banda de um bairro próximo, que não era uma proposta punk rock, mas que eles se interessaram... Se identificaram com as letras que eu estava fazendo e com a proposta. Então aí surgiu a Detrito Urbano em final de 86 e início de 87.

Na pesquisa já conseguimos saber nome de outras bandas punks de Caxias do Sul do final da década de 1980 como: a Pele e Osso, Parto de Macaco e Desordem e Regresso. Havia alguma interação da Detrito Urbano com essas bandas? Tocavam ou ensaiavam juntos? Organizavam festivais?

Então, todas as bandas citadas aqui: Pele e Osso, Desordem e Regresso e Parto de Macaco, eu ouvi falar. Nós não tínhamos interação, até porque era muito segmentado o circuito tá? Não existiam redes sociais, não existiam ferramentas que possibilitassem a aproximação. Sabia da existência... A gente não tinha uma interação, nunca tocamos

juntos, nunca vi um show dessas bandas, eu apenas ouvia falar por contato de pessoas que diziam que existiam as bandas, então esses três nomes são familiares a mim.

Onde eram os shows da Detrito Urbano? Quais locais a banda costumava se apresentar? Eram shows em festivais punks ou com bandas de vários estilos?

Os shows da Detrito Urbano, de uma maneira geral eram: em escolas, em comunidades, em salões ou em garagens. Nos primeiros tempos ela se apresentou sozinha ou em festivais que não tinham a ver com o movimento punk, eram... Normalmente ela era a banda punk do festival, só no final que a Detrito Urbano participou de festivais punks, já em 1990, mas não em Caxias do Sul.

Outro entrevistado nos falou sobre o fanzine Ovo Podre editado em Caxias do Sul entre 1987 e 1989 e reeditado entre 1990 e 1992. Os integrantes da Detrito conheciam esse fanzine? Havia outros fanzines em Caxias do Sul na época? Vocês chegaram a editar algum?

Conhecia o Ovo Podre sim, eu li algumas edições, umas duas eu acho, não conheci outros fanzines na época e a Detrito Urbano não editou nenhum.

A Detrito chegou a se apresentar fora de Caxias do Sul? Se sim, como foi o convite para participar desse show? Conheciam outras bandas punks de fora da cidade?

A Detrito Urbano se apresentou fora de Caxias. Os dois últimos shows foram em Novo Hamburgo no ano de 1990, fomos convidados a partir de um encontro em um show em Porto Alegre, a primeira vez que a banda Sepultura se apresentou em Porto Alegre, e fizemos amizade com um grupo do movimento punk de Novo Hamburgo e o pessoal estava organizando festivais e acharam interessante... Eu mandei um pouco, depois pelo correio, um pouco da história da Detrito: onde se apresentou e algumas letras, acharam bastante interessante e nos convidaram para um festival que o pessoal estava organizando lá. Nos apresentamos em maio e julho de 1990 e foram os dois festivais exclusivamente punks que a Detrito participou. E bandas... Os nomes das bandas do festival eu desconheço.

Havia algum tipo de censura ou repressão aos punks no período em que a banda esteve ativa?

Havia a censura e repressão sim porque era um período muito recente, pós- ditadura militar, mas não necessariamente com os punks, mas era com a juventude em geral, que saía a noite. Obviamente que pelo visual a gente era muito visado existia muito atraque, a gente chamava de atraque né? Quando os policiais chegavam e pediam pra gente encostar na parede e aí éramos revistados, algumas vezes havia um abuso de autoridade, mas não necessariamente e exclusivamente ao movimento punk, mas era, digamos o padrão da época de abordagem.

Havia algum grupo ou coletivo punk organizado na época?

Os grupos ou coletivos punks nesse período que vivenciei em Caxias de 86 a 90, eles eram muito segmentados, de uma maneira geral era o grupo daquela comunidade né? Por exemplo, o Detrito Urbano tinha os seus seguidores e em outros lados da cidade tinham os seus seguidores, mas não existia um movimento organizado até porque, claro, faltava o que hoje tem, uma rede social que pudesse estimular a aproximação. Era tudo muito segmentado, claro que em alguns festivais que o Detrito participou eu percebia a presença de punks que eu não conhecia e também íamos em lugares, alternativos, onde se percebia a presença de punks também que não eram do nosso grupo. Mas não existia uma união, era tudo muito segmentado, provavelmente assim como o Detrito Urbano teve seus seguidores em seu grupo, o Pele e Osso teve o seu, o Desordem e Regresso teve o seu e etc.

Onde o pessoal da sua banda se encontrava com amigos para conversar?

Um ponto de encontro que era padrão todo o sábado à tarde, eram os ensaios da banda. A banda ensaiava pontualmente todos os sábados à tarde, então a galera já ia ver os ensaios, os ensaios aconteciam nos fundos da casa dos meus pais. Começou com cinco, seis pessoas olhando, daqui a pouco tinham... Teve dias com vinte, trinta pessoas olhando numa peça de doze, catorze metros quadrados, então ela realmente era algo assim de bastante aglomeração, ficava gente pro lado de fora. O outro... Existia também algum bar né? Algum bar próximo que a gente se identificava eu daí então... Ou a noite pra fazer um encontro pra depois sairmos ou num domingo pra gente também se encontrar, jogar conversa fora e se reunir. Tinha o bar, no caso cito na segunda formação do Detrito o Bar do Patinhas, até hoje nós ainda temos um grupo de whatsapp com esse nome que é o pessoal que fazia parte da época e que se reunia.

Vocês já tinham alguma ligação com o anarquismo? Chegaram a ler e estudar sobre o tema?

A gente leu sobre o anarquismo tá? Mas não tínhamos uma ligação com o anarquismo enquanto, digamos assim, enquanto movimento, tentávamos seguir algumas ideias do anarquismo, mas éramos mais voltados na época a um movimento de esquerda de uma maneira geral, partidário. Então tínhamos aquela ideia de igualdade social, de diretas já, de uma posição mais contrária o que havia até pouco tempo antes gerido o Brasil, que era o regime militar, então a gente pensava... A gente se identificava mais com uma proposta esquerdista, inclusive participamos, ao longo da Detrito Urbano, de shows que inclusive eram para arrecadar fundos pra partidos como o PT, PCB... E questão de estudar além do anarquismo, marxismo, socialismo, o próprio punk em si, o movimento punk que surgiu na Inglaterra, enfim...

Como e por que a Detrito Urbano encerrou suas atividades?

O Detrito Urbano encerrou suas atividades por uma série de fatores. A partir de 89 os espaços para apresentações começaram a reduzir, existia até 89 todo um contexto de rock, não só em Caxias do Sul, mas a nível nacional, movido desde o *Rock in Rio* de 85 e onde, de uma maneira geral, a mídia abriu espaço para todas as vertentes do rock. E apesar do punk ser, digamos, a vertente mais radical do rock existia um espaço claro, inclusive, para o punk rock: o punk rock tocava nas rádios, o punk rock chegou a apresentar-se na década de 80 em programas de TV alternativos, em revistas e nas rádios também, então existia o espaço de apresentações. A partir de 89 aquilo foi esfriando e a gente começou a ter menos oportunidades de ensaiar e na metade de 90, com a minha mudança de cidade, fui morar na região metropolitana de Porto Alegre, foi a pá de cal em cima do Detrito Urbano. Detrito Urbano se apresentou pela última vez em 29 de julho de 1990 no festival em Novo Hamburgo, que já o estava recentemente residindo próximo e não teve mais condições de dar continuidade aos ensaios a partir daí, então foi o encerramento da banda.

Tá fora do contexto das perguntas, mas falar um pouco sobre o Detrito. Ele começou então a efetuar os ensaios no início de 87 e já em 87 a gente teve duas apresentações na escola Melvin Jones no bairro Planalto, tivemos uma apresentação... As do Melvin Jones foram exclusivamente da banda, tivemos uma apresentação em um festival na escola Imigrante também em 87, que era um festival genérico e fechado a talentos artísticos da escola e o nosso guitarrista era estudante do Imigrante. Em 88 participamos do segundo ópera rock Imigrante onde foi o maior público que o Detrito tocou, ele tocou para mais de mil pessoas, sendo a banda que encerrou o festival, era um festival também diverso. A opção do Detrito encerrar não foi por ser a banda mais famosa, mas a que tocava um som mais enérgico, então foi essa a escolha de fechamento. Em 89... Em 88 ainda tocamos mais uma vez na escola Melvin Jones, fizemos uma apresentação numa gincana no calçadão de Caxias também, tocamos em garagens e em festas de arrecadação para o PT e PCB paras as eleições em 88. Em 89 tocamos no primeiro MJ Festival, também que era um festival de dois dias promovido pela escola Melvin Jones, também um festival de estilos diversos. Em 1990 os dois shows de Novo Hamburgo, esses sim, dois shows de festivais punks, aí em 1990 já existia um movimento mais estruturado que seguiu ao longo de 90, mas a Detrito Urbano encerrou por aí.

Quantos anos você tem?

Tenho 51 anos.

Em que bairro a banda nasceu?

A banda era da Vila Ipiranga - Bairro Cristo Redentor

A literatura que se referes eram revistas?

Sim haviam muitas revistas de música na época... Eu tinha assinatura da Bizz, que apesar de genérica, trazia algumas reportagens sobre o Punk. E tinham outras revistas também. Após me aprofundar mais sobre o movimento, em 1987 consegui o contato da New Face Records, de São Paulo, que além de comercializar LPs e K7s, comercializava camisetas, bottons e também Zines, que lá eram bem estruturadas e traziam muita informação de bandas novas que surgiam...

Quais bandas vocês ouviam na radio e compravam lp's?

Sobre música, vai por linha de tempo:

1985 - Camisa de Vênus, Os Replicantes.

1986 - Detrito Federal, Plebe Rude, Garotos Podres, Cólera, Dead Kennedys, UK Subs.

1987 - Além dos já citados, The Clash, Sex Pistols, Os Inocentes, Ratos de Porão, Ramones, The Vibrators, The Exploited, e à partir da descoberta dos selos New Face (que era da Banda Olho Seco) e Ataque Sonoro (que era da banda Cólera), a porteira abiu geral e havíamos todas as bandas ativas no Brasil, Europa (Reino Unido e Alemanha), EUA e países nórdicos como Finlândia e Suécia. Alguma coisa da Argentina também.

Qual a ligação de vocês com a escola Melvin Jones? Eram estudantes?

Eu estudei fundamental e médio no Melvin Jones. Os bateristas também, e o último guitarrista. Tivemos o primeiro guitarrista do Imigrante, que justifica a identificação dos shows citados de lá.